# A Saga Magister-Auctor

## A era dos aprendentes

Idrissa Zoungrana

# A Saga Magister-Auctor

## A era dos aprendentes

Idrissa Zoungrana

*Para Manuel, Sebastião*
*e Olívia*

## Uma nova era?

Crianças na escola, sim, mas todas as crianças? Uma escola para todas as crianças era possível? Ou foram algumas crianças deliberadamente mantidas fora da escola?
No início do século XXI da Era Cristã, o nosso hectano 120, John, Jeanne, Paulo, Maria, Catherine e Joana, Anne, Sebastiaan e Alan viviam naquela parte do planeta então chamada Europa em duas hoje desaparecidas cidades com o nome de Oostende e Lisboa. Naquela época, naquele mundo, cada Estado-Nação desenvolvia as suas próprias regras sobre o ensino, a escola e o estatuto das crianças.
Havia atitudes conflitantes em relação às crianças às quais eram atribuídas dificuldades de aprendizagem ou das quais se dizia terem deficiências múltiplas graves… Desenvolver uma visão simples, heterogénea, pluralista e cosmopolita era pedir demais. Gostava-se de ordenar e separar. Declarações como a de Salamanca foram elaboradas para contornar a divisão? E essa era a questão chave? Aparentemente sim, foi, quando se trata de regulamentações legais.

Lisboa situava-se em Portugal. A disposição legal daquele Estado-Nação dizia que todas as crianças poderiam frequentar uma escola universal. Existiam centros médico-pedagógicos especiais para crianças com necessidades mais complexas requerendo apoio intensivo. As crianças com deficiência múltipla grave poderiam, portanto, frequentar uma escola universal que dispunha de uma equipa multidisciplinar para cuidar delas. Bem, pelo menos no papel.

Oostende ficava na Flandres, coincidentemente também na Bélgica. Naquela época específica e em parte como resultado das leis de ensino obrigatória em vez de escolaridade obrigatória, o ensino doméstico proliferou claramente tanto no ensino primário como no secundário. O ensino doméstico era visto como uma alternativa para crianças e jovens com deficiências múltiplas graves que, de outra forma, acabariam em determinadas instalações de assistência social.

Nos Países Baixos, um país que fazia fronteira com a Bélgica, prestava-se cuidados aos jovens dentro e ao redor da escola. Os professores recebiam apoio para lidar com crianças quando os adultos alegaram eles terem problemas comportamentais ou outros problemas de crescimento. Alunos com deficiência ou transtorno mental recebiam orientação e cuidados pessoais em sala de aula.

Na Noruega — situada mais a norte do mesmo continente — não existia isenção da escolaridade obrigatória. Todas as crianças, independentemente da natureza e gravidade da deficiência descrita, estavam matriculadas na escola universal mais próxima. Nessas escolas havia medidas ou cuidados específicos para crianças com necessidades educativas específicas. As anteriores escolas de educação especial tornaram-se centros de especialização que ofereciam apoio para escolas universais.

O então vizinho país Suécia também não tinha um sistema de isenção da escolaridade obrigatória. Commumente, as crianças diagnosticadas com o que era descrito como deficiência múltipla

grave eram incluídas nas escolas universais locais onde ficavam alojadas em classes especiais, com currículo específico.

E indo mais para leste… aulas integradas eram a norma na Polónia das escolas universais. Apenas crianças com deficiência intelectual profunda eram enviadas para escolas especiais.
Outros estados eram um pouco mais relaxados. Foi o que aconteceu na Hungria, por exemplo. Embora as crianças com deficiência múltipla grave fossem legalmente obrigadas a frequentar a escola, na prática não o faziam. Muitas vezes ficavam em casa ou frequentavam creches ou internatos.

Em França ficando ao sul da Bélgica e bem ao norte de Portugal, mesmo no início do século XXI da Era Cristã as crianças com deficiências múltiplas graves continuavam ainda muitas vezes na responsabilidade de escolas de educação especial. Não havia isenção da escolaridade obrigatória e cada criança recebia um '*plano educativo personalizado*'. A implementação e avaliação desse plano eram monitorizadas regularmente por uma equipa educativa.

O Sudeste da Itália tinha uma lei de inclusão na educação universal. As crianças com deficiência frequentavam uma escola universal, independentemente da natureza ou gravidade da deficiência identificada pelos adultos. Havia escolas especiais para deficiências múltiplas graves que geralmente eram geridas por instituições privadas de saúde.

Em suma, para crianças com o que se poderia identificar como limitações físicas ou psicológicas de natureza biológica, parecia haver uma atenção específica em muitos

estados-nação daquela parte do mundo, implementada de diferentes formas.
Mas muitas vezes a estrutura escolar não estava adaptada à vontade de aprender de muitas outras crianças, fazendo com que se dizia que elas apresentavam desajustes. Eram então extensamente descritas. Não poucas vezes a fronteira entre a deficiência psicológica biológica e o desvio culturalmente determinado era ofuscada. A primeira metade do século XXI, chamada por muitos antropogogos de *Era dos Aprendentes*, foi um período repleto de tendências diversas.

***

Apresentamos o nono episódio da saga familiar de Alberto Auctor. Três mulheres se destacam claramente.
Joana e Catherine Demeester têm os papéis principais. Em 2025 DC (120.25 HE) publicam as primeiras propostas de análise ignarométrica com caracter interpretativo para o estudo de grupos de pessoas sob forma de comunidade, nação ou sociedade.
As irmãs Demeester estão interessadas no relacionamento entre pessoas em vários contextos sociais que por si também são ambientes de aprendizagem e não tanto em sistemas escolares legalmente regulamentados. Através da história que nos conta acerca de Catherine e Joana, Idrissa Zoungrana retrata uma época na qual quem detém o poder exerce controle sobre quais indivíduos estarão sujeitos a quais regras não universais.
No decorrer da história, Greta Campos assume pouco a pouco protagonismo. Após a morte do seu avô Paulo, ela ocupa-se do

arquivo tanto a biblioteca do avô quanto de todos os escritos e as publicações relacionados à análise ignarométrica em sociologia com a ajuda do seu primo Alexandre.

Os investigadores que costumam frequentar o Espaço JCD consideram por norma Joana Demeester como sendo a última representante da segunda dinastia Magister-Actor. Como veremos neste e no próximo episódio da saga, isso tem a ver com dois fatores: muitos historiadores de Bibliopolis que hoje estudam a análise ignarométrica consideram Joana como a figura-chave no desenvolvimento de tentativas anteriores de relacionar a arrogância e a ignorância, determinando o os tipos puros ou tipos-ideal de comportamento humano em relação à própria espécie.

Mais tarde é Greta, filha de Catherine e sobrinha de Joana, quem dá continuidade ao carácter antropogógico da linha dinástica. Isso fica claro assim que Greta começa a catalogar os livros e documentos da biblioteca de Paulo Demeester.

Maria Liber
Bibliopolis, 122.25

## Comunidades de aprendizagem dentro e fora da escola

### O clube de debate

"Joana, estás pronta?" Catherine chama a sua irmã escada acima.
"Já vou," responde a irmã, que ainda está a experimentar os seus novos aparelhos auditivos. Eles são muito pequenos de forma a caber no ouvido como um fone personalizado.
Ela desce as escadas e as irmãs caminham juntas até a paragem do autocarro. A partir de hoje, estão novamente na mesma escola, agora que a Joana inicia o ensino secundário inferior enquanto a Catherine frequenta o secundário superior.
"O paizinho também deu-te todo tipo de conselho quando mudaste para o ensino secundário?" pergunta Joana assim que entram no autocarro.
Catherine ri e enumera: "Cuidado no autocarro, na rua, na escola, quando vais comer fora da cantina com os amigos, já deves ter ouvido tudo isso também…"
Joana suspira: "Sim, e também não te preocupes se não compreendes imediatamente alguma coisa dos trabalhos, dos horários de aulas, dos professores."
Catherine comenta: "Pobre paizinho, às vezes ele é tão 'estrangeiro'. Ouvi-lo dizer à mãe que ele tem dificuldade em imaginar a nossa vida na escola porque ele próprio, tendo passado a infância numa cidade pequena, costumava ir de bicicleta ou a pé para a escola que tinha menos alunos que a nossa."

Joana ri: “Ele às vezes fica meio perdido. Mas mesmo assim é um amor. Ele disse-me ontem que, assim como tu, posso sair da escola ao meio-dia, mas sempre tenho que te dizer para onde vou. Aparentemente tu não tinhas que contar a ninguém o que estavas a fazer na hora do almoço.
Catherine abraça a irmã. “Isso é porque eu sou a irmã mais velha e tu es a irmã mais nova,” diz ela rindo. Ela olha para o telemóvel onde aparece uma nova mensagem e diz: “Fixe! Temos dois novos rapazes na turma. Estou curioso!”
Quando descem do autocarro, a amiga de Joana está à sua espera. Elas têm um encontro marcado com a diretora de turma. Juntos vão para a sala de professores onde são recebidas de forma amigável. A professora explica que a função de diretor de turma dos alunos do primeiro ano do ensino secundário costuma ser atribuída a quem tem uma maior carga horária com a turma. Ela ensina matemática e ciências, pelo que terão aulas com ela quase todos os dias. Joana explica que na altura da matrícula foi combinado que lhe seria atribuído um lugar na sala de onde pudesse observar facilmente o rosto da professora ou do professor e que a amiga ficaria ao seu lado para lhe dar apoio. Ela explica que a leitura labial é um apoio importante. A diretora de turma acha que tudo correrá bem e incentiva Joana a não hesitar em contatá-la caso precise de mediação com algum professor. Mais tranquilas, as meninas vão para o pátio onde reencontram velhos amigos da escola anterior e conhecem muitos novos colegas. Joana vê ao longe a irmã que conversa muito animadamente com um rapaz, talvez uma daquelas duas caras novas, pensa.

Poucos dias depois, as irmãs caminham com alguns amigos pela avenida que conduza a um dos seus locais de almoço preferidos. Catherine apresenta Steven Bird à irmã e a usa amiga. É o rapaz com quem Joana a viu a conversar no primeiro dia de aulas e de facto um dos dois novos elementos da turma dela. O pai dele é dos serviços diplomáticos britânicos e até agora estava num consulado do Reino Unido no Brasil. No verão passado foi nomeado para a embaixada em Lisboa. Steven está muito feliz com a mudança. Na metrópole brasileira ele não tinha autorização para circular livremente. Sempre era levado de carro para todo lado e frequentava uma escola privada. Agora a família mora perto da escola secundária pública, pelo que pode simplesmente andar a pé e sair com os amigos depois da escola até aos parques do bairro ou à beira do rio. A Joana e a amiga também o acham imediatamente muito simpático. Ele tem um engraçado sotaque anglo-brasileiro que Catherine imita logo. Steven sonha em tornar-se piloto profissional. No ano passado no Brasil já obteve o certificado para fazer voos a solo com planadores.
Os jovens regressam juntos para a escola e concordam em fazer da ida à esplanada uma atividade semanal.

Nessa tarde, o clube de debate de estudantes do ensino secundário organiza um debate no âmbito de uma série tendo a cooperação internacional como tema. Catherine é membro do clube e já convidou o pai para a última atividade do ano letivo em curso para falar da cooperação internacional na educação.
Hoje Hypolite d'Ailleurs falará sobre as suas experiências como consultor para iniciativas de economia social e solidária.

Joana convence a irmã a comparecer ao debate. Pouco mais de dez alunos aparecem e sentam-se em círculo. Ambas as irmãs estão muito empolgadas com as histórias de Hypolite. Ele começa com a pergunta: “Quanto tempo vocês levam para ir de casa até a escola?”

As respostas variam, é claro. Catherine diz que demoram mais quando apanham o autocarro: cerca de vinte minutos. “Mas se um dos nossos pais nos traz de carro, demoramos dez minutos”, acrescenta. Um dos colegas diz levar facilmente meia hora. No regresso a casa são apenas vinte minutos, pois a rua vai descendo. Ele mora mais perto da escola, e vem a pé.

“Vinte minutos de autocarro, vinte minutos a pé rua abaixo”, continua Hypolite. “Vocês sabem que distância uma pessoa percorre a pé em vinte minutos?” O colega de Catherine diz que verificou numa planta: ele mora a cerca de dois quilómetros da escola.

“Certo”, diz Hypolite. “Uma pessoa que viaje numa estrada ou num caminho plano percorre cerca de cinco quilómetros por hora a pé sem grande esforço.” Ele olha para Catherine e continua: “Dez minutos de carro… São sensivelmente oito a dez quilómetros. A pé, levavas aproximadamente duas horas no mesmo trajeto. Certo. Sabem alguma coisa acerca de São Tomé?”

“É uma ilha na costa africana”, diz um dos jovens. “Pertenceu a Portugal.”

“Pertence a…” diz Hypolite, “Hmm. Exploradores portugueses pisaram-na pela primeira vez. A ilha estava desabitada na época. Ninguém tinha muita vontade de morar lá, mas depois

da ocupação do Brasil, os comerciantes acharam útil usar a ilha como ponto de passagem para os navios que atravessavam o Oceano Atlântico ao sul do equador. Logo, o então governo Português exilou pessoas indesejadas para São Tomé, tornando a ilha permanentemente habitada. Não raras vezes envolviam famílias judias expulsas de Portugal católico. Continuando: e sabem o que é uma Roça?"

Há um breve silêncio e então alguém diz: "Isso não é algum tipo de plantação?"

"Algo assim," continua Hypolite. "No início os residentes permanentes de Portugal importaram escravos da África para cultivar plantações de cana-de-açúcar e cacau. Mas como os escravos estavam bastante próximos do seu país de origem, havia muitas revoltas. Gradualmente, os portugueses, e mais tarde outros comerciantes europeus, optaram por plantações no Brasil e exportavam escravos para lá. São Tomé tornou-se assim principalmente um porto de trânsito. Mais tarde, sobretudo nos séculos XIX e XX, a procura de certos produtos provenientes dos trópicos aumentou muito: café, açúcar, cacau. As plantações de cacau e café em São Tomé foram reiniciadas e os proprietários portugueses continuaram a recorrer principalmente a escravos negros e mais tarde servos meio livres. Eles continuavam muito pobres e viviam na Roça, na plantação. Desde a Revolução dos Cravos de 1974, São Tomé e a vizinha ilha do Príncipe são independentes, mas muitas pessoas ainda vivem em condições muito difíceis.

Passei vários meses intermitentemente na Roça *Àgua Izé* há alguns anos. Lá conheci o líder dum projeto no qual fui

convidado a participar, Hipólito Santos."
Há risadas e Hypolite ri também. "Sim, eu sei, tornamo-nos uma espécie de Dupont e Dupond de Tintim: Hipólito e Hypolite. Alguns anos antes de eu o conhecer, ele tinha sido convidado para ajudar a iniciar numa dependência da Roça um projeto maluco, imaginado por quem nunca ou raramente visitou o local. Naquela época eram preciso 3 horas para percorrer os 16 km de um caminho quase inexistente entre a Roça e a dependência com um veículo todo-o-terreno à velocidade de um pedestre numa estrada plana. Hipólito fez parte de um grupo internacional de consultores encarregados de ajudar a estabelecer pequenos negócios sustentáveis em tempo recorde, a pedido do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) financiado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).
Depois de conhecer a vida das pessoas no local, ele achou que o projecto era impossível. Mas ele estava quase sozinho na sua convicção. Distanciou-se do projeto e explicou ao diretor local do PNUD o que ele pensava que deveria ser feito. As mulheres tinham que estar totalmente envolvidas no projecto, algo que não estava previsto na proposta inicial, mesmo sabendo que eram elas a fazer a maior parte do trabalho na plantação. Eram também elas que passavam a maior parte do tempo na dependência da Roça."
"E isso foi possível?" — pergunta Catherine.
"Ele reflectiu muito tempo com a equipa com quem trabalha em Portugal. Eu tinha acabado de chegar da França e conheci por acaso aquela equipa. Pensámos que poderíamos montar um

programa mais barato, que envolvesse não só essa dependência da Roça, mas também outras. Propos-se a nova versão diretamente ao PNUD e à OIT. A ideia era de juntar pequenas delegações compostas por 3 mulheres de cinco dependências da Roça por curtos períodos em momentos regulares ao longo de dois anos, realizando uma investigação-ação participativa com uma comunidade de aprendizagem e sensibilização. Afirmamos que seria possível:

- criar um núcleo de mulheres empreendedoras prontas para intervir na vida colectiva;
- dar a sensação de conseguir construir colectivamente um futuro melhor;
- fazer com que cinco dependências da Roça trabalhem em conjunto na procura de soluções comuns;
- construir projectos intercomunitários económicos, sociais e culturais;
- dar às mulheres acesso ao crédito, pois elas tomariam a iniciativa com as próprias mãos e tornar-se-iam mais conscientes dos seus direitos;
- concretizar, a médio prazo, pequenas empresas criadas por mulheres, homens e jovens.

E foi isso o que no fim aconteceu: três anos após o início, surgiram perto de quarenta pequenas iniciativas sócio-económicas que proporcionaram novos rendimentos a mais de cinquenta pessoas. Formaram-se quatro associações de mulheres para autofinanciamento. Ao todo, 150 mulheres estiveram envolvidas na investigação-ação participativa. Não sem importância foi a evolução da equipa técnica local que

gradualmente e junto com os representantes comunitários aprendeu a utilizar instrumentos coletivos de autoavaliação. Tornaram-se capazes de ajustar a sua intervenção de forma eficiente e de ter melhor em conta o que a própria população lhes ensinava sobre o desenvolvimento local."

"Isso é o que você experimentou ou outros relatam-no também?" pergunta um dos jovens ouvintes.

"Uma boa pergunta", diz Hypolite. "No final de 2001 podia-se ler o seguinte nos relatórios oficiais dos especialistas da Organização Internacional do Trabalho (OIT), da Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) e do PNUD (o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento): *'Os resultados foram de longe superadas devido ao trabalho com as mulheres, nomeadamente a intenção de criar sociedades comunitárias genuínas a partir de grupos de trabalhadoras das plantações que, habituadas à pobreza e à passividade, costumavam desistir facilmente'* e *'A vida das pessoas das cinco dependências que beneficiaram da recuperação das ferrovias melhorou consideravelmente. No entanto, foram as mulheres que mais beneficiaram até agora, porque, a partir de uma posição inferior, conseguiram ganhar autoconfiança (e auto-estima) e são agora empreendedoras dinâmicas'.* Os especialistas dizem que é inegável que a *'Metodologia da OIT'* deveria ser ampliado.

Mas esta última declaração não é vinculativa e pode permanecer não vinculativa para sempre."

"Dizer isso também não é uma desistência fácil?" Joana pergunta, um tanto tímida.

Hypolite olha-a longamente antes de responder: "Eis um

comentário muito pertinente, senhorita! E é muito difícil responder. Prefiro falar sobre o que a experiência me ensinou. Os indivíduos da nossa sociedade, orientados pelo dinheiro e os amantes dele, dizem muito sobre como '*ajudar as pessoas e as áreas pobres a desenvolverem-se*' mas têm apenas o seu próprio modelo em mente. E sabem muito bem que este modelo se baseia na exploração das pessoas. Portanto, a preocupação deles é hipócrita. E eles mesmos sabem-no. Juntamente com as pessoas com quem trabalho, tenho tocado pontos sensíveis ao longo de vários anos e, por vezes a estratégia aqui utilizado resulta localmente. Prefiro ter cuidado com o que chamo as ações de apaziguamento de consciência do bom capitalista. Sinto o mesmo em relação àqueles movimentos que se autodenominam alternativos, preocupados em fornecer tecnologia barata para quem ainda não tem tecnologia, mas não estão interessados em soluções tecnológicas verdadeiramente sustentáveis para todo o planeta."
Steven então pergunta: "Mas em que consiste exatamente essa investigação-ação?"
"Para o técnico tudo se resume à olhar com muito cuidado para perceber todas as variantes que vão determinar o sucesso da intervenção em que vai participar. E isso costuma variar muito de projeto para projeto. No exemplo que dei, fomos designados para orientar a população de uma dependência de Roça para conseguirem actividades micro-económicas sustentáveis. Após o primeiro contacto com a população, o meu quase homónimo compreendeu que o investimento subsidiado deveria ser evitado

ao máximo enquanto não houvesse consciência comunitária para orientar esse investimento na direção certa. Ele observou como a expressa divisão de papéis entre homens e mulheres fazia as mulheres saberem muito melhor do que os homens como gerir a economia de sobrevivência própria da comunidade da Roça. Mas fazer com que as mulheres falem e sejam ouvidas não é fácil numa comunidade onde os homens tradicionalmente têm a palavra. E neste caso, eles não tinham qualquer conhecimento económico, nem mesmo no que diz respeito à sua própria economia de sobrevivência. Por isso elaboramos cuidadosamente uma proposta para reunir algumas mulheres de cada uma das dependências da Roça na sua sede, com o objetivo de partilhar experiências. Elas seriam guiados por uma pequena equipa predominantemente feminina reforçada de um ou dois homens. Essa equipa tinha capacidade para liderar grupos de discussão e possuía o conhecimento técnico necessário nas áreas de economia de subsistência, gestão agrícola, formação de micro-empresas e do desenvolvimento comunitário. Foram inseridos intervalos nos encontros para que pudéssemos incentivar e orientar as participantes a recolher informações durante cada regresso temporário aos seus locais de morada com base nas dúvidas que surgiam durante a partilha de experiências a fim de preparar os momentos de aprendizagem subsequentes."

"Então elas estão a elaborar elas mesmas o que se pode chamar de projeto?" Joana pergunta.

"Basicamente é o que importa", responde Hypolite. "E para que continue a ser o seu projecto, todos esses técnicos altamente

especializados sabem que devem acima de tudo ser capazes de calar a boca, de ouvir, de fazer ligações claras, com o objectivo de ajudar as pessoas a pensar, a propor planos, a analisá-los e a reformulá-los."

Catherine olha para a professora que integra o clube: "O nosso professor de biologia diz que o trabalho dele é ajudar-nos a aprender a pensar em como desenvolver um projeto e que técnicas a aplicar. É a mesma coisa?"

A professora fica um pouco surpresa com a pergunta e depois diz lentamente: "Sim... um pouco, eu diria".

Provocadoramente, Hypolite pergunta: "Só o vosso professor de biologia?"

Steven então responde com ar brincalhão: "A maioria dos professores são técnicos especializados que não conseguem manter a boca fechada e têm dificuldade em ouvir, diria eu."

Todos riem, inclusive a professora, que diz: "Eu não dou aulas na turma de Steven, pelo que não sei se ele está a incluir-me no grupo de técnicos que não ficam de boca fechada. Mas achei a pergunta de Catherine interessante." Ela então se dirige a Hypolite: "Sabe, existe um modelo educacional conhecido como Pedagogia Institucional. Há professores, sobretudo no ensino primário, que incentivam os seus alunos a estruturar o seu ambiente de trabalho através e em função dos seus projetos. O seu exemplo me lembrou disso."

Hypolite concorda: "Usamos a Análise Institucional como ponto de partida. Ajuda-nos a definir metas, regras e estruturas com as pessoas que garantam a sustentabilidade do seu projeto. Logo trabalhamos de forma instituinte e isso parece ser também o

caso dos professores de que você falou."
No final da conversa, Catherine pede Hypolite como entrar mais tarde em contacto com que ele. Ele dá-lhe o endereço e o telefone da pequena empresa de consultoria com a qual trabalha. Refere que a própria empresa tem a forma jurídica de cooperativa.

Encantadas, Catherine e Joana relatam aos pais a visita de Hypolite. Joana diz logo que a sua história acerca do trabalho com aquelas mulheres lá em São Tomé lhe lembrou da sua escola primária. Catherine pergunta então se os seus pais já tinham ouvido falar da Pedagogia Institucional. Ela fica bastante impressionada ao saber de Maria que seu avô John conhecia muito bem um dos fundadores, Fernand Oury, e que o pai estagiou com ele.
Paulo observa que a estratégia que Hypolite d'Ailleurs contou é, em última análise, a forma como a sua irmã trabalha com os grupos de leitura e escrita o que considera muito interessante. Mais uma vez vê-se a conexão entre a abordagem dialógica de Paulo Freire, as comunidades de aprendizagem e os grupos instituintes em contextos escolares e de sala de aula.

A partir deste momento, Joana envolve-se no clube de debate. Catherine fica feliz por ter a quem passar a pasta quando ela terminará o ensino secundário. Pouco antes do início da época de exames, o Clube tem a sua última atividade do ano letivo. Conforme já combinado, Paulo Demeester é o convidado. Steven apresenta-o com as seguintes palavras: "Dois dos nossos participantes regulares pediram-me apresentar não apresentar o Paulo com '*E hoje temos o pai de dois dos nossos membros, Joana*

*e Catherine',* por isso não o direi. O que contar então acerca de Paulo? É oriundo da Bélgica e viajou e trabalhou em vários países da Europa antes de se estabelecer em Portugal. Atualmente é um dos três gestores de um espaço de trabalho e pensamento ao qual eles próprios deram o nome de laboratório de aprendizagem. Eles trabalham com qualquer pessoa que apareça e esteja interessada em aprender junto com outras pessoas. Ele também escreve para vários jornais e revistas. Frequentemente fala sobre a sociedade acolhedora e convivêncial. Paulo, eu gostaria de começar com isso. Uma sociedade não é sempre de convivência?"

"Esse conceito de convivência vem do título de um livro de Ivan Illich: *Tools for Conviviality*. Illich põe-nos a pensar com uma provocação sobre a forma como muitas vezes, inconscientemente, nos deixamos levar por uma determinada forma de sociedade na qual se adquire bens e se tem um específico estilo de vida porque dispomos de dinheiro. Ele considera existir a tentativa de convencer todas as pessoas do mundo em seguir esse exemplo de modelo de sociedade localmente bem-sucedido na qual todos consumem à discrição e individualmente para se sentir felizes."

"E se bem entendi, ele considera que este não é o caminho para uma sociedade convivêncial e que o segues nisso?"

"Pois. Uma sociedade dessas pode dar um sentimento de felicidade a alguns indivíduos, mas não a todas as pessoas que vivem juntas. Existem vários obstáculos. Neste modelo de sociedade, em primeiro lugar consumir implica ter dinheiro. Depois, numa sociedade de consumo assim, a felicidade

individual é um conceito vago: até que ponto essa felicidade não é uma ilusão, induzida por aqueles que nos impõem produtos. Terceiro, nesse modelo de sociedade de consumo a felicidade individual provoca frequentemente o desaparecimento de comodidades colectivas. Os laços de grupo devido ao uso em conjunto de uma determinada infraestrutura, tornam-se mais frouxos, desaparecem às vezes ou simplesmente provocam incompreensão se não houver reflexão coletiva acerca dela."
"Pode dar exemplos?" pergunta um dos jovens presentes.
"Um bom exemplo é a pressão que houve sobre os consumidores em substituir um dispositivo coletivo por dispositivos estritamente individuais para conversas remotas. Desde o avanço global das conversas por telemóvel, o número de cabines telefónicas públicas diminui drasticamente. Além disso, existe muito menos preocupação social, digamos, para cuidarmos conjuntamente desses telefones públicos. Eles perdem utilidade e significado e, portanto, é-lhes retirado o controle social. E quem os encontra danificados ou retirados não se preocupa porque parte do princípio que cada um já tem o seu dispositivo individual. O mesmo se aplica ao telefone de casa: em vez de um dispositivo gerido em conjunto, cada membro do agregado familiar dispõe do seu aparelho pessoal. É claro que essa mudança trouxe muito mais dinheiro para os provedores de serviços telefónicos que gerem as assinaturas e os pré-pagamentos de serviço. Hoje, a maioria dessas empresas não são públicas mas privadas. O telefone pessoal não só dá ao proprietário a falsa impressão de que o mundo inteiro lhe é acessível, mas, de certo modo, transforma o proprietário

também em escravo desse mundo. Não existe desculpa para não responder. Contudo as opções de comunicação dependem cada vez mais do dinheiro individualmente pago para o obter."

"Então, fora os telemóveis?"

"Não faço uma análise do genro é preto ou é branco. Faço uma pergunta: o que realmente queremos? Devemos todos ser imediatamente acessíveis em todos os momentos e em qualquer lugar? E se for necessário, por quê? Será porque somos obrigados a passar parte do nosso tempo num ambiente de trabalho desinteressante podendo-nos deleitar com o conhecimento de que nos é possível, a qualquer momento, escapar por momentos e trocar conversas de texto com quem não está, mas com quem gostaríamos de estar? Os indivíduos consumidores estão condicionados a uma sociedade económica baseada na venda de produtos. Exige ter dinheiro, logo exige vender a própria força de trabalho. De certa forma, continuamos escravos daqueles que administram as suas propriedades em grande escala. Alguns até são escravos do próprio dispositivo quando descobrem como fazer dinheiro com as mensagens que aí colocam."

Catherine então pergunta: "É por isso que sempre sugeres usar dispositivos colectivos?"

"A meu ver, não se trata apenas de fazer uso racional das nossas invenções. Imagine só por um momento que, tal como fomos levado a substituir gradualmente o uso de comboios por automóveis individuais há cerca de cem anos, seriamos agora encorajados para substituir o transporte de grupo por barco ou avião por aviões e barcos individuais. É isso que identifico como

sendo a loucura consumista. Mas penso que o pior é que substituir tudo o que poderíamos usar em conjunto por objectos de uso individual enfraquece a coesão social. Estão apenas a tornar-nos mais individualistas e aceitamo-lo alegremente."

"Mas não estás apenas a ir contra a corrente?" Steven pergunta.

"Prefiro dizer que estou à beira do rio e vejo como a água corre. Ivan Illich chega à simples conclusão de que se nos deixarmos seduzir pelo consumo individual gritando que todos têm os mesmos direitos de consumo, o planeta perecerá. Quando eu tinha mais ou menos a vossa idade, entre jovens, lemos *Os limites do crescimento* publicado pelo *Clube de Roma*, que já nos alertava para tal cenário, e há oito anos o *Grupo de Lisboa* repetiu o aviso com *Limites à competição."*

Joana diz: "Alguns de nós aprendemos na escola primária a planificar juntos, a trabalhar juntos em projetos e a usar juntos os materiais da sala de aula. Sei como amigos meus que estudaram em outras escolas ficam sempre muito surpresos porque não tínhamos os nossos próprios lápis, marcadores, réguas, etc., mas simplesmente comprávamos para uso coletivo o que precisávamos enquanto grupo."

Paulo responde: "Sim, e os pais concordaram que uma turma podia gerir uma pequena quantia de dinheiro. Não só era mais eficiente como também tornava mais barato ter uma criança naquela turma. Não havia listas para cada família com o que precisavam de comprar para os seus filhos. Mas vejam bem, isso vai contra o modelo do consumo individual. Sei por experiência própria que hoje em dia nas escolas públicas nem sequer é permitido deixar trabalhar as crianças com dinheiro real. E

depois impõem-se lições para aprender a lidar com dinheiro recorrendo a moedas fictícias, às vezes com jogos oferecidos por bancos. E é claro, nessas lições os exemplos são de compras individuais."

A professora supervisora observa encontrar alguma semelhança entre as palavras de Paulo e as observações feitas por Hypolite d'Ailleurs há algum tempo acerca da investigação-ação, envolvendo pessoas no desenvolvimento regional a partir de possíveis projetos de trabalho. Sorrindo Paulo diz lhe ter sido feito um extenso relato sobre essa conversa e que admira muito Hypolite: "Ele é um consultor ativo, tem uma profunda ligação, mesmo internacionalmente, com as pessoas com quem trabalha. A minha experiência é mínima assim como meu conhecimento." Ele então ri: "Talvez seja por isso que agora sou co-gestor do laboratório de aprendizagem. Sou aquele tipo de consultor que, por não conseguir fazer ele próprio, incentiva outros a fazê-lo. Acho que aprendo tanto ou mais no laboratório de aprendizagem como as pessoas que o visitam. Começámos recentemente a partilhar experiências com iniciativas semelhantes em países que como o nosso participam nos estudos comparativos do programa de avaliação internacional PISA e de desempenho dos seus sistemas escolares. Encontrámo-nos porque alguns dos relatórios se referiam a este tipo de comunidades de aprendizagem. É bom saber existirem mais pessoas que ficam à margem, que observam e fazem outros observar o que viram, para refletir em conjunto."

"E tem consequências práticas?" alguém pergunta.

"Bom, conseguimos chamar novamente a atenção para a

importância de experimentar. Pessoalmente fiquei convencido ao ler o que Carl Sagan referiu sobre isso. Experimentar, disse ele, é trabalhar com a cabeça e as mãos; para experimentar é preciso fazer coisas concretas. Numa economia esclavagista, estava fora de questão de estudar por meio de experiências já que apenas os escravos trabalhavam com as mãos. O estudioso principalmente pensava sobre as coisas, filosofava, mesmo para as ciências naturais. Um filósofo que experimentasse utilizando as mãos poderia até ser encarado com alguma desconfiança. Os cientistas modernos deixam poucas dúvidas sobre a necessidade de testar pensamentos, hipóteses, através de experimentos e observação. Mas na escola continua a haver pouco espaço para experimentação, poucos projetos são abordados para efetivamente descobrir algo. A escola ainda funciona com senhores e escravos…”

Há risadas.

Paulo então diz: “Iniciativas, como *La main à la Pâte*, inspirada por Charpak que ganhou um Prémio Nobel, enfatizam a necessidade de transformar a sala de aula numa comunidade de aprendizagem. Só muito recentemente na história da humanidade é que a experimentação foi reconhecida como uma parte integrante da aprendizagem, incluindo a aprendizagem para se tornar humano. No entanto, os ministérios da educação em todo lado preferem ver as escolas primárias e mesmo as secundárias como locais onde o conhecimento é ensinado, em vez de serem locais onde as crianças e os jovens são encorajados a experimentar coisas e a falar sobre elas. De facto, qualquer escola tem a possibilidade de se organizar como uma

comunidade de aprendizagem e tenho participado em comunidades assim em vários países da Europa. Também experimentei que, a partir do momento em que o outro não se considera uma enciclopédia falante, mas sim um guia, esse outro passa a ser também aprendiz no grupo. Numa comunidade de aprendizagem, todos têm o direito de aprender a partir do seu conhecimento prévio e do lugar que ocupa nessa comunidade. A colaboração torna-se então cooperação e isso é muito interessante do ponto de vista humano."

"Mas um professor sabe mais do que um aluno", diz uma das colegas de classe de Catherine.

"Não é um dado absoluto", responde Paulo. "É claro que um professor de matemática tem um conhecimento mais imediato daquela parte da linguagem matemática incluída no currículo do que o aluno iniciante; e pode disponibilizar esse conhecimento imediato de várias maneiras. No laboratório de aprendizagem e iniciativas semelhantes, assumimos que o mais interessante a fazer é de elaborar um projeto em conjunto com as crianças. Através desse projeto no qual são guiadas, elas dominam gradualmente os aspectos matemáticos subjacentes ao problema. Mas posso imaginar projetos que vão além do conhecimento imediato do professor, e isso não me parece ser um problema. Uma vez vi crianças na escola primária a formular um problema para a tartaruga LOGO..."

Paulo olha interrogativamente o grupo e vê que cerca de metade mostra sinais de reconhecimento, enquanto a outra metade não sabe do que está a falar. Quem já tenha experimentado a linguagem de programação LOGO explica rapidamente do que

se trata.
Paulo então continua: “Era um problema lógico complexo e a professora não tinha o conhecimento para transformar o que era dito em linguagem de programação. Fiquei fascinado ao ver como as crianças e a professora trabalharam juntos criando uma série de pequenos módulos de programação para a tartaruga executar de forma sistemática e gradual o que pretendiam, alcançando o resultado esperado. O conhecimento da professora foi útil para as crianças perceber como realizar operações básicas com números negativos e o como usar a lógica da negação e da dupla negação. É isso que quero dizer quando falo de comunidades de aprendizagem para aprender a tornar-se ser humano, independentemente do lugar que cada pessoa ocupa no grupo.”
Catherine pergunta: “Isso significa que, sendo jovens estudantes, é melhor lembrarmos que a cooperação serve melhor a humanidade do que cada indivíduo tentando obter os melhores resultados possíveis nos exames?”
Paulo assente. “Eu diria que idealmente sim, sem dúvida. Mas vivemos no mundo de hierarquias e classificações e nesse mundo vocês precisam saber de que resultados de exames precisam para iniciar a educação superior que desejam. Infelizmente, no nosso mundo não basta dizer que nos interessa isso ou aquilo, é preciso competir com os demais para iniciar este ou aquele curso. Isso coloca em risco toda ação cooperativa se o grupo não for suficientemente lúcido. E mesmo um grupo lúcido pode ser prejudicado por aqueles que transformam a aprendizagem num grande empreendimento comercial.”

“Onde queres chegar?” pergunta Steven.

“Quero falar de uma ação conjunta internacional muito diferente. Há cerca de dez anos, o meu pai deu-me a ler o Livro Branco da Comissão Europeia *Ensinar e aprender — Rumo à sociedade cognitiva*. Há dois anos recebi o livro *Tableau Noir* de Gérard de Sélys e Nico Hirtt. A análise que os autores fazem das propostas do Livro Branco e do que está a acontecer na educação de adultos leva a entender que o mercado da educação se tornou um negócio multimilionário. Este mercado coloca dificuldades crescentes a quem incentiva comunidades formais de aprendizagem cooperativa ou encontros informais de partilha de experiências. Esforços estão a ser feito para a todo custo transformar a lógica da aprendizagem cooperativa em auto-instrução paga, com taxas de matrícula cada vez mais elevadas seja nas presencialmente, seja para cursos a distância. Passa-se sempre a mensagem que o melhor é se defender e ser o mais competitivo possível para conseguir o que se deseja. Há muito tempo tive um professor de pedagogia que dizia que enquanto tivermos um modelo de sociedade baseado no dinheiro, a cooperação nunca poderia ser totalmente desenvolvida.”

Joana pergunta então: “Mas ficar à margem com um movimento cooperativo ou solidário é possível?”

Paulo responde: “Os movimentos cooperativos e de solidariedade são a força motriz não só para um mundo mais humano, mas também para um meio ecologicamente mais sustentável. É a resposta ao individualismo destrutivo e à sede assassina de poder. É a diferença entre o uso em comum e a propriedade individual.

E o uso em comum é sempre possível. Antes de as nações e os Estados-Nação serem inventados por aqueles que queriam preservar a hierarquia ancestral introduzida pela nobreza e pelos reis, obviamente não havia o conceito de cooperação internacional. Tem que haver a construção do nacional para inventar o internacional. Toda a abordagem de solidariedade é, portanto, uma espécie de resposta cooperativa a um ataque implacável daqueles que levaram longe demais a arrogância do direito da maioria."

Steven então diz: "Então ONGs como *Médicos Sem Fronteiras*, *Cure Violence*, *Oxfam*, *Amnistia Internacional* são organizações combinando esforços a nível global que têm uma espécie de base cooperativa?"

Paulo responde: "Estás a falar sobretudo de organizações que se uniram além das fronteiras dos países. E essas associações trabalham *com* ou *para* outras pessoas? Uma diferença subtil, mas importante, diria Paulo Freire. Pelo que sei, a recentemente criada *Cure Violence* é uma organização que pretende actuar como uma espécie de consultora para analisar e combater a violência nas comunidades. Mas ainda não está claro para mim se os seus membros resolvem o problema por conta própria propondo soluções ou se trabalham com as comunidades onde querem intervir. Eu estava pensando mais em redes de organizações. Enquanto os membros de uma associação continuarem a orientar-se pela cooperação e o pensamento crítico, penso que esses tipos de redes são a resposta cooperativa a que me referia. Hoje, no nosso contexto, temos mais facilidade de escolha em comparação com os povos a suportar regimes

totalitários. Mas em qualquer caso, quem escolhe trabalhar cooperativamente à margem deve estar ciente de que ao fazê-lo escolheu também não ser compreendido, ganhar menos, sofrer agressões de ignorantes ou não ignorantes pessoas arrogantes, sob forma de suspeita, tentativa de suborno, recuperação, mas também de violência, perseguição até de tortura ou assassínio. É portanto certamente importante determinar em conjunto até que ponto todos os indivíduos dum grupo local ou de uma rede de grupos querem ir e como não perturbar a cooperação; sem uma excelente comunicação a cooperação parece-me impossível…"

Paulo termina a sua intervenção entregando a todos uma cópia do que afirma ser uma tabela feita pelo seu avô Luís, na qual estão registadas uma série de tipos-ideal combinando arrogância e ignorância, sem prever como a folha de papel se tornará decisiva para ambas as suas filhas ao longo da vida.

***

Dois anos se passaram. Catherine terminou o ensino secundário e frequenta o ensino superior. Joana ainda faz parte do clube de debate. Por sugestão de Hypolite d'Ailleurs, ela e dois colegas convidaram um amigo seu, Padre Martim Sobreiro dos Campos, para uma conversa sobre fé, adoração e religião. Hypolite preparou um pouco a Joana. O Padre Martim é um adepto do Jesuísmo. Quando Joana pergunta o que isso significa, Hypolite explica que o Jesuísmo é uma corrente do Cristianismo que considera Jesus a autoridade máxima. Os adeptos tentam restaurar as palavras de Jesus na sua forma

mais original que possível e purificá-las das mudanças introduzidas pelos Evangelhos. É claro que não é uma questão fácil, acrescenta Hypolite. Os adeptos não são oponentes da Bíblia cristã ou dos ensinamentos da igreja, mas simplesmente consideram que esses não têm autoridade sobre os ensinamentos de Jesus. Poder-se-ia falar de uma espécie de rejeição da teologia Paulista.
Joana apresenta o Padre Martim: "Temos hoje um amigo de um amigo que nos visita. Quem frequente o clube de debate há algum tempo sabe que há dois anos Hypolite d'Ailleurs nos visitou para falar sobre o papel das mulheres nos projetos de desenvolvimento. Sugeriu-nos convidar o Padre Martim para uma conversa sobre igreja, fé, adoração, religião e poder. Pareceu-nos uma boa ideia. Padre Martim, Hypolite explicou-me que o Padre se reconhece no movimento do Jesuísmo. Vocês tentem voltar às declarações e aos ensinamentos originais de Jesus. Li parte de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo,* de José Saramago. Saramago é adepto do Jesuísmo?"
O Padre Martim ri e diz: "Que pergunta inicial maravilhosa, Joana. Antes de mais, devo dizer que gostei ser convidado por um grupo de jovens para uma conversa que não é fácil de ter na nossa sociedade. Eu diria que deveríamos perguntar a Saramago se ele se considera próximo do Jesuísmo. Ele revê-se como ateu, agnóstico? O livro que mencionou é um romance lindo e muito crítico. Compreende-se que Saramago estudou atentamente a figura de Jesus, mas também os abusos que dele se fizeram ao longo dos séculos. Algumas das passagens romanescas podem dar uma melhor visão da figura de Jesus do que algumas

passagens dos Evangelhos. Pessoalmente, acho-o que tem às vezes a língua muito afiada, mas talvez seja o que precisamos para acordar as pessoas de seu estupor. Acabo de ler um livro de alguém que considero difícil de situar, Fernando Dragó. Há dois anos ele publicou *Carta del Jésus al papa*, na qual Jesus denuncia duramente os excessos da Igreja e dos seus bispos. Enquanto adepto do Jesuísmo consigo apreciar a prosa de ambos os autores. Enquanto profundo crente tenho por vezes a sensação que embora limpando o Mistério das manifestações religiosas e da superstição, ainda assim questionam consciente ou inconscientemente o inatingível devido à sua atitude agnóstica. No seu livro, Dragó faz a figura de Jesus dizer sobre a igreja: *'Nunca disse a Simão Pedro, um pescador com uma faca afiada e um rosto duro, para se tornar sacerdote-chefe e grão-rabino da sinagoga da minha doutrina. Isso tudo foi invenção de um compatriota meu chamado Saulo. Mais tarde, ele mudou de nome. Pelo que sei, nunca o conheci. Ele pensava o contrário, vangloriava-se de ter me visto ou sentido na desgraça que teve quando o seu cavalo empinou diante do portão de uma cidade elevada'*. Esse tipo de humor sarcástico bate forte, é claro."

"E com quem entre os adeptos do Jesuísmo é possível enquanto crente refletir acerca da igreja, da religião e da fé?" Pergunta a amiga de Joana.

"Um adepto hoje conhecido entre nós escreveu *Fátima Nunca Mais* como uma espécie de pedido de socorro. Talvez já tenham ouvido falar do padre Mário Pais de Oliveira, precisamente porque é tão crítico da Igreja, mas também de todos aqueles que abusam da fé cristã em prol dos seus

próprios interesses. Publicou outros livros. Lembro *Nem Adão e Eva, Nem Pecado Original*; *O que devemos fazer com esta Igreja?*; *Em Memória Delas, Livro de Mulheres* e *E Deus disse: o que eu gosto é de política, não de religião.* Ler Mário Pais de Oliveira é para mim um verdadeiro prazer. As mentes curtas e pessoas ignorantes irão culpá-lo, claro, por dizer coisas como '*Como pode um Deus universal ser um Deus com um povo escolhido?*'. O Deus Universal não é um Deus de exceções e condenações."
"Se bem entendi, fazem uma diferença entre religião e fé?" pergunta um dos jovens presentes.
"Podem procurar sinónimos em dicionários estrangeiros e portugueses. Em dicionários ingleses e neerlandeses as palavras *faith* ou *geloof*, traduzida por *fé* é sinónimo de confiança, crença, segurança, credibilidade, otimismo, esperança, opinião, opção, sentimento. As palavras *religion* ou *religie* têm *religião* como tradução e os sinónimos propostos são doutrina, crença, adoração, credo, denominação, piedade, seita, culto, teologia. Pessoalmente, eu ligava as palavras de forma um pouco diferente, mas podemos dizer que fé e religião não são exatamente a mesma coisa. Há dicionários portugueses que fazem um alargamento da palavra fé para religião, até mesmo para religião católica, mas dão para *fé* sinónimos como asseveração, comprovação, confiança, crédito, crença, prova, religião, e para religião apontam palavras como confissão, consciência, convicção, crença, culto, devoção, fé, fervor, piedade, religiosidade Digamos que são aspectos histórico-culturais da evolução das palavras e de quem tem autoridade para as dar forma. Contudo, diz o Padre Mário de Oliveira, as

manifestações religiosas são como manifestações mais ou menos idólatras, mas não são manifestações de fé. E isso tem tudo a ver com a transcendência de Deus. Ainda segundo o Padre Mário de Oliveira, quem entre nós trabalha para rádio, televisão ou jornais sofre de uma enorme falta de compreensão da teologia cristã. Eles sabem muito sobre futebol e um pouco menos sobre uma forma específica de economia – a neoliberal – mas com algumas honrosas excepções não sabem nada sobre teologia cristã."

"Mas não deve a fé daqueles que acreditam ser apoiada pela religião ou por textos religiosos?" pergunta alguém.

"O Padre Mário diz algo muito simples: a evangelização começa onde termina a cristianização. Ele escreve, entre outras coisas, que '*os textos básicos do Novo Testamento não falam de uma nova religião, mas de um caminho que está aberto para nós, não só para Deus, mas para o outro, para os outros, para aqueles que não são de nossa carne e sangue, e até mesmo daqueles considerados inimigos; um caminho para estabelecer gradualmente uma relação de irmandade. Só quando isto for efetivamente alcançado, o Deus de Jesus será honrado e adorado.*' Acerca dos textos que constituem o Cânon da Igreja Católica Romana, a figura de Jesus de Dragó diz na sua carta ao Papa Wojtyla algo do género: '*Suponho que não seja novidade para ti aquela mensagem surpreendente que o Espírito Santo se revelou uma segunda vez, mais uma vez disfarçado de pássaro, no momento em que os prelados da igreja emergente de Nicéa debatiam o que, com o passar do tempo, tornar-se-ia o Dogma, o Cânon. Sem quebrar nem manchar o vidro de nenhuma das janelas das paredes da sala*

*onde se realizava o concílio, colocou-se no ombro de cada um dos bispos ali reunidos e sussurrou em seus veneráveis ouvidos os títulos das Escrituras que deveriam ser considerado sagrado.'* Refere não saber da existência de papagaios ou periquitos naquele lugar naquela época e continua: '*porque não conhecemos nenhum pombo de agora ou então que se possa expressar em latim ou grego; tantas coisas, Senhor, meu filho, tantas coisas*.' A fé é pessoal, vem de dentro. Conectar essa fé pessoal com a fé dos outros e pensar em todos os sinónimos que a palavra tem faz do mundo um lugar comum para se viver. A figura de Jesus de Dragó diz sobre isso: '*A terra, disse eu, Wojtyla. Ou o microcosmo, o mundo denso, o planeta carregado, se preferires ser metafísico, refinado, pedante e californiano. Mas nunca diga, como diz a Bíblia, 'o vale das lágrimas'. Esse, dentro do Cristianismo, é o legado obscuro e pesado da religião judaica, que está errada nisso (como em tudo): não há razão para tanto pessimismo*.' Penso o mesmo: não há espaço para pessimismo. O milénio que se inicia é o da ciência. Quanto mais ciência existe entre nós, menos precisamos de religiões. Mas para tornarmos a ciência nossa, precisamos trabalhar juntos para substituir o atual modelo social opressivo por outro em que não haja lugar para opressores".
"Isso não é muito utópico?" pergunta um dos alunos: "Não é por isso que as pessoas querem a presença de Deus, porque querem vê-Lo como Aquele que resolverá o problema daqueles que O seguem?"
"Essa é a solução fácil. Deus não é um mágico, por mais que as pessoas queiram acreditar que aparece a quem tem visões. O Padre Mário, que examina criticamente Fátima há anos,

escreve sobre a falsidade daqueles que pensam assim sobre Deus: '*Durante um congresso sobre Fátima em Fátima, nenhum membro do Congresso teve a clareza e a coragem de dizer que, pelo menos de acordo com a teologia cristã, as aparições e visões de Deus, de Nossa Senhora ou de qualquer Santo são absolutamente impossíveis. Consequentemente, também não podem ter acontecido em Fátima. É tarefa da ciência explicar e desmantelar esses fenómenos chamados visões e aparições, pois não são nem uma coisa nem outra. Entretanto, é dever da teologia cristã dizer que Deus nunca recorreu ou recorrerá a estes truques para induzir a humanidade a reconhecê-Lo e a viver e trabalhar com Ele.*' Querendo penetrar o máximo possível naquilo que é a mensagem de Jesus, quem se reconhece no Jesuísmo examina os textos que deram origem aos Evangelhos. Curiosamente, Jesus não fala de um Deus, mas de um pai, um pai que é o pai de todos. E o Padre Mário diz que nem Jesus vê Deus. Mas, continua: '*João, discípulo de Jesus, diz: Se alguém disser que ama a Deus, a quem não pode ver, e não ama a seu irmão, a quem vê, é mentiroso e a verdade não está nele*'. Podem-se perguntar então quem nos liberta dessas aparições e visões. Não deveriam ser as igrejas? Não, diz o Padre Mário. Elas tornaram-se empresas multinacionais que preferem continuar a lucrar com o produto das visões e aparições. Ele acrescenta que as igrejas estão inclinadas a fazer negócios em nome de Deus. A Igreja de Roma, claro, mas também as novas igrejas que são verdadeiras empresas comerciais. E ainda assim as pessoas procuram-nas. Estão condicionados em procurar quem lhes oferecem soluções, em

vez de elas próprias encontrarem soluções. Uma aparição é boa, um milagre ainda melhor. Fernando Dragó faz dizer a sua figura de Jesus: '*Eu não disse que estou a aparecer, mas sim que estou a manifestar-me. São coisas filosoficamente bem distintas, por mais que o dicionário e o vulgo as confundam. Tudo quanto aparece, Wojtyla, parece, não é. O que se manifesta, em contrapartida pode ser, ainda que nem sempre seja. E isto é válido especialmente para assuntos de Espírito*.' Poderíamos dizer que aparições e visões são técnicas de desinformação. Mencionei Fátima e falarei mais sobre isso. Fátima é um exemplo clássico dessa desinformação. Começa com a mensagem recebida. Frei Bento Domingos diz sobre isso: '*A mensagem enviada está de acordo com a Boa Nova ou tem mais a ver com a pregação de João Batista do Antigo Testamento? A mensagem tem algo a ver com a mudança resultante do anúncio de que o Reino de Deus já está entre nós?*' O Padre Mário vai mais longe. Claro que faz a análise que outros fizeram antes do momento histórico em que ocorrem as aparições de Fátima que identifica como *Fátima 1*. Mas não é de gritar aos céus, parece-me a expressão adequada, que a Igreja transformou tudo num espetáculo paramédico, melhor, num espetáculo médico paranormal? O Padre Mário fala do Dia Mundial do Doente e da cobertura televisiva que o rodeia: '*Uma entrevista na televisão a uma pessoa que está paralisada na cama há muito tempo e que, graças ao milagre da Jacinta, já consegue levantar-se, sem que os médicos saibam explicar isso. Valeu a intervenção da Jacinta... mas que Deus é este, que só responde aos gritos dos pobres e dos doentes, quando têm bons advogados a intervir, a*

*dar uma palavrinha, sempre acompanhado de grandes quantias de dinheiro para santuários reconhecidos onde as estátuas dos seus advogados possam ser adoradas? Isso não é um Deus demoníaco?'* Esse é o Deus fabricado por aqueles que estão no poder. A única resposta saudável de seja quem for é tornar-se ateu."

Joana então apresenta: "Já explicou que as aparições e as visões não integram a experiência de fé, mas que representam uma espécie de superstição ligada à religião. Isso significa que não existem milagres?"

O Padre Martim sorri: "As religiões baseiam-se em acontecimentos que surpreendem ignorantes ou crédulos. Mas, mais uma vez, isto tem pouco a ver com fé. Acerca de Fátima, Frei Bento Domingos pergunta: '*Não são as aparições uma montagem hábil, uma espécie de parábola pastoral delimitada no tempo ao gosto popular com a intenção de catequizar uma população que de outra forma não seria catequizada?'* E essa é uma forma mais amiga de questionar Fátima. O Padre Mário Pais de Oliveira fala da palavra no sentido da sua impossibilidade e ironiza: ' *Milagre? Quem sabe se não chegou o momento em que muitos não escolheram Fátima como local de moradia para acolher e praticar o evangelho como já fazem os pobres? Quem sabe se não acabarão por perceber que, tal como os pobres, devem desfazer-se de todo o património acumulado, com base em terrenos comprados por uma fracção do seu valor, inclusive em Fátima? Um sonho? Não, antes o maior milagre Maria de Nazaré, a mãe dos pobres, realizaria em Fátima'."* O sorriso do Padre Martim alarga: "Compreendem? Com isso ele

está na verdade a dizer que milagres não existem. Quem detém o poder através da riqueza acumulada não renunciará a ele, excepto através de uma longa introspecção, algo que os adoradores do ouro geralmente com arrogância rejeitam fazer."

"Mas isso significaria que quem promove milagres está na verdade a cometer uma espécie de abuso de poder apenas para continuar a exercer esse poder", observa surpreso um dos colegas de Joana.

"Pois. Esses oficiais da igreja usam, ou devo dizer, abusam da pobre figura que fizeram de Deus. E eles fazem-no descaradamente. Em Fátima usaram três crianças pequenas. Refiro novamente Frei Bento Domingos: '*Lúcia é a única sobrevivente. O que pensar sobre seu estilo de vida? Não parece que Lúcia foi condenada? E as outras duas crianças que morreram prematuramente? Nem Nossa Senhora de Fátima lhes valeu, aquela a quem tantas pessoas pedem todos os meses para os libertar das suas enfermidades*.' O padre Mário Oliveira vê a prisão de Lúcia num mosteiro por ordem dos então bispos como um rapto, que resultou no seu exílio para sempre. E conclui: *"Não é difícil que ela viva num delírio quase constante. O mais surpreendente é que até o Papa em Roma, os cardeais e quase todos os bispos de Portugal a levam a sério; um sinal de que interesses importantes estão em jogo."* Qualquer pessoa que traça a história do poder da Igreja Romana na Europa, a Igreja cujos líderes legitimaram reis e imperadores, aponta muitas vezes os primeiros Padres da Igreja. Estes decidiram por si próprios o que deveria ser visto como a verdade na religião que construíram

para conduzir a fé dos indivíduos na direção que eles desejavam. Não seu ensaio, Dragó faz dizer a figura de Jesus: '*Todos os membros desta legião feroz e mal equipada de escritores e pesquisadores sabem tão bem quanto tu que nenhum dos textos atribuídos a Lucas, Marcos, Mateus e João foi escrito por João, Mateus, Marcos ou Lucas, e eles sabem igualmente bem que as supostas fontes historio-gráficas da minha vida foram contemporâneas dos factos desenterrados e relatados na época em que foram concebidos e anotados. Imagine, meu filho, quantos interesses estavam em jogo e tire as conclusões pertinentes*.' Há de facto interesses em jogo numa instituição instituída como a Igreja."

"E na sua opinião, os actuais líderes da Igreja fazem o mesmo usando Nossa Senhora de Fátima?" pergunta outro aluno.

"Sim. Os operadores de Fátima abusam da fé do povo. Em vez de explicar, como fez Jesus, que sendo pobre é preciso tomar o destino nas próprias mãos, confraternizando com todos os outros que tomam o seu destino nas próprias mãos e se libertam da escravidão que os proprietários e senhores impõem, reforçam a tendência de colocar a solução para nos libertarmos do sofrimento nas mãos dos outros. Ao referir-se a Nossa Senhora de Fátima, o Padre Mário Oliveira diz: '*Os governantes deste país, tanto na época da guerra colonial como hoje, aproveitam-se de vós para justificar o que nunca pode ser justificado, como a guerra. Eles nunca perdem a oportunidade, nesses momentos de tempos mais difíceis, de aparecer entre as grandes multidões, com uma hipócrita e repugnante devoção a Maria. Contudo, fazem da política a actividade oposta à do Deus de Maria, porque tornam os*

*ricos mais ricos e os pobres cada vez mais privados dos bens indispensáveis à vida.'* A mensagem de Jesus é um programa político. A atitude arrogante dos Pais da Igreja é outro programa político. O Padre Mário Oliveira diz muito claramente que há um abuso político do Evangelho de Jesus: '*Depois do desmantelamento da URSS e da subsequente conversão da Rússia à NATO e às multinacionais do dinheiro, Fátima devia ter fechado as portas. Fátima nasceu sob o signo do anticomunismo e do contínuo desejo de converter a Rússia, para deixar de espalhar ainda mais o mal no mundo. Estranhamente ou talvez não, o capitalismo sempre foi uma questão esquecida, embora seja isso que, à luz do evangelho de Jesus, é intrinsecamente perverso e atualmente o principal responsável pela degradação do meio ambiente e pelo assassinato de muitos milhões de pessoas empobrecidas.'* Eu diria que o abuso do evangelho de Jesus não é um fenómeno local, pode ser visto em todo o mundo cristão".

A amiga de turma de Joana observa: "E isso é em parte resultado da forma como Jesus é representado por quem tem o poder. Eles querem transformar um lutador em um sofredor?"

O Padre Martim responde: "É assim que eu vejo as coisas. Muito tem sido escrito sobre Jesus e muitas interpretações surgem devido às traduções de línguas arcaicas. Dragó faz dizer a sua figura o seguinte: '*Nada nem ninguém causou tanta enxurrada de biografias na história do mundo quanto a minha pessoa, mas poderia ter sido evitado: quase tudo causa mais confusão do que luz. A minha biografia, sistematicamente falsificada pelos evangelistas e pelos seus epígonos, ainda não foi escrita. Como é comum, tantos títulos escondem a biblioteca, assim como a*

*madeira não pode ser vista por trás da árvore. E isto, Wojtyla, porque noventa e nove dos cem autores destes livros pensam que fazem bem em confiar apenas no que Paulo ditou, no que os chamados (e supostos) evangelistas escreveram.*' Isso acontece repetidamente na história. Quando devido à injustiça — e na época de Jesus, a mistura do poder e da propriedade mundanos com os regulamentos religiosos transformou Jerusalém num centro de poder no qual a classe possuidora e os Padres da Igreja exerciam um poder quase absoluto sobre uma população empobrecida — surge um movimento para desfazer essa injustiça, faz-se sentir uma dupla reação da esfera do poder. Normalmente, a primeira é de violência brutal. Quando esta falha ou não é suficiente, segue-se um período de recuperação, de alienação. Foi o que aconteceu com o movimento iniciado por Jesus. Cito novamente o Padre Mário Oliveira: '*Infelizmente, quando a Igreja de Jesus se tornou uma religião do Império Romano, com os seus sacerdotes e os seus ritos, com os seus cultos e liturgias levitas nos templos, tudo mudou. A Boa Nova de que Deus nos salva por pura graça — uma iniciativa, ainda hoje, impensável para a generalidade dos seres humanos e que é o resultado do infinito amor criativo e libertador que Ele deposita igualmente nas mulheres e nos homens — foi substituída pela má notícia que todas as religiões anunciam, que em resumo equivale a isto: se queres salvar-te, junta-te ao nosso culto, paga os teus dízimos aos padres e pastores, obedece a todas as normas que a nossa catequese ensina, vem aos nossos templos e faça tudo o que nossos pastores e sacerdotes lhe disserem para fazer*'."

"Então, basicamente, a Igreja Romana desfez parte da obra de

Jesus?” Sugere um dos alunos.
“Pensa assim”, responde o Padre Martim. “Frei Bento diz que a obra de Jesus foi libertar Jerusalém, o que lhe custou a vida. Ele descreve Jerusalém naquela época como ‘*um centro de peregrinação obrigatório para todos os judeus, um centro económico e financeiro. A Casa de Adoração e o Banco do Mercado Nacional que os profetas preferem chamar de ninho de ladrões, era o local onde oficialmente Deus era mais invocado, mas onde as pessoas eram mais oprimidas e enganadas em Seu nome.*’ Não é o mesmo hoje no nosso mundo capitalista, onde as pessoas são seduzidas para o consumo individual? Mário Oliveira diz que Fátima se tornou numa estrutura turística e económica indestrutível. Mas não se resume todo o turismo religioso no mundo inteiro, de todas as religiões, apenas uma questão económica? Uma forma de enriquecer a estrutura a custo das pessoas empobrecidas e desorientadas? Considero que é por esta razão que a figura de Jesus de Dragó diz: '*Wojtyla ... sempre que a virtude do mundo mingua, eu manifesto-me. Essa é o motivo da minha presente carta. Nunca descemos tão baixo. Escrevo-te para que intervenhas, para que derrubes os ídolos de um templo no qual só há vendilhões e a hipocrisia, para que recuperes a dignidade antes de morrer. Eu não vim para fundar igrejas mas sim para as desmantelar*.’ Talvez seja agora o momento de todos nós, crentes e ateus, pensarmos nisso juntos e descobrirmos como livrar *polis* e *templum* dos cambistas e libertar-nos da sua opressão arrogante.”
Faz-se um curto silêncio. Depois a Joana diz: “Foi uma conversa muito interessante, Padre Martim. Agradecemos muito por ter

vindo. Há mais alguma coisa que gostaria de dizer para concluir?"
O Padre Martim volta a rir e diz: "Não tomem por certa a minha palavra ou as palavras daqueles que cito, jovens. Se Mário Oliveira estivesse cá, ele gentilmente salientar-me-ia que é perigoso reforçar os nossos próprios pensamentos recorrendo de cabeça a citações retiradas de um contexto mais amplo. Posso apenas dizer que a minha intenção foi de vos transmitir uma mensagem crítica sobre a Igreja e alertar do perigo da religião empurrar os crentes para uma estrutura de pensamento determinada por quem exerce o poder. Mas espero ter-vos convidado a ler livros de Saramago, Dragó, Mário Oliveira e, em geral, de crentes e ateus, de deístas e agnósticos, para aguçar ainda mais a vossa mente crítica sendo indiferente se são crentes ou não."

***

No final do ano lectivo em meados de 2005, Joana termina o ensino secundário para iniciar os estudos de psicóloga em Setembro. Tal como a irmã, ela considera que as conversas no clube de debate muitas vezes conseguiram observar as instituições da nossa sociedade a partir da margem dessa sociedade. A economia, a escola e a igreja foram discutidas com convidados que ajudaram a lançar um olhar crítico. Houve também discussões sobre medicina e hospitais, sobre os militares e o seu papel durante a Revolução dos Cravos e em assuntos de ordem pública, a justiça e o sistema prisional. Não se encontraram outras notas de conversas, só uma pequena referência, numa carta da Joana dirigida ao

seu avô John:

*No clube de debate conseguimos lançar um olhar crítico sobre cada uma das instituições que Foucault aponta como instituições instituintes da sociedade, além de discutir outras instituições constituídas por pessoas. Durante esses debates pensámos muitas vezes em ti, avô, e nas tuas observações acerca da arrogância do poder e da forma como as pessoas são muitas vezes mantidas na ignorância ou se fecham numa bolha de ignorância.*

*Muitas vezes falamos sobre isso com nossos amigos. Ja sabias que Catherine trabalha agora como voluntária em iniciativas organizadas por ONG's? Às vezes junto me a ela. O nosso paizinho nem sempre fica feliz com isso. Não por causa da iniciativa em si, é claro, podemos ver que ele gosta que demonstremos solidariedade para com os outros. Não, o que o preocupa é que muitas vezes chegamos noite dentro ou de madrugada a casa, trazidas por amigos ou por um táxi. Às vezes ele parece um pouco com aquele peixe* Marlin *no filme* À procura de Nemo *que vimos juntos no verão passado quando fomos alugar aquele DVD, lembras-te? E agora ele já está preocupado porque a Catherine tem a carta de condução e eu já comecei as aulas teóricas. Ele empresta o carro sempre que o pedimos, mas entretanto é quase certo que pensa que isso nos tornará ainda mais independentes. Ele não é apenas o peixe Marlin, mas também uma espécie de mãe galinha, ah-ah!*

*Um grande beijo da tua neta mais nova.*

### Encontros renovados e estudos posteriores

Depois de terminar o ensino secundário, Catherine matriculou-se no ensino superior com a intenção de se preparar

profissionalmente para trabalhar com pessoas em determinadas organizações não governamentais ou se envolver nas atividades social de uma ou outra empresa. Durante um encontro no âmbito da sua formação sobre como fazer com que médicos e pacientes de hospitais possam interagir de modo a evitar a arrogância na relação médico-paciente, ela conhece Alberto Campos. Ele não está interessado apenas no conteúdo desigual de conhecimento do médico e do paciente, mas também em como a informação especializada pode impedir a comunicação. Aos poucos eles estreitam relações o que faz que irão viver juntos.

Foi também naquela altura que se tornou claro para Joana que ela estava particularmente interessada no estudo do comportamento de jovens e adultos em grupo. É por isso que ela escolhe a psicologia. Na altura Paulo trabalhava como professor na escola do bairro não muito longe de onde vive a família e no último ano do ensino secundário de Joana, pai e filha concordaram ela passar algumas das suas tardes livres para observar as crianças trabalhando com grupos em projetos que lhes interessam. Ela escreve o avô acerca dessa experiência:

*Querido avô ,*

*Sim, eu decidi. Eu gostaria de ser psicóloga. Ainda não sei se quero trabalhar com crianças ou com adultos, veremos. O pai sugeriu que passasse algumas das minhas tardes livres na turma dele integrando o trabalho de projetos em que as crianças da turma estão a trabalhar. Eu pensei que era uma boa ideia. Foi como voltar para a minha própria escola primária, avô. Na primeira visita, algumas crianças mostraram-me trabalhos do ano passado. Na altura*

*conversaram muito com Jorge Du Port, amigo do pai. Ele contou-me que Jorge e a sua esposa te conheceram um dia numa visita a amigos comuns! Jorge especializou-se em Bruxelas em medicina espacial e obviamente sabe muito sobre o espaço. Então as crianças da turma do pai convidaram-no para ajudá-los num projeto sobre ciências e juntos foram ao* Pavilhão do Conhecimento*, sabes, aquele espaço que visitaste connosco quando éramos mais pequenas. Foi interessante ver como eles fizeram pequenas experiências com o pai e com Jorge. As crianças gostam mais disso do que de qualquer outra coisa. Antes de começar o projecto tinham aparentemente uma imaginação enorme na hora de explicar os fenómenos naturais. Talvez algumas histórias venham dos seus avós que foram repentinamente transferidos das ilhas de Cabo Verde para este subúrbio onde vivem agora, parte favela, parte zona de habitação social. Muitas vezes dão explicações sobrenaturais a fenómenos para os quais existe uma explicação científica muito simples. Fico realmente admirado ao ver a rapidez com que as crianças absorveram a orientação científica que o Jorge lhes ofereceu, tanto na visita ao* Pavilhão*, como mais tarde nas aulas, quando aprofundaram a informação.*

*Além disso, hoje compreendo o papel daquela reunião instituinte chamada Conselho e da qual me lembro de quando eu era criança. Agora experimentei eu mesmo como as crianças, guiadas por um adulto, chegam a regras que fazem sentido para todos e como ajustam esses acordos caso percebam que alguém tem dificuldades em compreendê-los. Em geral, eles encontram com o apoio do meu pai soluções, ajustam acordos e regras e só muito raramente têm que insistir de modo mais severo com alguém para que cumpre o acordado. Falam muito abertamente sobre as transgressões,*

*talvez porque o Conselho garante que a conversa nunca se transforma numa acusação que acarreta uma pena. Porém, todos sabem que nem todos têm o mesmo nível de maturidade para cumprir os acordos. O pai diz que considera totalmente inapropriado acusar alguém de cumprir um determinado compromisso, quando todos já sabem de antemão que ele ou ela simplesmente não é capaz de o fazer. Então melhor é organizar-se para que tal pessoa fosse assistida por um colega da turma, eventualmente pelo próprio professor, o que me parece muito lógico. E pelo que pude perceber, as crianças com quem o pai trabalha também pensam assim. Muitas vezes penso que muitos conflitos são resultado da falta de uma boa comunicação, avô.*
*Um grande beijo da Joana.*

John responde enviando um livro de Françoise Dolto e escreve:

*Querida Joana,*
*Como sempre, foi uma carta muito bonita que me escreveste. Sabes, as tuas palavras acerca do Conselho lembraram-me o que aprendi com Fernand Oury. Cada vez que nos encontrávamos ou escrevíamos, eu sentia que estava a aprender coisas novas. O livro que te envio certamente te interessará, minha futuro psicólogo. Françoise Dolto conhecia a Pedagogia Institucional, ou seja, o modelo que o teu pai adoptou, se entendi bem o que me escreveste. Quando vens a próxima vez em visita, pergunta mais sobre Dolto à avó, sei que leu muito dela quando trabalhava como professora.*
*Mas também podes encontrar informações que te interessem em Portugal. Eu sei que a tua mãe conheceu pessoas interessantes ainda antes de nasceres e poderás encontrar*

*textos em português sobre comunicação, conselho e como abordar situações de conflito. Se não me falha a memória, os teus pais falaram-me dum pedagogo chamado Sérgio Niza. Acho que ele faz parte de um movimento de professores que se desenvolveu a partir das ideias de dois professores franceses, Célestin Freinet e Fernand Oury, que já mencionei. Mas posso estar enganado, claro. Talvez consegues saber mais, falando com os teus pais.*
*Um grande beijo do teu avô.*

No ano seguinte, Paulo põe fim ao trabalho como docente, cansado dos entraves no trabalho colocadas por um diretor pedante e arrogante que cultiva uma imagem muito negativa do bairro onde está localizada a escola. Quando obriga Paulo a assumir um cargo administrativo burocrático que implica a elaboração de relatórios de avaliação de colegas mais jovens, ele recusa. Até então trabalhava com esses colegas numa espécie de comunidade de aprendizagem e repudia esses relatórios que facilmente podem ser utilizados para classificar os professores em uma estrutura rígida. Ele demite-se e junta-se a uma organização não-governamental internacional para acompanhar projetos de comunidades de aprendizagem de adultos.
Catherine escolha fazer um mestrado para ampliar os seus conhecimentos em técnicas de comunicação. Joana inicia os estudos de psicologia e fica surpreendida ao saber que uma das disciplinas optativas é dada pelo tal Sérgio Niza. Sem se já ter decidido pela psicologia educacional ela inscreve-se naquela disciplina optativa. Ela também investiga a possibilidade de estudar um semestre fora do país. Ela sabe da irmã que fez estágios em dois outros países que essas experiências no

estrangeiro são muito úteis. Escreve para John:

*Querido avô ,*

*Comecei meus estudos no ensino superior. Primeira surpresa: o pedagogo de quem me falaste uma vez dá um curso opcional na minha faculdade. Inscrevi-me para ver!*

*Catherine decidiu estudar mais um ano e terminar um mestrado. Ela diz que assim terá mais oportunidades de trabalho. Se bem entendi, ela gostaria de entrar em contato com Hypolite d'Ailleurs, cujo telefone e e-mail ainda tem. Também procurou saber o que Steven Bird faz. Ele sempre disse que queria ser piloto. A mãe e o pai pensaram algum tempo que Steven era mais do que um bom amigo, mas eles estavam enganados! Já agora, Alberto e Catherine estão mesmo decididos em morar juntos, mas querem esperar o anúncio oficial até encontrarem um sítio para viver. Portanto, não falas nisso ao pai quando ligares ou escreveres.*

*Eu próprio pretendo estudar fora do país no primeiro semestre do próximo ano. Estou a pensar em Paris ou talvez em Gent. Gent seria bom, claro, porque então eu estaria perto de vocês. Mas Paris também só fica a apenas uma hora de comboio de Bruxelas. Certamente tudo estará definido no próximo verão, assim podemos fazer planos quando Catherine e eu estaremos de férias na vossa casa.*

*Grande Joana-beijo*

Catherine e Joana passam o verão com os avós em Oostende. Catherine terminou o mestrado e fala em procurar iniciativas interessantes com Hypolite. A certa altura, quando ela se refere à maneira arrogante como os clientes ricos dum resort se dirigem aos funcionários e mesmo aos seus próprios filhos — uma experiência que ela adquiriu durante um estágio — John

menciona a tabela do seu pai e refere que Paulo a reformulou ligeiramente mais tarde. "Já sabíamos desta tabela. Mas o sorrateiro nunca mencionou a sua contribuição. Ele apenas disse que a tabela era do avô dele," diz Catherine.

Joana volta a interessar-se por aquela tabela. A fixação de tipos-ideais tendo em conta o grau de arrogância e ignorância talvez pode ajudar na análise das dificuldades de comunicação entre diversas personalidades. John conta-lhes que o pai dele, ele próprio e Paulo estavam principalmente interessados em interpretar alguns fenómenos na escola e nas comunidades de aprendizagem.

"Tens a versão que o pai fez da tabela?" pergunta Catherine a John. Depois de procurar um pouco entre os seus papéis, ele encontra uma carta com a tabela de Paulo [Ver volume 8, *A massa mediocre*]. Enquanto Catherine estuda de mais perto a tabela, Joana conta:

"No final das contas, não irei para Gent e também não irei para Paris. A minha faculdade tem um acordo com a faculdade de psicologia da Universidade Le Mirail de Toulouse. Passarei lá pelo menos um semestre, talvez um ano inteiro. Parto para Toulouse de aqui cerca de um mês. Já vi que são cerca de sete horas de TGV de Bruxelas e também que existem voos diretos de Zaventem para Blagnac. Talvez podem me me visitar? Já combinei com amigos também. Catherine e Alberto virão claro, Steven também concordou. Claro que ele quer visitar as instalações da Airbus!"

"Recorda-me quem é aquele Steven?" pergunta Jeanne.

"Ele é um velho amigo nosso. Ele estava na turma da Catherine

na escola secundária, lembras-te? Hoje é piloto e trabalha para uma empresa de carga. Ele quer acumular horas de voo para mudar para o transporte de passageiros. O sonho dele é de juntar-se a uma empresa de bandeira, se possível a British Airways, ele tem nacionalidade britânica."

Em Setembro, Joana instala-se em Toulouse. Ela consegue um quarto num apartamento de estudantes perto da Avenue Etienne Billières, a poucos passos da estação de metro *St Cyprien République*. O metro não só permite uma viagem rápida até a faculdade de psicologia da Université II Le Mirail, mas também até o centro da cidade velha, com os muitos parques, esplanadas e bares onde os estudantes costumam reunir-se.
Joana rapidamente consegue fazer-se um pequeno círculo de amigos entre estudantes franceses e estrangeiros. Do círculo faz parte Ester Langlauf da Suíça germânica que também optou por fazer parte dos estudos fora. Ambas têm o mesmo interesse para a comunicação e a interação social. Elas aproveitam a sua estadia em Toulouse para seguir um curso opcional em etologia. Elas interessam-se em tudo o que tem a ver com barreiras de comunicação internas e externas. Encontram-se com um grupo de Pedagogia Institucional, o que não é novidade para Joana, e pouco depois também contactam com a Psicoterapia Institucional. Os dois modelos de interação continuam a fascinar Joana, não só porque evocam memórias de cartas e conversas com o avô, mas também porque o carácter instituinte da comunicação entre indivíduos que pretendem constituir uma comunidade de aprendizagem ou outro grupo permanente mantém a sua mente ocupada. Durante uma visita da sua irmã,

elas revêem o que sabem acerca do valor educativo da cooperação, inclusive no que diz respeito à instituição de regras. Elas têm uma longa conversa sobre a diferença entre *colaboração* e *cooperação*. Mais tarde Catherine dirá sempre terem tido a opinião que a tentativa de tornar os dois conceitos sinónimo não era uma ação inconsciente de quem não tem muita habilidade na linguagem. Ela afirma que, desde aquela conversa em Toulouse, ambas permaneceram convencidos que se tratou de uma vontade consciente de figuras arrogantes, tanto no mundo académico como político, para apagar a linha divisória entre aquelas duas opções que para Paulo Freire são completamente diferentes: trabalhar *para* os outros ou trabalhar *com* os outros. Para as irmãs a colaboração implica uma relação de poder vertical, a cooperação uma relação de poder horizontal.
"Além disso," dirá Catherine mais tarde muitas vezes, "entende-se claramente que os líderes empresariais numa economia capitalista não têm dúvidas sobre a relação vertical na sua empresa, seja ela uma grande indústria ou uma pequena loja: eles procuram *colaboradores* quando recrutam empregados e trabalhadores. Só numa cooperativa unicamente composta de cooperantes é que uma equipa coopera *como* um todo…"

Enquanto Joana está em Toulouse, uma crise no mundo financeiro já prevista entre os melhor informados irrompe subitamente com força. Trata-se de mais uma crise provocada por figuras com poder e sem escrúpulos que procuram enriquecimento, ainda que esse enriquecimento só se manifeste através de números em documentos electrónicos. Os bancos

juntaram-se já há bastante tempo ao sector da construção e às empresas imobiliárias, lançando uma espiral de crédito altamente especulativo ao qual ao longo prazo já não conseguem escapar. Tudo começou com empréstimos hipotecários para aquisição de habitação levando a uma crise no mundo bancário internacional. No entanto, muitos dos criminosos financeiros escapam ilesos. Eles conseguem com que quem tenha real poder e com os políticos que lhes comem da mão apontar o dedo aos pobres e aos imigrantes como causadores da crise. Estes são agora subitamente acusados de se terem precipitados em contrair empréstimos. Além disso, as primeiras vítimas são aquelas pessoas com pequenas poupanças persuadidas a investir o seu dinheiro em títulos sobre estes empréstimos hipotecários sem saberem exactamente no que estavam a investir. John e Paulo consideram tratar-se de mais um exemplo de como a posse e o poder levam a situações perversas, mas também como a criatividade imaginativa do bulbo da tulipa [Ver volume 02: *Uma ideia perigosa*] reaparece regularmente devido à cultura da ignorância. O mais desagradável nesta enésima versão é que os chamados representantes do povo em vários países, a começar pelos Estados Unidos, concordam rapidamente em usar o dinheiro dos contribuintes para salvar o sistema bancário privado. Daí resulta o adiamento ou cancelamento de projetos sociais.

John fica um tanto surpreso quando, após esse escândalo bancário, os membros cristãos do grupo de tertúlia no qual ainda participa regularmente trazem mais uma vez à tona o Instituto de Obras Religiosas. Voltam mesmo a ligar a morte de

João Paulo I aos responsáveis pelo 'Banco do Vaticano' que teriam mandado assassinar o Papa atribuindo implicitamente valor ao que um arguido num dos muitos julgamentos da máfia italiana terá dito ao juiz Paolo Borsellino. John alega que o que aconteceu naquela altura nada teve a ver com o actual escândalo bancário, que equivale a um roubo sistemático de pessoas. Por um lado concede-se crédito a indivíduos de quem é sabido de antemão que não têm meios para o pagar. Por outro lado atraem-se pequenos detentores de poupanças mal informados para investimentos lucrativos incertos. Quando John explica o afundamento atual dos empréstimos hipotecários às suas netas, Catherine lembra-se de que o pai uma vez se referiu ao sistema em vigor em Portugal quando ele e a mãe se mudaram para lá. Na altura, o sistema bancário incentivava empréstimos que eram liquidadas com prestações crescentes calculadas na base da inflação esperada e do desenvolvimento da carreira do titular da hipoteca. Nos primeiros anos, as prestações eram tão pequenas que nem sequer cobriam os juros fazendo a dívida ao banco aumentar. Estes juros sobre o valor devido mantiveram-se artificialmente elevados por um período mais prolongado. Logo o sistema capitalista transforma o direito à habitação que consta da declaração "humanista" dos direitos humanos num dever financeira.

Steven Bird chega a Toulouse tendo um convite para uma entrevista na Airbus em Blagnac. Ele também traz alguns jornais portugueses nos quais são noticiados os escândalos bancários locais. Sem mencionar exactamente até que ponto o *Banco de Negócios Português* está envolvido nos jogos especulativos

internacionais entre bancos que levaram ao colapso do mercado hipotecário imobiliário na América, dão a conhecer ao público uma série de relações perigosas entre o banqueiro e figuras importantes dos partidos conservadores, incluindo o presidente. Steven observa: “Uma coisa já está assente. Os governantes portugueses, tal como os governantes de outros países subestimaram de alguma forma a imprensa. Mas temo que o fazem porque a imprensa apenas nos dirá o que é ‘permitido’ dizer. E talvez quem na próxima crise estará no poder terá aprendido as lições e conseguir aumentar o nevoeiro para melhor controlar e restringir a liberdade de imprensa.”
Catherine e Joana mostram a Steven a matriz que receberam do avô John para inserir os tipos-ideais. Tentam situar os políticos europeus e americanos, mas também indivíduos que trabalham mais na sombra.
“Poderiam transformá-lo em um jogo de tabuleiro Cluedo ou Monopoly”, diz Steven, rindo.
Catherine também ri e responde: “Mais um Cluedo. Em última análise, a arrogância de alguns leva à morte de muitos, em casos específicos. Poderia até ser uma versão de Stratego.”
Joana franze a testa: “Mas, no fim de contas, há pouco motivo para rir. A matriz reflecte a possibilidade da construção de uma realidade social perversa, na qual alguns tomam o poder como garantido e consideram todos os outros de objecto. Começa na escola e, segundo o avô, muitas vezes também em outras instituições, como a igreja ou o exército, e termina em todos os aspectos da vida social humana. Achei muito interessante o que aprendi sobre o trabalho instituinte nas relações e na

comunicação, mas vejo muito pouco disso acontecer na nossa sociedade, tão pouco que quase podemos falar de uma utopia…”
Steven então ri novamente: “Desculpem, não consigo evitar. Acabei de pensar que temos três propostas de jogos de tabuleiro. Se lançarmos todos os três, talvez ficaremos muito ricos.”
Depois de Steven se libertar das almofadas atiradas pelas duas irmãs, Joana pergunta: “O que é que vais fazer na Airbus?”
“Solicitei para trabalhar como piloto de testes.”
“Como piloto de testes ??” as irmãs exclamam simultaneamente.
“Parem, não vou fazer de um dos irmãos Wright ou de algum Howard Hughes! A Airbus emprega pilotos que passam a maior parte do tempo a testar a anunciada capacidade de voo de aeronaves a entregar, verificando se essas aeronaves atendem a todos os limites anunciados. Espero dar um impulso ao meu currículo para me tornar piloto de uma empresa de bandeira de transporte de passageiros.”

De regresso a Lisboa, Catherine contacta Hypolite. Ela pede-lhe ajuda para devolver algumas das suas ideias.
Joana cria um vínculo cada vez mais próximo com Ester. Eles planeiam investigar mais detalhadamente o que as pessoas surdas ou com deficiência auditiva podem ensinar às pessoas ouvintes sobre modelos de comunicação, assim que tiverem a oportunidade.
É a vez de John e Jeanne visitar a neta. Eles ficam num pequeno hotel perto da estação de metro Jean Jaurés. A praça frente ao *Capitólio* torna-se o ponto de encontro para o aperitivo da tarde,

após o qual muitas vezes caminham pelas ruas rosadas em busca de um restaurante aconchegante para jantar. Num desses passeios, Joana leva Ester por querer apresentá-la aos avós. Naquele dia visitam o recém-inaugurado *Musée du Vieux-Toulouse*. Depois de sair do museu caminham em direção à *Place St Georges,* onde encontram um sítio para jantar. Ester e Joana contam John os seus planos de contactar crianças com dificuldades de comunicação por motivos físicos ou psicológicos e de investigar com elas como eliminar mal-entendidos que muitas vezes ocorrem entre quem comunica, não apenas quando utilizam meios ou línguas adaptadas, mas também quando usam uma mesma língua, qualquer que seja.

"Assumimos como ponto de partida", diz Joana, "que pessoas enfrentando específicas dificuldades de comunicação conseguem ensinar a partir da sua própria experiência como tornar a interação verbal e não verbal mais eficiente".

"Não temos pressa", completa Ester. "Depois de acabar os estudos cada uma de nós pensa estabelecer uma rede de contactos com pais e filhos nos nossos próprios contextos e estudar a comunicação em pequenos grupos."

"Isso parece-me muito interessante", diz John. "Talvez encontram fenómenos de arrogância e de ignorância e como esses influenciam a vontade de aprender."

Joana ri. "Já estava a pensar quando iria começar a falar sobre isso, avô", diz ela. "Ester, sabes, aquela matriz que Steven quer transformar num jogo de Cluedo…"

"Um jogo de Cluedo?" pergunta John.

Joana conta-lhe a conversa que teve com Steven e Catherine.

“Hum”, diz John. “Concordo com Catherine em vê-lo mais como um jogo de Stratego. Mas no nosso caso há mais de dois jogadores em campo. E é bem possível que ninguém esteja muito interessado em desempenhar o papel de eterno perdedor… Talvez seja melhor limitar-se à análise em vez de organizar batalhas…”
Infelizmente”, diz Ester, “as análises arrogantes costumam estar na origem de muitas batalhas. E ainda mais na origem das dificuldades sentidas por muitas pessoas. Uma maior compreensão dos modelos de comunicação existentes talvez contribua para frustrar os belicistas, de modo a ser menos provável que peguem em armas.”

No último dia da sua estadia John e Jeanne convidam Joana para visitar com eles a *Cité de l’Espace.* Desde que este parque temático de informação científica abriu as suas portas, há cerca de dez anos, John sempre sonhou visitá-lo.
Com a neta, John e Jeanne passam muito tempo na sala de exposições dedicada a Marte. Joana olha atentamente para a concepção do espaço informativo preparado para pessoas com dificuldades mentais, visuais, motoras ou auditivas e que há cinco anos foi galardoado com o selo *Tourisme et Handicap*.
“Quando era pequeno”, diz John a Joana, “eu muitas vezes sonhava em viajar para Marte. Claro que já tinha lido *Da terra à lua, viagem directa em 97 horas e 20 minutos,* de Júlio Verne, mas Marte era outra coisa… Tudo parece tão simples quando se olha daqui, no conforto da Terra... Talvez um dia os teus filhos assistirão às reportagens sobre Marte da mesma forma que o teu pai assistia às reportagens sobre a Lua no início da

década de 1970."
Caminham para o *Terr@dome*. Joana observa que todos os decisores políticos deveriam ficar fechados nesta sala o tempo necessário para aprenderem a ver a Terra como um pequeno habitat dentro de um universo hostil. Isso talvez os faça respeitar um pouco mais a nossa 'nave espacial' comum, continua.
John reponde: "Sim, eis uma daquelas contradições. Os principais decisores políticos empregam um exército de técnicos para manter os seus veículos em boas condições e para protegê-los de todo o tipo de perigo, mas não se sentem obrigados a preocupar-se com o único meio de transporte colectivo que temos através do espaço e protege toda a vida, eles descuidam-na."
Ainda visitam o modelo funcional da estação espacial MIR para depois deixar a *Cité*. Regressam ao *Jardin Pierre Goudouli* onde procuram uma esplanada para último lanche. Joana caminha com os avós até o hotel. Despedem-se e ela segue até à estação de metro *Jean Jaurés* onde apanha o metro para casa.

Joana acaba por passar um ano inteiro em Toulouse. Pouco depois de regressar a Lisboa, ela participa num projeto de rua onde uma noite conhece Daniel N'Kondo. Ela fala das suas experiências em Toulouse e dos seus planos de fazer pesquisas com Ester na área de comunicação. Daniel trabalha no mundo do teatro e, como ele diz, possivelmente estuda sociologia sem exageros. Devido à surdez de Joana, procuram frequentemente cafés silenciosos ou esplanadas onde é fácil conversar. Nesse mesmo ano, Daniel passa os

seis meses do segundo semestre académico em Gent. Joana junta-se a ele durante as férias da Páscoa e John fica encantado em mostrar a cidade à neta e o seu namorado conversando sobre a sua infância. Consegue até uma visita à Escola Normal e à antiga habitação de serviço onde passou a sua infância, com a autorização da atual diretora da Escola.

***

*Querido avô,*
*Estou de regresso a casa. O semestre de Daniel em Gent termina de aqui dois meses. Nós os dois gostámos muito de conhecer melhor Gent contigo e, claro, Daniel também ficou muito entusiasmado com a nossa visita a Oostende. Ele disse-me que te vai ligar para encontrar-vos outra vez antes de voltar para casa.*
*Estou agora atarefada com a recolha de testemunhos de crianças surdas e dos seus pais e de educadores de crianças com complexas dificuldades de comunicação. Ester e eu recebemos o apoio dos nossos respectivos orientadores para fazer do estudo da comunicação e interação em casos específicos o assunto de tese de mestrado. Uma das situações mais marcantes com a qual ambas fomos confrontadas é que quase não há psicólogos com conhecimento da Língua Gestual. Isso significa que pessoas surdas que desejam consultar um psicólogo geralmente precisam de um intérprete. O mesmo acontece nas consultas médicas. Isso parece-nos ser uma grande invasão de privacidade. Já sou capaz de manter conversas simples em Língua Gestual e agora decidi aprimorar o meu conhecimento dela. Sabias que a Língua Gestual é língua oficial em Portugal desde 1997? Na Finlândia tem este estatuto desde 1995. É*

*oficialmente reconhecida na Bélgica flamenga desde há dois anos, na França desde 2005, na Bélgica francesa desde 2003. Mas a maioria dos países ainda não chegaram a esta fase. Este ano parece haver um avanço na América Latina. Contudo poucos países inscreveram-na oficialmente na constituição enquanto língua nacional, como se fez em Portugal, Áustria, África do Sul ou Venezuela, por exemplo. Os diferentes estatutos da Língua Gestual são uma indicação de como os governos abordam os modelos de comunicação e os problemas de comunicação deles derivados. Mas esse é apenas um caso… li uma biografia muito boa de Hellen Keller e o meu contacto com crianças com graves limitações físicas ou psíquicas e os pais delas também mostram-me como a comunicação pode ser um verdadeiro desafio! Ainda há muito para fazer!*
*Avô, se Daniel entrar em contato contigo para ir até a costa, ajudas? Ele é bastante distraído, um pouco como aquele amigo chileno teu de que o pai às vezes fala.*
*Um grande beijo da Joana.*

*Querida Joana,*
*Daniel é um jovem muito agradável no convívio. Ainda bem que me avisaste que ele é um pouco distraído. Consegui apanhá-lo a tempo em Bruges. Ele estava no comboio para Knokke em vez de Oostende. No comboio, tivemos uma conversa sobre teatro e fiquei fascinado com o que ele me contou acerca de Angola. Falou-me dos grupos Tchinganje, Xilenga-teatro e Elinga Teatro e sobre o papel do escritor José Mena Abrantes, que parece conhecer bastante bem, nesses grupos. Depois falámos muito do Conselho Cultural com o qual trabalhei antigamente. E aparentemente falaste-lhe do esquema de ignorância e arrogância do meu pai. Vê bem,*

*querida neta, tivemos muito para conversar.*
*Li o teu texto sobre ser surdo. Imediatamente traduzi-lo para o neerlandês. Se tiveres outros textos que queres partilhar comigo, envie-os. Eu ficou feliz em estudá-los.*
*É claro que a tua avó e eu também ficaríamos muito contentes se tu e a tua irmã nos querem visitar novamente. Pensem em outra viagem de verão para o Norte Húmido.*
*Hellen Keller parece ser uma daquelas figuras chave quando se fala de comunicação, não é? O que mais uma vez me fascina é o caráter instituinte da comunicação entre ela e Ann Sullivan. Conseguiram romper as barreiras do institucionalizado e criar novos caminhos procurando em conjunto regras de trabalho, no caso delas regras para se transmitir conceitos e pensamentos uma à outra para tornar esses conceitos compreensíveis para ambos. A minha avó que nunca conheci falou com meu pai de Hellen Keller e da importância do trabalho da sua preceptora Ann. Suspirei profundamente de emoção quando li que também falas dela no contexto dos teus estudos.*
*Um grande beijo do teu avô.*

Catherine aprende gradualmente não apenas como organizar iniciativas de maneira profissional, mas também como fazer com que as pessoas trabalhem juntas numa ampla variedade de situações. Ela continua a envolver a irmã nalguns dos seus trabalhos. Ela escreve para John:

*Querido avô ,*
*Obrigado pela tua linda carta e pelo presente de aniversário. Farei bom uso dele nas minhas próximas atividades. Uma câmera digital dá-me mais possibilidades para atualizar facilmente e regularmente o meu site. Quero especificamente*

*mostrar como reunir as pessoas de modo mais profissional para iniciativas de solidariedade. Recentemente tive uma longa conversa com Hypolite, aquele amigo que orienta as pessoas no desenvolvimento dos seus próprios projetos. Conversamos em como evitar transformar a solidariedade em ações de caridade. Na nossa opinião, é importante deixar que as pessoas se organizem e decidam por si mesmas se querem ou não criar uma acção de solidariedade e com que finalidade. Ambos pensamos que simplesmente sair às ruas e gritar por justiça produz pouco, excepto reacções negativas por parte daqueles que se movimentam em outros círculos e que senão talvez interviessem também. Também perguntamo-nos se a solidariedade se relaciona com dinheiro ou com convivência, como diz Illich, ou talvez com ambos os aspectos. De acordo com Hypolite, num mundo capitalista o dinheiro é necessário até mesmo para em grupo defender um tipo de sociedade diferente. Sabemos ser muito mais eficiente e mais barato gerir infra-estruturas cooperativamente do que financiar estruturas individuais para quem não as possui. Estivemos a pensar numa forma de solidariedade invertida. Sonhamos em fazer campanhas de solidariedade junto a quem tem muito dinheiro e consome muito individualmente para apoiar essas pessoas a aprender a viver bem com base na cooperação e na partilha de bens e serviços. À partida, imaginamos, é claro, muitos mal-entendidos por parte de quem se considera potencial patrocinador de caridade quando lhes iremos propor a trabalhar com aqueles que têm menos dinheiro. A proposta é de iniciar ou melhorar a gestão de estruturas comuns, em vez de doar dinheiro para um qualquer projeto de outra pessoa. Não estamos a falar em doar sobras neste caso. Trata-se de criar novos laços sociais entre pessoas muito diferentes com*

*pontos de partida completamente diferentes.*
*A Joana veio recentemente participar connosco numa sessão de discussão com um grupo que entretanto se interessou pela pela nossa ideia. A seguir, ela mostrou-nos uma reportagem com Jean Oury falando da psicoterapia institucional e do Chateau Laborde, intitulada* 'Le droit à la folie'. *Pensamos que a nossa proposta de repensar em conjunto um projeto habitacional e residencial poderia intitular-se* 'Le droit à la convivialité'. *Os interessados com os quais trabalhamos estão envolvidos num projeto de bairro consistindo em aproximar os residentes de um condomínio privado e os seus vizinhos residentes de um bairro de habitação social. O primeiro objectivo consiste em partilhar um conjunto de estruturas comunais ao qual cada um deles tem acesso. Sim, mesmo num condomínio privado existem estruturas assim, pensa em piscina, ginásio, lavandaria central. No bairro social existem vários bons restaurantes e cabeleireiros. Além disso a população usufrui de uma grande horta comunitária. Penso já te ter falado das nossas conversas exploratórias desde há vários meses e é muito interessante ver como as pessoas estão a aprender a descobrir-se umas às outras. Eles descobrem como cooperar, havendo dinheiro disponibilizado por alguns e saber-fazer por outros em vez de manter a clássica relação doador-recetor, que em última análise deixa inalterada a hierarquia de quem têm sobre quem não têm. A agressão mútua diminuiu visivelmente. Os envolvidos sentem que estão desenvolvendo aqui um novo conceito de posse.*
*Se o grupo nos permitir, esperamos regularmente gravar trechos de conversas importantes com a câmera digital, para usar em reuniões com outros antropogogos.*
*Querido avô, espero te levar a visitar os projetos nos quais*

*participamos quando nos visitares novamente.*
*Um grande beijo da Catherine.*

Como tanto desejavam, John e Joana recebem as duas netas na sua casa para umas férias de verão de quinze dias. Alberto junta-se num fim de semana prolongado. Marcou entrevistas para oportunidades de trabalho em Bruxelas e em Londres conseguindo passar três dias em Oostende entre compromissos.
Joana esteve há pouco envolvida na orientação em escolas com elevadas percentagens alunos a repetir o ano ou a desistir da escola. Catherine continua a acompanhar o trabalho de bairro. De resto, empregou-se a meio tempo numa empresa comercial que financia projetos sociais com lucros excedentes em troca de benefícios fiscais nos impostos sobre rendimento de pessoas coletivas.
Uma noite Joana diz: "As escolas são lugares onde as crianças conseguem aprendem apesar da escola".
John olha para ela: "Estás a ter problemas com o corpo docente e as normas?"
Joana suspira: "É terrível, avô. Oficialmente todos dizem defender uma política de inclusão, mas na prática todas as crianças acabam em turmas nas quais professores continuam sem mais a dar aulas ao aluno médio inexistente. Quando apelam aos nossos serviços, é sobretudo para nos pedir de excluir legalmente aqueles que não entram nessa média fantasiada."
"Excluir?" pergunta a irmã.
"Na realidade é disso que se trata. Pedem-nos de transformar as crianças em casos num dossier. Todas as crianças escrituradas

num arquivo tornam-se elegíveis para serem excluídas da sala de aula. Frequentemente são encaminhadas para terapias de que nem sempre precisam. É a própria instituição que precisa de terapia! A escola primária e secundária, que deveriam existir para ajudar todos a apropriar-se o máximo de conhecimento possível, são máquinas para fazer triagens, para dividir as pessoas em categorias, ano após ano. Quanto mais arrogantes são os buscadores de médias usando a estrutura, mais ignorância a escola produz. Muitas vezes é desesperante."

"Deixas-me adivinhar", John sorri. "Aconselha-se aos pais das crianças-dossier a procurar outra escola, talvez com um currículo adaptado, ou em alternativa, talvez com um modelo específico ou com métodos especiais."

"Sim avô, é exatamente isso. Os modelos existem, alguns já se revelaram há muito verdadeiramente abertos a todos e para ajudar todas as crianças do grupo a progredir, mas são rejeitados com o argumento de serem demasiado trabalhosos para os professores, ou não suficientemente normalizados. São referidos como utópicos ou o que quer que seja, e portanto não passível à generalização. Basta propor que todas as crianças trabalhem tanto quanto possível com base nos seus próprios interesses e com uma forte orientação para a sua formação básica em línguas, aritmética, ciências, história e filosofia, e começam os problemas. Às vezes penso haver quem inventa argumentos para evitar de fazer o que deveria ser feito na escola. A maior parte destes argumentos são difíceis de refutar. Começam com o clássico '*se fizermos isso, perderemos o nosso bom lugar no ranking*'. As escolas dos guetos por sua vez já se encontram no

fim da lista de classificação mas raramente têm pessoal olhando seriamente para as dificuldades. Ou então acontece o que aconteceu ao pai: quem leva as crianças muito a sério, mais cedo ou mais tarde é intimidado ou afastado com medidas administrativas. Se isso não resultar, meios mais ou menos subtis são usados para afastar tal pessoa da escola .”
“Tudo é tão contraditório”, observa Catherine. “Hoje sabemos muito sobre como as pessoas aprendem graças à antropogogia e à pedagogia nela incluída. Acima de tudo sabemos que o ser humano gosta de aprender e aprende com facilidade. Durante algum tempo tanto o Hypolite como o pai pensaram ver no início do século XXI o tempo e o contexto geral favorável aos aprendentes. Mas o que na verdade mais uma vez constatamos agora que o consumo e o individualismo aumentam é como a transferência de conhecimento em massa cria paradoxalmente ainda mais indivíduos ignorantes. Joana observa a inércia da instituição escolar. Nós observamos no projeto do bairro as pessoas envolvidas a manter o entusiasmo para a tomada de decisão em cooperação, enquanto ao mesmo tempo recebem e recebemos muitas reações hostis assim que falam e falamos com outros. É como se qualquer comunidade harmoniosa e de convivência fosse vista como uma espécie de prenúncio do colapso da sociedade.”
“Portanto, este é outro paradoxo”, diz John. “Modelos para tornar as interações no tecido societal mais cooperativo e portanto mais social provocam reações entre todos aqueles que dizem querer fortalecer esse tecido para a interação social, mas, entretanto, apenas olham para os seus próprios benefícios. E, assim como eu

já o fiz, notaste que aprendentes que gradualmente começam a usar esses modelos são vistas com desconfiança tanto pelos arrogantes como pelos ignorantes. Não é exactamente o que imaginamos quando apelamos a aprendizagem geral e defendemos a aquisição de conhecimentos como um objectivo comum. Mas talvez seja precisamente por isso que quem têm os privilégios associados ao poder promove essa aquisição de conhecimento geral como um objectivo comum apenas no papel, ou não o promove de todo nem mesmo no papel. Vocês são colecionadores de paradoxos. Mas como vai o projeto em que estás a trabalhar?"
"Corre muito bem. Neste momento, todas as crianças que vivam na zona e que assim o desejam, utilizam a piscina do condomínio. Os pequenos restaurantes do bairro social cada vez mais entregam refeições a casa em todo o bairro, incluindo no condomínio. Um desenvolvimento disso foi a abertura de uma cantina com refeições mais baratas na qual todos os restaurantes participam. Todos concordaram que não existem refeições gratuitas, ou seja, uma refeição custa pelo menos 1 euro. Os restaurantes apresentam os mesmos menus quer seja em espaço próprio, quer para entrega ao domicílio quer na cantina. Está a ser seguida uma política segundo a qual cada um paga de acordo com os meios que tem, em qualquer um destes três contextos, mas todos têm acesso à mesma oferta. A lavanderia do condomínio e a lavanderia local do bairro social trabalham juntas e atendem todo o bairro. Os serviços são complementares em vez de sobrepostos. Foram feitos acordos práticos para a utilização da portaria do condomínio:

correspondência e encomendas podem ser aí entregues para todos os habitantes tanto do condomínio como do bairro social quando não estiverem em casa. Os moradores estão neste momento a elaborar acordos adicionais relativos à utilização da zona verde, que inclui também as hortas comuns. Quem quiser pode continuar a cultivar a sua horta privada, mas a área cultivada e gerida cooperativamente aumenta. Isto significa que há menos desperdício com superprodução de certos vegetais em épocas específicas. Todos os que fazem parte da cooperativa podem aí colher frutas e legumes, independentemente do tipo de trabalho que realizam para a cooperativa. Por sugestão de vários pais, tanto do bairro social como do condomínio, foi apresentado à câmara um projecto para a construção de dois pequenos campos desportivos e um parque infantil para todas as crianças num terreno baldio adjacente ao muro do condomínio. O projeto foi aprovado e será agora executado por trabalhadores da construção civil residentes. O plano foi elaborado por dois arquitectos do condomínio e a compra de materiais e equipamentos é financiada por uma conta conjunta para a qual contribui quem quiser e em função dos meios que tem. O espaço estará permanentemente acessível. É por isso que foi previsto um portão adicional para o condomínio. Todos os utilizadores do espaço possuem os códigos para abrir o portão, tal como acontece com o acesso à piscina."

Joana diz então: "Estamos neste momento a estudar as possibilidades de ampliar ainda mais o leque de atividades de tempos livres para as crianças. Há uma discussão contínua em relação à oferta de escolas primárias na área. Catherine e

Hypolite perguntaram-me se queria ajudar a apoiar os residentes locais que desejam desenvolver uma escola cooperativa com uma organização sólida e acessível a todas as crianças de toda a área. O Ministério da Educação não autoriza a instalação de uma nova escola pública, mas está disposto a dar às duas escolas existentes na área total liberdade para o modelo de funcionamento e adaptações de estrutura. Significa principalmente muito trabalho com os professores. Não queremos excluir ninguém, queremos envolver todos para que o projeto se torne um projeto coletivo. Esperamos ver todas as crianças da vizinhança nessas escolas dentro de alguns anos."

No regresso para casa Joana e Catherine veem o anúncio do filme *Elysium* que foi lançado durante o verão. Elas vão ver filme acompanhadas do pai e de Alberto e Daniel.
Depois jantam juntos e a conversa gira obviamente em torno de pobres, ricos e privilégios. "O filme não dá uma imagem otimista do futuro", diz Catherine, "e, tal como outros filmes, dá inúmeras indicações de que estamos a evoluir para uma sociedade global em que os ricos estão a ficar mais ricos".
"E sistematicamente o resto da população permanece ou acaba numa qualquer condição de escravidão", observa Daniel. "É verdade que muitos filmes que têm como tema o futuro da humanidade acabam por mostram uma espécie de limitado mundo superior rico e um enorme submundo pobre. E vê-se o mesmo em muitos filmes supostamente históricos."
"Supostamente?" Alberto pergunta.
"É uma forma de falar. Considero que muitos daqueles filmes históricos são em parte ficção retratando uma sociedade muito

semelhante àquela em que o cineasta vive. Os cenários, as roupas, os modos de falar são adaptados, mas a relação entre quem tem poder e quem não tem não muda e é em grande parte copiada da sociedade atual. Mesmo em filmes de fantasia tendo animais como personagens, ou em desenhos animados, a mesma relação aparece repetidamente."

Joana diz: "Um filme tendo o convívio Illichiano como pano de fundo seria provavelmente um fracasso de bilheteria, a menos que o enredo envolva uma batalha entre uma perigosa figura corrupta que põe em perigo toda a sociedade, e um herói que nada sabe sobre cooperação, mas depende da colaboração de outros, e pode assim evitar uma espécie de fim apocalíptico mesmo a tempo."

Catherine ri: "Sim, até mesmo os filmes naqueles canais de TV sentimentais mostram apenas personagens sorridentes que estão apaixonados um pelo outro mas ainda não o sabem, incluem situações desagradáveis para impedir que o público mude de canal. Podem contar nos dedos de uma mão os filmes que apresentam uma história positiva em que a sociedade não está dividida em pessoas boas e más que alternadamente ganham e perdem."

"Mas voltando ao *Elysium,*" entra Paulo na conversa. "Não é surpreendente ver os muito ricos viver numa colónia por cima do planeta que está completamente poluída e negligenciada, principalmente devido às suas próprias ações, enquanto o resto da humanidade está, de certa forma, presa na Terra. Depois, não há nenhum elemento novo. Como sempre, a maioria dos ricos é má ou não tem consciência do que os outros estão a

passar e filtram-se os heróis entre os pobres para se defender a si próprios e talvez um pouco os outros. Eu espero mesmo esta não ser a sociedade em que as próximas gerações terão que viver, mas acho um sinal claro filmes de ação com esse tipo de enredo serem especialmente bem-sucedidos. Numa sociedade baseada no dinheiro e no status, é difícil esperar algo diferente."
"Os aprendentes em interação cooperativa poderiam, no entanto, desenvolver uma realidade social diferente", diz Alberto. "Eu fico sempre muito crítico quando ouço falar de comunidades não hierárquicas mas devo admitir que o projecto em que Catherine está a trabalhar mostra que é possível construir uma forma diferente de vida social, talvez até de sociedade desde que tenhamos muito tempo. Mas será que uma sociedade assim possa ser o tema de um filme sem que este se torne um documentário só visto por quem já está convencido?"
"Nesse tipo de comunidade também há aqueles que querem tomar o poder, que se consideram *supremo-ser* sobre todos?" pergunta Daniel.
"Eu transformaria a tua pergunta numa outra," diz Joana, "o que seria necessário para evitar que alguém se sentisse obrigado a adotar essa atitude? Penso que uma sociedade estruturada hierarquicamente só pode ser evitada se for assegurado colectivamente que todos experimentem não beneficiar como indivíduo de tal estrutura."
"Isto significa uma profunda reflexão não só sobre dinheiro, mas também sobre matérias-primas e produtos vistos de uma forma completamente diferente: numa estrutura não hierárquica as coisas não são propriedade, apenas são utilizadas. Portanto, não

faz sentido para alguém possuir ou usar coisas de que não precisa realmente para a sua vida ou o seu trabalho", diz Catherine.

"E, repito, isso está tão além da imaginação do espectador comum que filmes com histórias do género simplesmente não atraem espectadores", diz Daniel.

"Continuemos optimistas e esperemos que nunca chegamos a um *Elysium*", diz Joana. "E se chegar a esse ponto, esperemos que do tratamento que se faz da situação surja algo que não seja perpetuar a divisão entre aqueles que possuem e aqueles que não possuem, entre os de cima e os de baixo."

Joana nunca pude imaginar que foi exactamente isso que irá acontecer durante a Refundição após o Inverno Vulcânico. No entanto, ela e a irmã desenvolverão novas ideias sobre o assunto ao longo dos anos, à medida que juntas idealizam a análise ignarométrica.

No outono, John recebe uma carta de Joana sobre o projeto de bairro convivêncial:

*Querido avô ,*

*Este ano letivo decidi não me candidatar a escolas que apenas esperam trabalho administrativo do psicólogo educacional. Estabeleci como princípio de fazer o meu trabalho no grupo e não separado do grupo. Resultado, de repente tenho muito menos para fazer! A escola da mediocridade mata a diversidade de modo continuado. Não quero mais participar nisso. Às vezes sinto que estou a fugir, mas o pai diz que para não sermos engolidos por um monstro às vezes temos que correr. Não é possível enfrentar todos os monstros.*

*Trabalho com o staff de uma pequena escola que me recebe na*

*sala de aula. Também tenho um grupo de estudo com pais de crianças com graves limitações de comunicação. E passo muito tempo com Catherine e Hypolite no projeto comunitário. Lá o trabalho com as escolas vai bem. As duas equipas de escola estão a implementar mudanças, passo a passo e de uma forma inteligente, com o objectivo de conquistar todo o corpo docente a ter uma abordagem integrada do currículo baseada em projectos desenvolvidos de forma cooperativa.*
*Parece-me que vou assumir parte do trabalho de Catherine. Não sei se ela já to escreveu, mas ela e Alberto preparam-se para ir viver em Londres. Catherine está em contacto com duas organizações não governamentais com sede em Londres e Alberto integra agora a equipa duma pequena empresa de consultoria que orienta start-ups. Tem particular interesse em projetos de robótica e inteligência artificial.*
*Abraço os dois*
*Joana*

*Querida Joana,*
*Ia mesmo começar a responder a tua última carta quando a tua avó me trouxe uma carta que acabara de tirar da caixa de correio. É aquela na qual a tua irmã anuncia o que já me escreveste: ela muda para Londres. A tradição familiar continua. Pelo que sei da nossa história foram muitas gerações a fazer o mesmo. A minha avó mudou-se do já extinto Moresnet para Tienen, o meu pai para Gent, eu para Oostende e o teu pai para Lisboa. E agora uma das minhas netas vai para Londres. Lembro-me vagamente o meu pai falar dos avós da mãe dele que viviam em Oostende e, se bem me lembro, houve gerações anteriores a viver na França. Não sei muito mais, mas o meu irmão Hans tinha iniciado algumas pesquisas*

*pouco antes de falecer e parece ter encontrado pistas que apontariam até mesmo para o antigo Sacro Império Romano.*
*Estou feliz por teres encontrado algumas escolas onde o teu trabalho de consultora parece ser útil e por teres conseguido te libertar da classificação de crianças que muitas vezes é a única coisa que se espera do psicólogo escolar. Portanto, existem escolas onde os alunos se reúnem e trabalham juntos. É sonhar demais pensar que a tua geração conseguirá finalmente ter mais sucesso com as comunidades de aprendizagem cooperada? Seria certamente algo de bom para combater a arrogância e a ignorância.*
*Um beijo de avô.*

*Querida Catherine,*
*Ou devo dizer Dear Miss agora? Então vens morar perto de nós. Só há um pequeno mar que nos separa. Já não há barcos de Oostende para as Ilhas Britânicas, mas a conexão ferroviária é rápida e fácil. Sabes que são sempre bem vindos aqui! Pela tua carta, entendo que foste contratada por uma ONG para tratar da comunicação entre os departamentos. Espero que o que tenhas aprendido no trabalho comunitário com Hypolite te seja útil para esse novo desafio. É sobretudo nas ONG que se fala muito sobre abordagens cooperativas, enquanto continuam a confundir colaboração com cooperação. Espero que não seja o caso no teu novo ambiente de trabalho. E se for o caso, terás logo um novo campo de estudo. Só posso aconselhar-te a ficar atenta ao grau de arrogância e ignorância que observas entre os que atuam na organização. Poderá te orientar para não ir rápido demais, querida. Mas penso não ser necessário de te avisar. Tenho a impressão que lidas bem com as coisas.*

*Dá-nos rapidamente notícias acerca da tua vida de emigrante. Grande beijo do avô.*

### Comunicação

Pouco depois da mudança de Catherine e Alberto, Joana e Daniel decidem também morar juntos. Joana continua a trabalhar com as escolas do projecto do bairro e reúne ocasionalmente com a equipa de Hypolite para se manter informada acerca da cooperação cada vez mais enraizada entre os dois círculos de habitação, o do condomínio e o do bairro social. De resto interage com duas famílias que procuram desenvolver esquemas de comunicação uma com um filho surdo profundo e outra com uma filha com deficiência grave. Ela documenta as soluções encontradas e corresponde sobre elas com Ester. A sua amiga por sua vez escreve-lhe para informar que de momento acompanha três famílias além de trabalhar regularmente com um pequeno grupo de quatro crianças e os seus dois educadores. As crianças vivem num centro de acolhimento sob a supervisão permanente de dois adultos. Entre eles desenvolvem formas de comunicação para juntos organizar o espaço de convivência. Procuram o equilíbrio entre o que precisam individual- e colectivamente e como desenvolver rotinas viáveis. Ester está muito entusiasmada com a sua participação. Quando anuncia alguns meses mais tarde que está a preparar o seu casamento, convida Joana para comparecer à festa e ficar alguns dias para visitar aquela comunidade.

Na primavera de 2014, Joana e Ester reunam-se com a

pequena comunidade. Elas passam um dia inteiro com as crianças e seus educadores. Ambas falam fluentemente a Língua Gestual e têm larga experiência com o uso de pictogramas. Notam imediatamente como numa comunidade tão específica a linguagem utilizada para conseguir uma boa comunicação contém elementos muito específicos do grupo. Existe uma preocupação constante com as palavras, o modo de transmissão e como uma determinada palavra se liga a outras palavras. Elas também observam gestos e sons ajustados por todos assim que é detectado um obstáculo físico ou interpretativo por seja quem for do grupo. Esses ajustes acordados garantem a clareza sobre o significado preciso de uma palavra e o conceito abrangido, procurando reduzir ao máximo equívocos devido a movimentos coincidentes. Logo, os educadores atuam como tradutores das perguntas feitas por Joana e Ester. O grupo explica como muitas vezes tem de definir novas palavras e conceitos para que os seis elementos do grupo os possam processar e interpretar quando se aborda uma situação não discutida, mas também durante um estudo contextual, como por exemplo a observação de um curta-metragem ou a visualização de ilustrações. A discussão posterior de Joana e Ester incide sobre o caráter local ou universal de uma língua.

“Aqui notamos especialmente como potenciais situações de conflito não resultam de uma falta de comunicação, mas de uma interpretação não consistente das palavras. A polissemia torna-se facilmente fonte de mal-entendidos. O uso de uma metáfora ou de um recurso estilístico, por mais simples que seja, deve ser introduzido. Se não for dito primeiro que o que se

segue tem um significado figurado o resto da conversa pode descarrilar por completo," diz Ester.
Joana ri. "Descarrilar, eis um bom exemplo. E mesmo assim tive a impressão de que o grupo não se limita a interpretações muito literais. Como tu, notei o constante enquadramento, não só da situação discutida, mas também dos elementos da linguagem utilizados para discutir essa situação. Em última análise, isso é muito complexo."
Ester diz então: "Leva-me a reflectir como se arrisca em pensar levianamente como o receptor interpreta o que foi dito entre pessoas que ouvem sem limitações ou barreiras observáveis. Provavelmente assumimos demasiadas vezes, especialmente quando se trata de adultos, que a outra pessoa, por falar a mesma língua, interpreta uma sequência de palavras da mesma maneira como a pessoa que as pronunciou formando-se portanto exactamente a mesma imagem."
"Mas isso significa que para cada decisão de grupo deveria haver algum tipo de léxico para interpretar as palavras formulando o acordado", observa Joana. "E isso não é tudo. Uma vez interpretadas as palavras, as experiências anteriores dum indivíduo em relação ao fenómeno em discussão também determinam a sua compreensão. Isso envolve um processo de aprendizagem contínuo."
"Significa isso que basta o aprendente interromper esse processo para a sua ignorância começar a aumentar?" interroga-se Ester. Ela continua: "E não estou a falar do conhecimento aprofundado de uma ou outra interpretação do funcionamento de um fenómeno natural, mas sobretudo do

conhecimento disponível em qualquer grupo de pessoas para não ser mal interpretado”.
“Ou seja, é preciso tempo”, observa Joana. “Os educadores do grupo no qual agora estivemos falaram dessa necessidade. E na nossa sociedade muitas vezes não há tempo para determinar com calma como abordar algo nas nossas interações diárias e para escolher cuidadosamente a linguagem para o comunicar. E com isso não me refiro de facto ao idioma, mas sim ao uso de palavras. Contudo não assumimos demasiado facilmente ser suficiente todos falar português, ou francês, ou inglês, ou qualquer outra língua? E para procurar fazer acordos comuns num contexto mais internacional, é mais provável a confusão do que a clareza. Consultar um dicionário de tradução não basta e recorrer a intérpretes, mesmo dominando o léxico, é um problema espinhoso.”
“Portanto, para abordar o nosso problema”, continua Ester, “a afirmação ‘*tempo é dinheiro’* é certamente um grande obstáculo. Em questões de comunicação, em primeiro lugar, o tempo não deve ser limitado e, em segundo lugar, ninguém pode ficar com a sensação de estar a ‘*perder’* tempo. Só se ‘*perde*’ tempo quando se faz dele um bem transaccionável. Mas manter o tempo fora da esfera da economia na nossa sociedade… isso não será fácil.”

Regressado a casa, Joana escreve John:

*Querido avô,*

*Acabei de voltar de uma visita a Ester. Observámos um grupo de convivência de quatro crianças com grandes barreiras de comunicação e os seus dois educadores e depois tivemos uma conversa entre nós da qual te junto as minhas anotações.*

*Pergunto-me se no jardim-de-infância e na escola primária, e ao orientar as crianças em geral, prestamos suficiente atenção, se aprendemos como definir com precisão o que fazemos e dizemos em grupos. Quero dizer, sinto hoje que prestamos muito pouca atenção ao uso das palavras e como aprender a utilizá-las. Não, não acho que estou a dizer duas vezes a mesma coisa. Preciso realmente reler o trabalho de Vygotsky, mas talvez também tenha que abordar Chomsky. Ester falou-me de Barthes. Querido avô, se é realmente tão trabalhoso estabelecer uma comunicação clara em grupos, não deveríamos fazer disso a tarefa principal da escola integradora? Ou essa palavra é ela também uma palavra errada? Disseste-me uma vez que uma escola integradora não é por si uma escola pluralista ou multicultural. Ester e eu estaremos atarefadas um bom bocado de tempo com o trabalho que nos atribuímos, assim parece-me.*
*Um grande abraço da tua neta.*

Duas semanas depois Joana recebe uma resposta.

*Querida neta,*
*Como sempre, fico muito feliz em ler o que estás a pensar. Imagino como foi fascinante a tua visita a Ester, quando leio as tuas anotações e a tua carta. Sim, como muitas palavras, a palavra 'integração' e derivados é perigosa. O que dizemos com essa palavra? O que é uma sociedade integradora? É aquela na qual todos os integrados devem assimilar os valores e manifestações culturais existentes? Ou é uma sociedade na qual todos são convidados a contribuir com elementos da sua própria cultura, da sua própria língua, dos seus próprios costumes? Será uma sociedade integradora o mesmo que uma sociedade pluralista? Eu diria que não no*

*primeiro caso, talvez sim, no segundo. Mas será realmente assim? Existem, numa sociedade pluralista, regras básicas que jamais podem voltar a ser discutidas? Continua uma sociedade assim a ser uma sociedade pluralista? Mas não deva haver uma regra básica segundo a qual todos numa sociedade deste tipo têm um espaço onde difundir as suas próprias ideias acompanhada de uma segunda regra estipulando a proibição para essas ideias impedir outros a ter a possibilidade para difundir as suas próprias ideias? A organização de uma sociedade pluralista pode basear-se numa regra de interdição?*
*Também falas de comunicação no sentido de entender o que a outra pessoa está a dizer. Isso não tem necessariamente a ver com a forma da sociedade na qual vivemos. Rio ou antes sorrio de mim próprio pelo que faço, Joana: logo que recebo um texto teu, traduzo-o fielmente para a minha própria língua, sempre, para tentar compreender melhor. Muitas vezes encontro palavras que se traduzem de maneiras muito diferentes e expressões para as quais às vezes é muito difícil encontrar um equivalente na minha própria língua, claro. Isso não facilita a transparência na comunicação. E, como dizem tu e a Ester, a falta de transparência pode dar origem a mal-entendidos que levam a conflitos, quando na verdade um acordo feito anteriormente tinha como objetivo evitar tal conflito.*
*Querida neta, às vezes sonho com um mundo sem dinheiro, como faz um cantor de Gent, Walter de Buck. Aqui estão dois versos traduzidos de uma canção dele:*

*'Eu gostava de viver*
*num mundo sem dinheiro*
*Para não tremer de medo*
*perante a guerra e a violência*

*Eu gostava de viver*
*Num mundo sem propósito*
*Onde cálculos são feitos com tracinhos*
*Sem banqueiros nem desarranjos*

*Eu gostava de viver*
*Num mundo sem trabalho*
*Onde tudo se faz brincando*
*O trabalho sendo feito não se notaria*
*Eu gostava de viver*
*num mundo sem medo,*
*tanto faz como ele seria*
*mas definitivamente melhor isto eu sei.*

*Ou seja, não sou o único a sonhar. E nos últimos trezentos anos houve alguns filósofos propondo utopias de propriedade colectiva e com ausência de dinheiro. Quem sabe, talvez chegamos lá num dia? Mas para isso, muitas pessoas considerando como única razão de ser o* ***próprio Poder*** *terão primeiro que adquirir essa conscientização Freireana. E os sinais dados pelo mundo neoliberal são diametralmente opostos a isto. Talvez as comunidades de aprendizagem constituídas por aprendentes com e sem propriedade, com e sem rituais de cooperação sejam por isso interessantes. Qualquer pessoa que as ridicularize, que fique bravo com elas ou as considere irritantes já iniciou um processo de conscientização. Só os ignorantes arrogantes ainda não chegaram lá. Isto não significa que aqueles que iniciaram o seu processo de conscientização não tentarão silenciar as comunidades de aprendizagem que os fazem sentir desconfortáveis. Remotamente, não acontece o mesmo? Vê as redes sociais conduzindo os utilizadores a ler apenas o que*

*corresponde às suas próprias crenças. Não mantêm todo o resto invisível e portanto inexistente? Ainda há muito para fazer, mas algo já sucedeu desde que surgiram as classes possuidoras enganando o resto da população ao fazer-se representantes dos deuses. A fábula perdurou, pelo menos desde os primeiros assentamentos. No entanto, trata-se de um pequeno período de tempo curto desde que o Homo Sapiens apareceu na Terra. Tal como outras formas de superstição, também esse equívoco desaparecerá, mais cedo ou mais tarde.*
*Poderemos falar mais sobre isto em breve, quando estivermos todos juntos para a nossa grande reunião de família em Lisboa.*
*Um grande beijo de avô.*

A grande reunião de família anunciada por John realiza-se por ocasião da festa para celebrar o casamento de Catherine e Alberto. Catherine quisera reunir amigos e familiares para passar um fim-de-semana num ambiente aconchegante. Alugara-se uma grande quinta perto de uma pequena aldeia portuguesa na costa Alentejana, a curta distância do mar e da praia. O verão de São Martinho torna possível muitas conversas e encontros ao ar livre. Catherine explica John que um encontro do género se aproxima da sua representação da sociedade convivial. Para Joana a ideia seria perfeito se acontecesse num mundo já sem dinheiro e num planeta utilizado de forma responsável, em vez de explorado por quem se considera proprietário dele.
Alberto e Joana têm uma longa conversa durante o encontro acerca da inteligência, tentando distinguir a biológica da electrónica. Eles falam em como surgem ideias originais e

saltos de pensamento no raciocínio. Também falam de memórias, de como armazená-las, processá-las e redesenhá-las. Alberto ri com os comentários de Joana quando refere o cérebro positrónico inventado por Isaac Asimov nos seus romances futuristas como sendo a resposta para o problema do pensamento criativo na inteligência electrónica. É demasiado simplista, diz ele, pensar que a tecnologia quântica cria essa possibilidade. Joana pergunta se a inteligência eletrónica substitui ou amplia a inteligência biológica.

"Eu penso antes em como a inteligência eletrónica enriquece as possibilidades de cooperação. Entendi por aquela matriz do teu bisavô, tendo como parâmetros a ignorância e a arrogância da e da qual a tua família fala muito, que as combinações mais interessantes para alcançar uma sociedade pluralista estão na zonas simultaneamente de baixa arrogância e baixa ignorância. É fundamental compreender se e como a inteligência promove processos cooperativos quando se mantém baixa a arrogância permitindo uma melhor simbiose entre grupo e indivíduo. Se entendermos a inteligência electrónica como um novo parceiro no grupo cooperativo e não como um substituto ou colaborador, então temos talvez uma ideia daquilo que a inteligência electrónica pode oferecer quando é posta a interagir com a inteligência biológica."

"E então deixa de ter real importância toda a discussão se uma inteligência é artificial ou não. Passa a ser uma discussão filosófica, assim como a discussão sobre o bem e o mal", diz Joana.

"Sim, a discussão acerca da cooperação entre inteligências passa

a ser de outra ordem", concorda Alberto. "Contudo penso ser uma discussão importante para o futuro da humanidade. Ela debruça-se sobre o uso colectivo do nosso conhecimento e da ciência que disponibilizamos uns aos outros. É também a discussão se ou não veneremos religiosamente a existência do dinheiro e da propriedade. Quando nos conseguirmos livrar dessa religião, poderemos tomar medidas para caminhar em direção a uma sociedade cooperativa e convivêncial."

John ouviu a última parte da conversa e diz: "Eu por mim, o dogma do dinheiro e aqueles que o pregam devem ser constantemente questionados. Isso requer uma mente crítica. Crenças desaparecem assim que pessoas se livram do cânone e do dogma, independentemente da fé, penso. Pode não ser o caso com a crença no dinheiro em si. Aqui não se trata do aproveitamento da fé, mas da implantação de uma crença a questionar, se também queremos enfrentar o ato de possuir com toda a arrogância associada."

"Portanto, neste caso há dois movimentos a fazer. Difere muito da fé espiritual libertada da crença", pensa Alberto. "Com o passar do tempo, padres arrogantes e proprietários do mundo secular aproveitaram-se da fé das pessoas e prenderam-na em religiões de obediência em seu próprio benefício. Pelo teu raciocínio, a crença no dinheiro foi implantada pelos pregadores, transformando-a imediatamente em religião. Portanto, é necessário abordar criticamente não apenas o dogma, o seu sacerdote, mas também a própria crença implantada. Esse pode ser o horizonte utópico." Ele pisca o olho para John. Este sorri e pergunta: "Não é justamente ter em

mente esse horizonte que nos faz avançar, evoluir, pensar mais sobre como continuaremos a moldaremos essa sociedade juntos?”
No final da reunião a família Demeester combina encontrar-se na primavera de 2015, com a presença de Alberto e Daniel também, claro está. Mas a primavera apenas começara quando Anne liga Paulo. De repente, John passara mal durante uma reunião com amigos. A assistência médica prestada quase de imediato não teve sucesso. John morreu enquanto a mão procurava a de Jeanne.
Paulo, Maria e as filhas passam alguns dias com Jeanne. Paulo promete à irmã e à mãe de visitar Jeanne com frequência.

Entre 2015 e 2019, Paulo viaja entre Portugal e Bélgica pelo menos três vezes por ano. Organiza-se para integrar as viagens no seu trabalho de orientação à distância e aproveita os tempos de viagem para desenvolver ainda mais as suas ideias acerca da antropogogia. Estuda paradigmas educativos e a forma como estes se relacionam com o desenvolvimento de uma atitude pluralista. Durante um dos seus voos para Bruxelas, ele mete conversa com o vizinho de voo. Rapidamente descobrem que ambos foram professores de crianças. Paulo ouve com interesse o seu interlocutor de ocasião. Este explica como tentou modelar uma espécie de gramática comparativa para as formas escolares de relações sociais. Fez o trabalho de campo para o seu estudo numa das escolas de *A Voz do Operário*, onde diz ter trabalhado. Pouco antes de aterrar, Paulo pergunta onde ler algo sobre isso. Ele recebe uma folha arrancada de um bloco de notas com um endereço de uma página de rede.

Na conferência em Bruxelas na qual participa antes de viajar para Oostende, Paulo ouve falar das dúvidas flamengas relacionadas com a crescente procura por escolas islâmicas. Poucos dias depois aborda a questão com o último sobrevivente dos amigos de tertúlia de John, ele próprio profundamente cristão. Este lembra a intransigência dos líderes católicos na época da "*batalha escolar*" dando origem ao pacto escolar. Hoje este pacto ganhou um estranho contorno. É claro, diz ele, que a Bélgica perdeu a oportunidade de desenvolver uma rede escolar geral pluralista na qual todas as filosofias de vida pudessem ser incorporadas. Uma espécie de fundamentalismo católico daquela época – e talvez ainda agora nalgumas das escolas católicas – parecia e parece abrir a porta para outros projectos escolares fundamentalistas, conclui o amigo de John. Qualquer escola deve evidentemente cumprir uma série de requisitos legais e aceitar trabalhar em prole dos objectivos finais, mas será isso suficiente para garantir uma generalizada educação para o conhecimento? E a própria política estatal não pôs muitas vezes em risco essa educação generalizada tomando decisões ambíguas? Além das organizações religiosas vendo o Estado Laico como uma espécie de inimigo permanente porque as impede de impor os seus próprios dogmas, outros quadrantes também fazem as suas observações. Os movimentos críticos argumentam que o próprio sistema escolar organizado pelo Estado mantém um dogma subjacente. Em qualquer modelo de organização social analisada na escola há pelo menos uma classe de proprietários e uma classe de vendedores da própria mão-de-obra, numa estrutura liberal-capitalista quase

inalterada. Moral e a ética são assuntos marginais no programa. Paulo lembra-se da leitura de livros de Howard Zinn, Donaldo Macedo ou João Paraskeva. Estes analisam principalmente os sistemas norte-americanos, mas autores críticos europeus, como Jan Devos com *Freinet in Vlaanderen* ou quem juntou os *Escritos sobre Educação* de Sergio Niza não diferem muito na sua análise de sistemas europeus.

"Vivemos mesmo numa era de aprendentes? Em todo o mundo, dá-se muita atenção aos sistemas escolares e à sua organização, mas…" Paulo tem dúvidas.

O velho amigo de John responde: "Tu bem sabes como o teu pai depositou esperança no trabalho dos irmãos Oury e também naqueles Movimentos de Escola Moderna que incorporam a pedagogia institucional no modelo que propõem para a escola. Ele entendeu essa incorporação como uma indicação de que as escolas para adultos e crianças teriam os aprendentes como protagonistas do seu projeto de aprendizagem feito e orientado pelo grupo, incluindo os professores. Porque essa é a própria essência daquele modelo de trabalho instituinte pedagógico – ou devo dizer antropogógico?"

Paulo pergunta: "E achas que o conceito de aprendizagem do ser humano concebido desta forma, permaneceu um fenómeno marginal?"

"Acho que hoje mais facilmente falamos de pessoa instruída do que sobre a pessoa aprendente, infelizmente. As comunidades de aprendizagem ainda só começaram, e ouvi, por exemplo, o teu pai falar com esperança acerca da iniciativa na qual participaram as tuas filhas e o amigo delas naquele projecto de

bairro, tal como ouço falar de outras iniciativas, iniciadas por pedagogos e antropogogos críticos, não apenas na América do Sul, mas também nos bairros de lata das grandes cidades em quase toda a Europa. Existem iniciativas cooperativas em regiões rurais de África e da América e também existem as organizações mutuais. Os grupos de auto-ajuda de micro-crédito e ou financiamento pelo próprio grupo apoiando os seus membros na criação de micro-empresas têm uma vida bastante escondida na Índia, na Indochina e em partes de África. Nesses grupos encontrarás aprendentes que pensam criticamente sobre o que lhes foi ensinado nos sistemas escolares oficiais ou não. Mas não sou tão otimista como o era o teu pai. Por todo lado vejo sinais de que a pessoa instruída é mantida sob a rédea do consumismo e essa rédea é curta e apertada, em parte devido às regras de crédito impostas garantindo os trunfos no jogo capitalista para aquela pequena porcentagem da população mundial, as pessoas que afirmam possuir a maior percentagem da riqueza global. E digo *afirmam possuir*, porque, em última análise, eles fazem o mesmo como fizeram os sumos sacerdotes das primeiras civilizações agrícolas. Eles convencem o instruído serem proprietários da natureza, dos solos, da terra e de toda a produção, legitimados pelos os seus legisladores. Eles minam os três poderes da sociedade democrática logo que alguém os aborda, para esquecer e na calada fazer esquecer todas as pessoas que os governos deveriam apenas ter um poder executivo, enquanto os representantes do povo tivessem o poder legislativo de todos os cidadãos em mão. A partidocracia de longo alcance manchou fortemente a imagem da representação.

Não são as pessoas que decidem quem serão os seus representantes, mas sim nebulosas direcções partidárias que entretêm as pessoas, gastando mais tempo a fofocar sobre líderes de outros partidos do que a explicar as suas propostas. Quase ninguém fala em ouvir os representados. Isso acontece por dois motivos. Há dirigentes partidários relutantes em informar o povo, mas entretanto continuam a necessitar de votos, porque o regime político no qual se apresentam não é ditatorial (por enquanto). Outros dirigentes partidários esqueceram-se como é trabalhar com o povo. Potencialmente ainda querem trabalhar para as pessoas que consideram demasiado ignorantes para interagir com eles. Sabem como rapidamente ganhar votos com revelações grotescos acerca dos outros candidatos e recusam-se ao lento trabalho de diálogo com pessoas instruídas ou ignorantes. Os que atuam assim são marginais na representação política. Num mundo onde tudo é jogado no curto prazo e onde só o *agora* conta, onde o futuro é descartado como incerto e o passado como romântico, é-me difícil pensar que a democracia idealizada por Montesquieu ainda seja possível."
Paulo suspira: "Parece que a nossa busca por uma sociedade convivêncial continuará por muito tempo. Hoje continuamos a encontrar a nossa própria paz e proposta convivêncial apenas em pequena escala e em pequenos grupos."

Paulo faz sessenta anos quando Joana e Daniel anunciam que o primeiro neto está a caminho. Alguns meses mais tarde, Paulo e Maria ficam radiantes com o nascimento de Alexandre.
Joana faz uma pausa no trabalho. Paulo interage ocasionalmente

com as equipas das escolas acompanhadas pela sua filha. Ele fica impressionado com os omnipresentes traços de empatia da Joana na orientação de crianças e adultos. A comunicação entre os membros de cada turma e entre os próprios grupos ocorre sem problemas. Os projetos das crianças baseiam-se claramente nos seus próprios desejos e são discutidos exaustivamente com os professores orientando o seu desenvolvimento. Descreve tudo que observa e entrega as sua notas a Joana. Ela guarda-as com as suas para mais tarde serem processadas.
Naquela altura Paulo assiste a diversos debates organizados pela ONG da qual é consultor. O tema em discussão são as comunidades de aprendizagem e a estrutura dos sistemas educativos. Paulo costuma apontar para a incongruência entre as diretrizes oficiais exigindo uma educação mais dialogada e as indicações vindo dos mesmos gabinetes para a construção e modernização de equipamentos escolares mantendo a disposição de espaços de instrução para depósito de conhecimentos por via transmissiva. Na prática, argumenta ele, os adultos continuam a consideram as crianças como objetos a instruir e moldar e não como sujeitos dialogantes. Durante um desses debates na presença de diretores de escolas públicas e privadas os argumentos fazem Paulo relembrar os seus estudos na Escola Normal. Na altura, um dos docentes diz que as classes cooperativas têm poucas hipóteses no mundo capitalista. Fá-lo observar as suas dúvidas acerca das comunidades de aprendizagem cooperada. Ele ressalta o custo para os pais desejando conscientemente esse tipo de ensino quando é feito a sério. Mas a maioria das escolas privadas nem sequer se

interessa para este nicho bastante específico dirigido a quem tem dinheiro para pagar a educação não estatal. As comunidades mais espontâneas mostram por norma pouca seriedade a respeito da abordagem cientifica do conhecimento. Um dos outros participantes no debate refere *Utopia para realistas,* um livro que recomenda e da mão dum economista neerlandês. O título original é *Gratis geld voor iedereen* e imediatamente depois do debate, Paulo envia uma mensagem à irmã pedindo-lhe se ela consegue encomendar o livro na versão original. Recomenda a leitura do livro à Catherine e Joana.

## O clima está complicado

Setembro 2018. Um novo ano letivo começa em quase todo o Hemisfério Norte. Este ano, uma jovem estudante sueca faz-se ouvir devido a sua perseverança. Ela falta à escola durante várias semanas para chamar a atenção para as alterações climáticas. Instala-se em espaços públicas onde expressa publicamente a sua preocupação com as alterações pondo em perigo a sua juventude e, acima de tudo, o futuro dela e de todos os seus pares. Gradualmente ela consegue criar um movimento mais amplo entre os jovens e, em janeiro de 2019, em quase todos os países da Europa, os jovens começam a faltar à escola um dia por semana para sair às ruas e chamar a atenção pelas alterações climáticas, exigindo mais do que declarações simpáticas e não vinculativas.

Nas escolas acompanhadas por Joana, os adolescentes entusiasmam-se para mobilizar os colegas. Ao mesmo tempo e um pouco por todo o país diretores de escolas, pais e políticos

paternalistas fazem soar os alarmes: alunos não podem faltar à escola, devem seguir as regras democráticas e, continuando a não frequentar as aulas, estão a deitar fora o seu futuro.
“Que atitude agressiva para com os jovens!” exclama Joana num encontro com professores.
“A hipocrisia escorre das declarações, está claro”, concorda um diretor de turma. “Os velhos defendem-se. Mas na verdade eles estão a reagir contra milhares de jovens que nada mais fazem a não ser confrontá-los com a realidade”.
“Aqui temos outro obstáculo à boa comunicação”, nota Joana, “não se trata de dificuldades de linguagem ou de compreensão, não, aqui trata-se simplesmente da falta de vontade de ouvir por parte de adultos arrogantes.”
“É o caso de quem invoca as regras,” concorda o diretor de turma. “Mas quem fala em deitar fora o futuro só apanhou parte da conversa e toma uma atitude paternalista. Há mesmo quem chega a dizer que os estudos certos darão aos jovens a oportunidade de construir soluções de uma forma positiva.”
“Nem sei se é só hipocrisia ou uma pura vilania. Quem destrói o planeta aos poucos mantém todos os seus privilégios e passa o problema para a próxima geração. E não o faz inconscientemente mas muito conscientemente. Num Estado constitucional a sério quem se comporta assim seria julgado por comportamento irresponsável e eventualmente condenado por tentativa de homicídio, como os condutores alcoolizados”, continua Joana.
Joana e Catherine acompanham os discursos da jovem activista sueca Greta Thunberg e observam a crescente campanha de

ódio contra ela e outras figuras de destaque entre os adolescentes que se fazem ouvir.
Uma noite, durante a visita de Catherine e Alberto a Portugal, as duas irmãs abordam os acontecimentos com o pai. As campanhas de ódio revelam rapidamente o grau de ignorância de quem ataca. Segundo Catherine a ignorância deve ser atribuída principalmente à escola instrucional que pouco ou nada fala sobre o papel do capitalista e do consumismo relativo à degradação ambiental. Joana sublinha a natureza dos ataques. Trata-se muitas vezes de ataques pessoais desviando a atenção da população de um problema global para as hábeis campanhas incitando tortuosamente à fofocas. Impressiona-as sobretudo a intolerância quando se fala de jovens líderes. As pessoas chegam ao ponto de acusar estes líderes da sua pegada carbónica por viajar para participar em fóruns internacionais, sem sequer mencionar as milhares de milhões de viagens feitas em transporte individual em vez de recorrer ao transporte público, os milhões de cruzeiros recreativos ou ainda todas as deslocações durante torneios de futebol contribuindo para essas emissões.
Além disso, diz Catherine, as pessoas ignoram continuamente as emissões industriais decorrentes da fábula económica do crescimento perpétuo e falam levianamente das técnicas agrícolas intensivas mais para manter baixo preços no hemisfério rico e não tanto para alimentar as pessoas no hemisfério pobre.
Segundo Joana assiste-se hoje a uma guerra de desgaste levada a cabo por quem tem e quer manter o poder. A mensagem

subjacente parece ser: ‘quietos e bico calado, a menos que se juntem à nossa *verdadeira política* de acordo com as regras determinadas pelos grandes lobbies’.
Joana ainda acrescenta: “É estranho de ver como ao mesmo tempo alguns políticos e figuras importantes nas principais cimeiras mundiais demonstram sentirem-se desconfortáveis”.
Paulo está prestes a responder quando o telefone toca. Catherine e Joana ouvem-no perguntar quem está ao telefone e depois apenas respostas muito curtas. Segue um silêncio prolongado. Depois ouvem-no perguntar com uma voz entrecortada: “O que recomenda fazer agora?” Fica o silêncio outra vez, depois Paulo diz: “Só um momento, vou procurar algo para escrever”. Ele termina dizendo: “Posso entrar em contacto convosco neste número? A qualquer momento? Bem, obrigado.” Poisa o auscultador.
Mais de um minuto depois, Paulo volta para a sala com o rosto branco. “Filhas”, começa com lágrimas nos olhos, “era um telefonema do Hospital Central do Algarve com uma terrível notícia. Era acerca de Maria. Aparentemente ela sentiu-se mal durante a palestra que estava a dar no Instituição Superior que a convidou e... ela foi transferida… submeteram-na a uma cirurgia de emergência... e... ela está... eles não conseguiram... a vossa mãe acabou de falecer, filhas.” Joana e Catherine demoram algum tempo a perceber o que Paulo lhes diz. Então o pequeno Alexandre acorda. Joana vai tirá-lo da cama e enquanto ela o segura nos braços distraindo-o com um chocalho, os três começam a chorar baixinho.
No dia seguinte partem para o Sul acompanhados por Daniel e

Alberto. Avisam amigos e familiares. Será uma despedida simples mas emocionante com centenas de amigos de Maria presentes para acompanhá-la até o pequeno cemitério da sua aldeia.
Poucos dias depois, Catherine e Alberto voltam a Londres. Paulo reduz as suas atividades de consultor, visita frequentemente Joana e procura os poucos amigos que lhe restam.

Entretanto, um pouco em todo o planeta, os jovens continuam a chamar a atenção para as alterações climáticas. Quem está no poder já não retrata essas mudanças como meras invenções de ecologistas frustrados, mas são minimizadas. Todo tipo de falácia é posto em prática para convencer a crescente massa de consumidores ignorantes a ajustar o seu comportamento de consumo sem contudo reduzi-lo. De repente, painéis solares individuais e carros elétricos individuais são a solução. Infra-estruturas públicas e colectivas continuam a ser privatizadas, permitindo assim aos grupos de grandes investidores de continuar a determinar o rumo a seguir para estas infra-estruturas. Os comboios eléctricos enfrentaram no passado a concorrência do transporte individual movido por combustíveis fósseis e enfrentem hoje a crescente onda de veículos eléctricos individuais. A palavra-chave não é *elétrico*, mas *individual*. Relutantemente os veículos individuais são banidos de certas áreas das grandes cidades, mas só depois de estabelecer excepções suficientes para permitir quem tivesse dinheiro de continuar a ter o privilégio de transporte individual em qualquer lugar. De resto, os investidores continuam à procura de novas oportunidades para aumentar o consumo. Desde alguns anos os bens de consumo intangíveis são amplamente promovidos. A

oferta com contractos cada vez mais opacos para a utilização de infra-estruturas de comunicações telefónicas e digitais é apenas um exemplo. Não é incomum ver uma triplicação ou mesmo quadruplicação da colocação de cabos de fibra óptica e infra-estrutura básica nas grandes cidades para manter a aparência de fornecedores concorrentes. Alegando aumentar a transparência, os fornecedores incluem nas ofertas e facturas explicações detalhadas repletas de abreviaturas e referências aos termos de uso em letras minúsculas ou apenas disponíveis em sítios eletrónicos dando-lhes assim a possibilidade de analisar o comportamento dos consumidores para influenciar a sua próxima compra. Convenientemente, os fornecedores promovem sistemas de pontos de utilizador dando descontos virtuais para aparelhos de uso individual e geralmente caros. Colocam um prazo de validade nessas ofertas que inventaram e assim levam consumidores a substituir equipamentos ainda em perfeito funcionamento e permanecer vinculados ao fornecedor através de uma linha de crédito que cobra o verdadeiro custo do equipamento adquirido.

Joana e Hypolite combinam abordar um discurso dado por Greta Thunberg no início do ano numa cimeira em Davos com adolescentes e adultos dos projetos comunitários no qual participam. Ficam impressionados com as últimas palavras desse discurso, quando Greta afirma: '*Os adultos continuam a dizer: "nos sentimos obrigados a dar esperança aos jovens". Mas não quero a vossa esperança. Não quero que vocês tenham esperança. Eu quero que vocês entrem em pânico. Quero que vocês sintam o medo que sinto todos os dias. E eu quero que vocês ajam.*

*Quero que vocês ajam como fariam em momento de crise. Quero que vocês ajam como se nossa casa estivesse a arder. Porque está a arder'.* Hypolite diz que as comunidades iniciam cada discussão com a questão de como agir para ajudar a extinguir o incêndio climático. Ele está muito satisfeito por ver aparecer gradualmente contactos com comunidades semelhantes que também ignoram as diferenças de classe e de estatuto e trabalham em conjunto para encontrar formas de tornar o local de vida mais convivêncial para todos os residentes.

Contudo, para Joana convém continuar a olhar em maior escala. Depois de uma das conversas na qual assistiram, ela argumenta: "Os representantes dos países estão a fazer grandes promessas para reduzir o uso de combustíveis fósseis, mas entretanto permitem abrir novos poços de gás e petróleo. Eles concedem licenças para extrair carvão e lignite até! Nas megacidades, os empresários privilegiados e os seus representantes adoptaram o hábito de se fazer transportar em helicópteros individuais. Continuam a recusar a utilização de meios de transporte colectivos subterrâneos e de superfície para evitar engarrafamentos. Em vez de restringir o tráfego aéreo e procurar soluções menos poluentes para o transporte em mar e em terra, recorrem ao credo capitalista '*Tempo é dinheiro*' para justificar formas irresponsáveis de viajar." Joana para um momento para beber água e depois continua: "Mas também funcionam de forma subtil. Graças à investigação ecológica e etológica da biologia da Terra, os cientistas compreendem hoje melhor do que ontem o comportamento dos animais e a sua comunicação, bem como a forma como as plantas numa floresta

formam um todo interactivo. Contudo, tirando algumas apresentações mais científicas, os canais de televisão produzem e exibem continuamente documentários conferindo qualidades antropomórficas aos animais e às plantas. Toda a ação humana é de certa forma incorporada numa história da natureza na qual até o consumo humano se torna um fenómeno natural em vez de uma obrigação cultural imposta por quem faz dinheiro com esse consumo. Alguns desses filmes televisivos chegam ao ponto de transmitir a mensagem de que as formas cooperativas de organização não são naturais para a espécie humana; os humanos seriam por natureza seres sociais hierarquicamente organizados. A mensagem subjacente é mais uma vez uma determinada interpretação do trabalho de Darwin mantendo a ideia da vitória do mais apto. Para mim é um argumento perigoso, incompleto e incorreto. Darwin fala das adaptações *biológicas* e *sexuadas* que regulam melhores chances de sobrevivência de uma espécie ou subespécie. Hábeis manipuladores verteram um molho social e sociológico em cima dessa teoria. Às vezes tenho a impressão ver na escola ou na universidade *influencers* ao trabalho em vez de professores e docentes orientando pessoas para satisfazer a sua curiosidade levando-as à aquisição de conhecimento."

Hypolite diz então: "Os clássicos modos de atuar para nos livrar daqueles demonstrando aquilo que não queremos ouvir é desacreditá-los ou então mostrar pena, retratando os portadores da mensagem de ingénuos e mal informados. Pensei nisso quando li um discurso de Greta perante a Comissão Europeia. Aí ela disse, entre outras coisas: '*Muitas pessoas estão a considerar*

*as greves escolares como se estivéssemos a promover o absentismo. Eles veem todo tipo de conspirações e descrevem-nos como fantoches que não conseguem pensar por si próprios. Estão desesperadamente a tentar desviar o foco da crise climática e mudar de assunto. Eles não querem falar sobre isso porque sabem que não podem vencer essa luta. Porque eles sabem que não fizeram os trabalhos de casa, mas nós fizemo-los.'* Bem, parece-me claro ela ter razão quando se refere às tentativas para desacreditar todo o movimento juvenil, mas não tenho tanta certeza quanto à última frase. Para mim os vários decisores políticos e figuras nos bastidores *fizeram sim* o seu trabalho de casa. Querem manter todos os seus privilégios de curto prazo e é precisamente por isso que promovem a desconfiança para com os jovens."

Joana transmite à irmã as conversas com Hypolite após os eventos juvenis relacionados com o clima. A isto Catherine responde:

*Querida irmã,*

*Concordo com o Hypolite quando diz que os decisores políticos fizeram bem o seu trabalho de casa. Eles apenas continuam a pensar a partir de um outro ponto de vista. Ouvi o discurso de Greta na* Extinction Rebellion *quando voltámos para casa após o falecimento da mãe. Foi mais um grito para só fazer a diferença, acho. Ela disse durante este discurso:* 'Estamos reunidos aqui hoje e em muitos outros lugares em Londres e no mundo porque escolhemos o caminho que queremos seguir, e agora esperamos que outros sigam o nosso exemplo. Somos nós que fazemos a diferença. Nós, as pessoas da *Extinction Rebellion* e da escola, estamos em

greve pelo clima, estamos a fazer a diferença. Não deveria ser assim, mas como ninguém mais faz algo, temos que nós o fazer. E nunca deixaremos de lutar, nunca deixaremos de lutar por este planeta, por nós mesmos, pelo nosso futuro e pelo futuro dos nossos filhos e dos nossos netos.'

*Se ouvires e leres os comentários dos representantes dos partidos políticos aqui, a mensagem é bastante clara: 'Estás envolvida na política e não o permitimos, deverias deixar isso connosco.' Há mesmo quem diga: 'Vote em nós e garantiremos que tudo irá correr bem'. E na minha opinião, é essa a parte mais hipócrita da questão. Porque muitos dos que o dizem já são líderes políticos há muito tempo e aparecem regularmente nos noticiários falando de novas negociações e outros acordos, mas na prática sente-se rapidamente como tudo está a ser travado. E eles próprios não o veem, não o querem ver, ou pior ainda, eles veem-no mas ficam conscientemente calados até a próxima ronda de negociações. Infelizmente, tal atitude não se limita ao clima. Ela é a mesma em relação a persistentes conflitos assassinos. Subjacente há sempre a especulação financeira, quer se trate do massacre de residentes da Amazónia ou da agressão em áreas mineiras na África Central. E migrantes que fogem das suas áreas de residência por estas e outras razões continuam a ser tratados como criminosos na Europa e na América do Norte.*

*Teremos ou não sucesso em reunir aprendentes em comunidades de aprendizagem e convivênciais? E esses aprendentes, irão eles juntar fileiras com quem quer proteger o planeta como pensa Greta, ou irão eles, quando entendem como funciona a ordem económica, ou, por assim dizer, a ordem mundial, tentar subir na hierarquia? Passo-te a ligação para um artigo de Peter Coy sobre os números de valor*

Bloomberg *atribuídos a indivíduos. Recomendo-te vivamente a leitura. Tenho a certeza encontrar neste grupo muitos arrogantes indivíduos não ignorantes. E também penso que nem todos que escapam à ignorância através da aprendizagem valorizem conhecimentos cooperativos, vendo oportunidades em parcerias para desenvolver uma sociedade convivêncial. Com o conhecimento adquirido, haverá muitos a tentar melhorar o seu valor Bloomberg. Talvez estejamos optimistas demais se pensarmos Homo Aprendente como igual a Homo-Apologista-do-Convivêncial.*
*Ouviste mais alguma coisa da avó Jeanne? Tal como tu achaste durante a tua última visita, também eu encontrei-a mais apática. O pai pensa visitá-la daqui a um ou dois meses e talvez ficar mais tempo em casa dela.*
*Um grande beijo da tua irmã, também para o pequeno Alexandre. Adorei o vídeo com os seus primeiros passos.*

Paulo passa o verão com Jeanne. Ela manifesta cada vez mais problemas de saúde e Paulo e Anne preparam-na para uma decisão difícil. Ela precisa de cuidados constantes obrigando à admissão numa casa de repouso. No vim do verão, Paulo segue para Londres e visita Alberto e Catherine quando esta anunciar estar grávida.
Entretanto um novo vírus espalha-se lentamente pelo mundo fora. De repente as questões climáticas desaparecem das notícias e o vírus acaba por ser apresentado como a verdadeira ameaça global. Todas as empresas farmacêuticas são chamadas a encontrar uma vacina.
Na primavera nasce a filha de Catherine e Alberto e Paulo voa novamente para Londres. Os pais decidiram pelo nome de

Greta, parcialmente por causa do movimento internacional de jovens preocupados com o clima.

Enquanto o vírus avança, Paulo fica a saber de Joana no outono do mesmo ano que ela também está novamente grávida. Vem outro menino. Será Francisco. Com a família a crescer e as deslocações a serem cada vez mais limitadas, Paulo questiona-se se vale a pena continuar a trabalhar ou se não seria melhor estar mais disponível para as filhas e outros familiares próximos. Até abril do ano seguinte pretende intervir onde lhe é permitido. Durante esse período só consegue visitar Jeanne mais uma vez. Depois da visita, o regresso a Lisboa só é possível porque são dadas facilidades a quem reserva um voo para o local habitual de residência. Em finais de Abril entra em vigor um bloqueio em quase todos os países da Europa e logo a seguir em quase todo o planeta. Francisco tem dois meses e Paulo consegue visitá-lo porque tem autorização de deslocação para dar apoio à família. Greta Campos faz um ano no início do bloqueio total, mas vão passar muitos meses até ela conseguir visitar o avô com os pais. As viagens foram proibidas devido ao vírus. Reuniões e confraternizações passam por critérios e restrições rígidos. Os transportes públicos locais aplicam regras rigorosas para limitar ao máximo o contacto entre as pessoas.
Steven Bird escreve a Catherine que estava a correr o risco de ficar "tecnicamente desempregado". Depois de terminar o seu contrato na Airbus, ele conseguira mudar-se para a British Airways. Tem agora trinta e seis anos e, no início da crise do vírus, ainda era comandante dos voos de longo curso, agora quase inexistentes. Graças ao seu passado como piloto de testes

e a sua impecável folha de serviços, ele obtivera um contrato com uma agência que iniciou a fase final de testes com veículos espaciais para substituir o caro *shuttle* da NASA americana colocado em fim de vida em 2011. Ele anuncia ter uma boa oportunidade de terminar a sua carreira como piloto espacial.

Pouco depois do nascimento de Francisco, morrera a cientista Maria de Sousa Dias. Fora professora de Medicina e investigadora no Instituto de Medicina Molecular *João Lobo Antunes* em Lisboa. Ela investigara a migração organizada de linfócitos, células do sistema imunológico. Aos 80 anos fora infectada com o coronavirus versão 2019 AD, hoje apontada como o responsável pela pandemia planetária. Ela sabia que não iria sobreviver à infecção. Despedira-se com uma carta da qual dissera ser uma carta aberta escrita por uma cientista otimista e dirigida à próxima geração:

*'Espero perdurar por via dos que ficam vivos. Por mais dolorosa e triste que seja a morte, a vida tal como a conhecemos na Terra é infinita. As novas gerações sucedem-se ciclicamente e cabe sempre a elas a construção do nosso futuro colectivo.*

*Faz parte de ser jovem estar convencido de que vamos ser capazes de mudar o mundo para melhor. Eu já não sou cronologicamente jovem, mas continuo a acreditar num cenário optimista para o futuro da humanidade!*

*É preciso coragem para mudar, sobretudo quando o nosso estilo de vida actual é tão confortável. No entanto, as evidências científicas são irrefutáveis: a exploração que o homem está a fazer da natureza é insustentável. Vivemos obcecados pelo crescimento económico, mas não é possível que as economias de todos os países*

*continuem a crescer indefinidamente. Considero fundamental que os jovens de hoje se consciencializem dos inevitáveis riscos a curto prazo e façam ouvir a sua voz, pressionando a sociedade para a mudança.*

*Acredito que a ciência e a tecnologia vão tornar-se ainda mais essenciais nas nossas vidas. Precisamos de observações e medições rigorosas de tudo o que se passa em todos os locais do planeta para estarmos alerta e sabermos onde actuar. Mas acima de tudo precisamos de novas soluções para viver em harmonia com a Terra, desde novas formas de nos deslocarmos a novas formas de nos alimentarmos e reciclarmos o lixo que produzimos. Novas soluções para um problema não surgem de repente a partir do nada. São necessários anos de intensa investigação científica, e muitos problemas estão ainda por resolver.*

*Por exemplo, a propósito da actual pandemia, importa lembrar que entre 1918 e 1919 ocorreu um surto de infecção causada por um novo vírus da gripe que matou cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo. Já se usavam máscaras de protecção, desinfectantes e distanciamento social, mas não havia testes de diagnóstico, nem medicamentos, nem ventiladores. A primeira vacina para a gripe foi desenvolvida em 1940 e aplicada apenas em militares. Só em 1960, após uma pandemia causada por um novo vírus da gripe que entre 1957 e 1958 matou mais de um milhão de pessoas em todo o mundo, iniciaram-se os programas de vacinação para grupos de risco (isto é, pessoas com doenças crónicas ou com mais de 65 anos). Uma vacina confere imunidade contra um tipo específico de vírus. Ora, o vírus da gripe altera com muita frequência a sua informação genética, dando origem a*

*novas formas de vírus que escapam ao efeito da vacina. Esta diversidade genética dá também origem, ocasionalmente, a formas de vírus mais agressivas que causam pandemias. Foi o que voltou a acontecer em 1968, com mais de um milhão de mortes em todo o mundo, e apenas há dez anos, em 2009, causando a morte de cerca de 600 mil pessoas a nível mundial. Porque a capacidade de se reinventar geneticamente é uma característica de todos os vírus, a humanidade sempre esteve e vai continuar a estar sujeita a surtos de infecção por novos vírus. Foi o caso do VIH – vírus da imunodeficiência humana, causador da Sida. Esta nova doença começou a ser detectada em 1981 nos EUA e já matou 32 milhões de pessoas no mundo. Em 1994, a Sida era, nos EUA, a principal causa de morte de pessoas entre os 25 e os 44 anos. Só em 1995 começaram a ser ensaiados os primeiros medicamentos que viriam a ter um grande sucesso, evitando as mortes e transformando a Sida numa doença crónica.*

*Mais recentemente, em 2003, foram reportados na China os primeiros casos duma nova doença respiratória denominada SARS, causada por um coronavirus parente do actual SARS-CoV-2. Em plena pandemia, a sociedade pede muito aos cientistas medicamentos e vacinas eficazes.*

*Que lições tirar para o futuro? Acima de tudo, as novas gerações têm de estar conscientes de que vão ser confrontadas com grandes desafios. A falta de respeito pelos animais selvagens, vítimas de captura e comercialização, favorece a infeção humana por novos vírus (ou outros micro-organismos patogénicos) que poderão causar uma mortalidade bem mais alta do que a actual pandemia. Muitos modelos ainda praticados na indústria agropecuária*

*incentivam a destruição de florestas, interferem com a qualidade dos solos, são poluidores e favorecem a propagação de epidemias em plantas e animais. Vão certamente ocorrer grandes desastres naturais como fogos, tempestades e terramotos. As alterações climáticas são uma realidade instalada. Vai faltar a água e aumentar a poluição. As sociedades do futuro vão depender da ciência e da tecnologia para lidar com catástrofes. Mas as sociedades de hoje insistem em ignorar os múltiplos alertas dos cientistas para perigos eminentes que ainda podem ser evitados.*
*Por isso, deixo aqui o meu apelo às novas gerações para acabarem de vez com a ilusão de que vai ser possível continuar a viver com os hábitos de hoje e a fazer os negócios do costume. O meu outro apelo é para valorizarem e cultivarem a ciência. Todos os jovens, independentemente das suas profissões futuras, devem ser treinados a aplicar o método científico nos problemas com que se deparam no dia-a-dia. Rigor na observação, raciocínio lógico nas deduções, conclusões baseadas em experimentação. Em paralelo, as profissões ligadas à ciência têm de ser atractivas e apetecíveis. Tal implica organização, infraestrutura e recursos em permanente actualização.*
*Finalmente, um alerta: todas as áreas do saber são igualmente importantes. Os avanços tecnológicos mais transformativos resultaram de descobertas que podiam, à primeira vista, parecer irrelevantes. Para o avanço da ciência não há temas de investigação inúteis, desde que as perguntas sejam bem formuladas. E a ciência não pode deixar de avançar, sob pena de não sermos capazes de resolver os imensos desafios com que nos vamos deparar!'*

Muitos dos colegas da cientista ajudam a distribuir a carta e um deles diz: *'É um documento de grande lucidez e coragem! Comovente, também. Trata-se de um alerta vigoroso para quem venha a sobreviver a esta calamidade planetária, que atinge os seres humanos. Como se disse, merece ser difundido a vários níveis da sociedade, desde os órgãos de informação, aos responsáveis dos diferentes graus de ensino, da ciência, cultura, dirigentes autárquicos, associativos, sindicais, governantes do poder central e local, dirigentes religiosos, etc... E difundido JÁ! Se assim não for ficará esquecido, como tantos outros, no fundo de uma qualquer gaveta. Ora, na minha opinião, o depoimento, em si mesmo, tem um valor pedagógico que não deve ser ignorado.'*

Catherine e Joana também ajudam e levam a carta aberta para ser discutida nos muitos debates *online* que organizam com os grupos de adultos e de crianças com quem têm contacto profissional. Ester e Joana fornecem uma tradução adaptada para duas variantes da Língua Gestual para surdos analfabetos. Criam ainda uma versão ilustrada mais curta da carta para ajudar as crianças com dificuldades de comunicação aprenderem com ela.

Mais uma vez, quem detém o poder económico parece deixar de lado todo o debate. A grande dependência das plataformas digitais por uma parte significativa da população mundial proibida a qualquer contacto social físico, dá aos líderes que se querem aproveitar da situação a oportunidade de enviar mensagens alarmantes e muitas vezes falsas ao mundo. Logo circulam histórias completamente improváveis e enganadoras entre pessoas ignorantes reenviando constantemente umas às outros mensagens e contra as quais mentes cientificamente

treinadas e naturalmente cautelosas, têm pouca defesa. Com crescente preocupação, as irmãs notam um clima hostil em relação aos investigadores. As discussões muitas vezes são feitas só baseadas em informações do próprio círculo por isso considerado incontestável. Nalguns casos, a animosidade é tão grande como se estivesse em curso uma queima inquisitorial de livros ou uma eliminação fascista de opiniões dissidentes encabeçados por aqueles que só recorrem a informações inadequadas, incompletas ou falsas.

O vírus está a ser inteligentemente explorado de muitas maneiras e é uma dádiva para quem investe no ensino e a instrução à distância. De repente, o *Livro Branco sobre Ensino e Aprendizagem: Rumo à Sociedade Cognitiva* [Ver volume 08 *A Massa Mediocre* e também acima, *o Clube de Debates*] apresenta-se tal qual como os dois pesquisadores Sélys e Nirtt já citados por Paulo previram em 1998 no seu ensaio *Tableau noir*. Na altura eles falaram principalmente da instrução e formação de adultos, mas hoje o vírus está a dar um claro impulso para a instrução de crianças electronicamente controlada. Grandes investimentos são feitos em hardware e software para colocar cada vez mais crianças e jovens em isolamento para estudos, sem contudo reduzir matrículas e propinas. A nova fonte de rendimento alastra-se, engolindo populações cada vez mais jovens. Para Joana e Catherine esta nova versão de '*telescola*' isolada será em breve socialmente mais devastadora do que era a experiência de telescola de Daniel N'Kondo [Ver volume 08 *A Massa Mediocre*].

É cínico notar como o confinamento global causado pelo vírus

tornou as ações de protesto dos jovens pelo clima parcialmente invisíveis, embora a pandemia seja em parte uma consequência do modo como as gerações adultas anteriores e atuais tratam o planeta. Durante mais um debate *online* em que participam as irmãs Demeester, elas ouvem um virologista explicar por que e como os vírus se espalham e se modificam muito mais rapidamente em determinadas circunstâncias: ecossistemas mais pobres onde existe a sobre-população de uma determinada espécie facilitam a passagem da infecção de um hospedeiro biológico para outro. Nesse caso, as espécies sobrepovoadas tornam-se mais vulneráveis É isso que acontece numa pandemia. Os decisores económicos ignoram-no. Pior! Não é por empatia humana que grandes somas de dinheiro estão a ser disponibilizadas para desenvolver vacinas, mas porque se esperam enormes receitas provenientes de campanhas globais de vacinação. O esforço mobilizado para salvar o mundo rico em comparação com a pesquisa para o tratamento de doenças entre populações na parte pobre do planeta é gritante.
À medida que os cientistas e os jovens do clima mais conscientes refinam as suas hipóteses de ligação entre o modelo dominante de crescimento económico, a degradação dos ecossistemas e o aumento das doenças, não só entre seres humanos, mas também entre outras espécies animais e vegetais, a intolerância dos ignorantes e dos arrogantes não-ignorantes só aumenta em relação a quem sublinha os limites do crescimento do seu adorado modelo. Filósofos e sociólogos, mas também economistas e estadistas levando o seu mandato de

representante a sério sentem claramente a ameaça. É quase impossível parar quem alimenta o desejo destrutivo de possuir, começando às vezes com pequenos desvios de dinheiro ou de subornos. A clássica divisão política entre esquerda e direita em uso desde a Revolução Francesa, perdera o seu significado. É melhor falar de arrogantes líderes com e os seus ignorantes seguidores, por um lado, e de não arrogantes aprendentes, por outro. Para complicar a situação, os arrogantes indivíduos conhecedoras abusam sistematicamente da dúvida inerente à ciência, mesmo na investigação ecológica.

No meio da crise pandémica, Anne avisa Paulo do falecimento repentino de Jeanne na casa de repouso. Ninguém sabe ao certo se foi afetada pelo vírus, mas a cerimónia fúnebre seguida da cremação é concluída às pressas. Paulo e as suas filhas são impedidos de estarem presente nesta última despedida.
Os pequenos Greta Campos e Francisco N'Kondo passam entretanto os primeiros tempos de vida com contacto social relativamente pobre, reduzido à família mais próxima. Mas gradualmente a pandemia é contida, e convívios ao ar livre voltam a ser autorizados. Paulo visita frequentemente as filhas e caminha horas com os netos e a neta em parques próximos, tanto em Lisboa como em Londres. Ele vê com entusiasmo como as crianças observam e exploram tudo a sua volta. Ele incentiva Alexandre, de três anos, a observar insectos e plantas, enquanto juntos fazem todo tipo de figuras com galhos e folhas. Enquanto passeiam, fala frequentemente com as suas filhas da educação dialogada e de comunidades de aprendizagem para crianças, esperando que os seus netos terão a oportunidade de

desenvolver os seus próprios projectos de aprendizagem, mesmo se dentro do sistema de ensino obrigatório.
Embora há quem mostra sinais para planos futuros nos quais o sistema de ensino obrigatório será totalmente convertido para ensino o à distância, ainda existem escolas onde crianças e professores se encontram fisicamente. Joana e Daniel decidem matricular os filhos numa das escolas mas pequenas de *A Voz do Operário*. Atrai-lhes o modelo de trabalho cooperativo e a relação harmoniosa entre o grupo e os indivíduos do grupo. O claro carácter instituinte difere de outras iniciativas que visitaram nas quais a grande atenção dada ao indivíduo torna o grupo cooperativo difícil, se não impossível.
Pouco depois, Catherine informa Paulo ter encontrado uma escola semelhante para Greta. Paulo fica encantado. Com alguma melancolia lembra-se de como o pai John teria adorado ver os seus bisnetos evoluindo nessas escolas.

## Comunidades para aprender ou para conspirar ?

Poucos meses após o fim da pandemia, a família está toda reunida durante alguns dias na região natal de Maria. De dia os adultos estão muito ocupados com as três crianças. À noite falam de comunidades de aprendizagem. Também olham para a evolução das escolas e dos sistemas escolares agora que a escola à distância incorporando todos os rituais de instrução ameaça tornar-se a nova norma.

"Li há pouco um texto teu no qual usas a expressão *medidor de normalidade*", diz Alberto olhando para Paulo.

"Penso que sei a que texto te estás a referir", responde Paulo. "A minha intenção era de deixar uma provocação e convidar os professores a reflectir acerca do termo 'sucesso escolar'. Nos sistemas de educação utilizam-se muitas vezes protocolos e ferramentas de medição baseados em pouco mais do que crenças para expressar o 'sucesso escolar' de uma criança. Frequentemente os professores fazem-no de modo acrítica. As crenças advêm de uma interpretação errónea de observações e correlações verificadas entre a idade de uma criança e o que é estatisticamente relevante na aquisição de ferramentas e habilidades culturais. A avaliação serve para comparar crianças a uma média e não para as acompanhar na sua evolução."

"O que ao certo queres dizer com isso?" pergunta Daniel.

Paulo responde: "Vê. É necessário classificar uma criança que está a aprender a falar, a andar e, em geral, a interagir com a realidade que a rodeia, com a finalidade de receber um certificado de normalidade? As atividades de aprendizagem

podem ser observadas como uma evolução de cada pessoa. Mas porque fazer medidas em função de um padrão feito a partir de múltiplas dessas observações? Quão fácil é iniciar uma comparação abusiva que provaria mostrar 'anomalias' a corrigir, permitindo muitos especialistas a ganhar bom dinheiro?"
Joana diz então: "Vê-se isso em tantas escolas. Os professores são desviados da observação avaliativa de uma atividade de aprendizagem para a medição da aquisição de algo ensinado. Medir! Como diz o pai, ninguém parece rir da ideia de que é possível medir, ou seja, de quantificar a aquisição de conhecimento. Mas é ainda pior. Na escola básica não é a aquisição de conhecimento que se mede mas somente a reprodução normalizada do conhecimento escolar proposto."
"A escolarização da sociedade acarreta o risco de uma catalogação geral das crianças", concorda Catherine. "Ignorantes pesquisadores e arrogantes especialistas que se consideram muito importantes arrogam-se o direito de utilizar a escola para fazer de qualquer aluno um diagnóstico como para identificar os desvios patológicos em cada desenvolvimento não padronizado. Às vezes envolvem especialistas que desejam aplicar um 'procedimento de cura' que eles próprios desenvolveram e para o qual possuem uma forma de patente. Assim pretendem conduzir essas crianças de novo à normalidade, ou seja, à parte central da curva de Gauss que eles idolatram."
Alberto escutou com atenção e diz então: "Uma análise crítica dos modos de fazer é portanto útil e recomenda-se".
"Sim, tal como é necessário lutar para uma consciência colectiva acerca do perigo de tomar decisões em que as

crianças em fase de aprendizagem são consideradas doentes sempre que se desviam de uma norma. Penso ser útil evitar que a escola sirva o *Doutor Knock*", continua Paulo.
Alberto ri. "Estás a pensar naquela farsa na qual um jovem médico sem pacientes manipula uma aldeia inteira para uma metade se convencer de estar doente e a outra metade se tornar informante do médico? Se me lembro bem, o tal médico queria provar que toda pessoa saudável é na realidade uma pessoa doente ignorando de o ser?"
"Sim", diz Paulo, "e no que diz respeito à escola, penso ser necessário uma consciência coletiva para afastar o perigo de toda uma população ser instruída e treinada para a mediocridade. É melhor ter cuidado com normas e padrões quando estamos a falar de crianças e a sua vontade de aprender."
Catherine diz então: "Comunidades de aprendizagem de pessoas conscientes tem a possibilidade não só de pensar sobre educação e ensino mas de mostrar como em muitas das profissões de membros do grupo, seja na psicologia, na psiquiatria, na sociologia, no jornalismo ou outra, o perigo da hiper-quantificação dum indivíduo não é apenas uma fantasia. Uma comunidade de aprendizagem, mesmo na escola, não é um grupo de instrução."
"A escolarização exagerada, tanto no ensino como na educação em geral, levanta outras questões", continua Paulo, "e é suficiente saber que elas existem para questionar a naturalidade da escola, tal a gravidade é."
"E quais são essas questões?" pergunta Daniel.
"Algumas são óbvias:

- A escola não só assume padrões, mas sempre avalia as crianças em função daquilo que não sabem e não com base no que já sabem e fazem. Porquê?
- Não se mede a aquisição de conhecimentos, mas sim a capacidade de reprodução das crianças. Isso é feito por meio de testes que determinam a precisão com que as crianças devolvem as informações repassadas. Porquê? E fazendo isso, a criatividade não é limitada?
- Muitos professores rebelam-se contra testes para verificar o raciocínio em vez da capacidade de repetir com precisão o que foi ensinado. Porquê?
- As disciplinas de história e geografia mudam radicalmente de conteúdo segundo o local onde são ensinadas e colocado em testes. Porquê?

Com base nessas perguntas podemos fazer uma outra pergunta mais geral. Qual é a ligação entre a avaliação do desvio de uma norma e a infantilização das crianças, isto é, mantê-las no estado de *in fans*, etimologicamente '*aqueles que não têm direito de falar*'?"

Faz-se um momento de silêncio e depois Catherine pergunta a Joana: "Lembras-te Hypolite falar dos *Espaços Culturais*?"

Joana responde: "Ele estava a falar daquele espaço intermédio, uma espécie de espaço de prática, fechado, dando a possibilidade de experimentar interações a serem posteriormente estabelecidas com um grupo ou uma comunidade maior."

"Sim", diz Catherine, "o pai por vezes dizia que enquanto professor pretendia uma sala de aula como sendo um espaço cultural interactivo onde todos aprendam a desenvolver projetos

em cooperação. Bem, num dos seus livros, Harari considera a escola como um projeto humanístico. Se bem me lembro li algo do género '*Pergunte a uma professora - na pré-escola, na escola primária, secundário ou na universidade - o que ela quer ensinar aos seus alunos. A resposta será algo como:* 'Bom, eu ensino História, Física Quântica ou Arte, mas acima de tudo, ensino-os a pensar pela própria cabeça'. *Nem sempre funciona, mas essencialmente este é o objetivo da educação humanística.'* Eu considero-o muito otimista em relação a resposta genérica dos professores, contudo encontro dois aspectos interessantes neste parágrafo: *Eu ensino-os a pensar pela sua própria cabeça'* e '*nem sempre funciona'*. Pensar pela própria cabeça? Por que tem que ser ensinado, como parte de um projeto humanístico, na escola? Significa que uma pessoa naturalmente, após o nascimento, NÃO pensa com a própria cabeça? E 'nem sempre funciona'? Porquê? O condicionamento excessivo na escola é co-responsável? "
Daniel diz então: "Não li Harari, mas talvez ele não regressa até ao nascimento. Talvez ele refere à relação entre adultos e crianças antes de elas irem para a escola e como geralmente os primeiros forçam os segundos a adotar o seu pensamento. Talvez ele pensa que antes de ir para a escola as crianças estão condenadas a ser dogmatizadas. Talvez considera que adultos sem formação específica só plantam crenças na cabeça das crianças crenças, das quais elas podem ser salvas na escola?"
Paulo observa: "Essa é de certa forma a tese de Richard Dawkins quando ele explica como os pais usam a influência da religião na educação dos filhos. E, Catherine, tal como tu, Dawkins é

menos optimista do que Harari quanto à natureza humanística da escola. Ele alerta, por exemplo, contra o fundamentalismo de grupos religiosos, especialmente na América do Norte. Influenciam grandemente o currículo das escolas e querem ver o criacionismo ensinado ao lado do darwinismo, não com a intenção de analisar uma hipótese científica entretanto sustentada por muitos achados, mas com a intenção de a substituir pelas suas próprias crenças. Aparentemente os criacionistas dizem querer '*ensinar todas as teorias da evolução*', para as crianças depois '*escolher*' a teoria que para elas faz mais sentido. Mas uma teoria científica não é um dogma para escolher ou não. Na verdade, uma escola assim leva à escolha de uma determinada crença entre dogmas equiparados. Isso não tem nada a ver com livre escolha ou com pensar pela própria cabeça, muito menos é pensamento científico. Acreditar descender de um casal original criado por um criador não humano, ou, tentar seguir e compreender uma linha evolutiva das espécies baseada em artefactos — mantendo o espírito aberto relativo às partes da história sem provas concretas —, para as quais se desenvolvem hipóteses; essas não são duas teorias equivalentes a considerar. A primeira proposta é uma estrutura claramente teológica para enquadrar uma crença, a segunda é um modo de trabalho científico que eleva uma hipótese a uma teoria confirmada, possível e provisória."
Daniel ri. "Do mesmo modo, não é a mesma coisa acreditar que a Terra está no centro do universo e a paralisação do Sol em sua órbita ao redor desta Terra ter sido um sinal divino para o povo escolhido, ou de deduzir a partir de

observações como a Terra gira em torno do Sol e o Sol em torno de um centro de massa em algum lugar no centro da galáxia da qual o sistema solar faz parte. A paralisação é uma metáfora, o heliocentrismo é uma teorização da observação da natureza."

"Sim", concorda Paulo, "e para mim as duas tarefas inegáveis de qualquer educador a orientar crianças são, por um lado, encorajá-las a desenvolver, testar e modificar hipóteses, e por outro lado, ajudá-las a desenvolver um pensamento ético no decorrer de uma ação. Muito é possível simplesmente explorando a curiosidade manifestada pelas crianças quando fazem perguntas diretas, comentam o que notaram ou falam sobre algo que lhes passa pela cabeça."

Joana conta: "Há algum tempo participei numa conversa com professores e sociólogos da educação". Ela ri e olha para a irmã: "Às vezes saio um pouquinho do meu campo para entrar no teu. Lembro-me da intervenção de uma professora a contar ter recebido de uma menina de seis anos da turma o mais sucinto ensaio sociológico alguma vez produzido acerca da escola, quando esta lhe ditou uma pequena história da sua própria invenção que vai assim:

*Escola em Casa - Escola em Casa.*

*Uma menina vai para a escola … e depois vai para casa.*
*Ela sai de casa ... e vai para a escola.*
*A menina chega na escola.*
*E a menina sai da escola e vai para casa.*
*E quando ela chega em casa …*
*… faz o trabalho da escola.*

A professora disse que a menina ditou-lhe essa história por

observar as rotinas do dia-a-dia de uma irmã mais velha. Ele também disse usar regularmente a história e sempre ficar surpreendida com as reações dos profissionais da educação. Risadas e sorrisos revelam claramente que a menina pintou um quadro inteligível dos rituais da escola e da casa. Mas, acrescentou, apenas raramente alguém entre os presentes faz perguntas sobre o resumo fornecido da gramática da escola instrutora."

Catherine diz então: "Faz me lembrar uma discussão à qual assisti acerca de um teste nacional para quem acaba os seis anos do ensino primário. Incluía a tarefa de escrever uma redação apresentando uma figura feminina com relevância nacional ou internacional, justificar a escolha e acrescentar uma nota crítica pessoal. Os professores presentes debatiam se jovens de 12 anos tinham ou não maturidade e competência para responder a tal proposta. Pessoalmente, costumo dizer eles certamente terem a maturidade, mas talvez já não a capacidade. A escola que frequentaram pode influenciar a aptidão de uma criança de verbalizar a sua opinião como aquela menina de seis anos aparentemente conseguira fazer. Foram os alunos orientados a continuar a pensar pela própria cabeça ou, pelo contrário, aprenderam limitar-se a cumprir e reproduzir rigorosamente o que lhes foi instruído?"

Joana diz: "Desde há algum tempo trabalho regularmente com um grupo de professores de disciplinas numa pequena escola. O horário de todas as turmas de todos os anos escolares lecionados foi deliberadamente alterado e incluído no projeto educativo da escola elaborado em cooperação

por todos os professores envolvidos. Um quinto do tempo letivo é desde então reservado aos alunos para poderem apresentar os seus próprios projetos de trabalho. Por norma qualquer assunto é permitido. Os alunos propõem um plano mensal. Eles reúnem-se em grupos de trabalho com colegas de diferentes idades e cada grupo escolha o professor ou professores que acompanham o trabalho. Cada mês de trabalho termina com uma espécie de mini-congresso durante o qual os grupos apresentam as conclusões do seu projeto. Surgem entre vinte e vinte e cinco apresentações em três ou quatro sessões simultâneas, durante duas ou três tardes. Todos escolhem livremente as apresentações às quais querem assistir e todos alternam entre o papel de ouvinte e apresentador."

Alberto pergunta: "E funciona bem?"

"Não só funciona bem", responde Joana, "como passado quatro anos, a variedade de temas continua a surpreender e entusiasmar os professores. A suposição haver temas específicos para idades específicas, suscitada pelos rituais normalizadores de instrução, caiu por terra. Os professores vêem frequentemente como a discussão inteligente sobre os objetos e temas escolhidos mantém as aprendizagens de cada um dentro da sua zona de desenvolvimento proximal — e agora estou de volta ao meu território, Catherine — independentemente da idade ou do conhecimento prévio do assunto em estudo. "

"É portanto possível conceber, elaborar e avaliar o trabalho intelectual de indivíduos em grupos cooperativos", observa Daniel.

"Mas o adulto tem uma tarefa importante", diz Paulo. "A linha divisória entre comunidade de aprendizagem cooperativa e turma colaborativa é muito vaga. Pense um pouco naquela escola que a Joana acompanha. Se os professores estiverem atentos, então, aí, uma educação humanística liberta de crenças inibitórias é possível aparentemente, se esses profissionais da educação manuseiem os rituais com cuidado. Então é possível falar de indivíduos a trabalhar uns com os outros em vez de uns trabalharem para alguém. Mas basta uma distração por parte dos professores e regressa-se a uma estrutura na qual um indivíduo se debruça somente sobre o seu próprio projecto procurando alguns colaboradores, e em troca disponibiliza parte da sua criatividade a outros."
"Entendo", diz Daniel. "Posso imaginar que, devido ao conceito de escola para todos numa sociedade plural, algumas discussões, inclusive dentro de algumas ONG's, tanto quanto sei, levam a sugerir uma mudança da instituição escolar em termos de organização e de forma? Isso significa que se olharmos para a escola básica obrigatória com uma lente fenomenológica e usarmos a gramática da educação comparada de que uma vez falaste Paulo, o modelo educacional subjacente a cada escola se tornará claro? Pode uma comunidade escolar consciente definir-se como um espaço seja que promova o individualismo e encoraje a colaboração seja que estimule a cooperação? O diálogo com os parceiros individuais e coletivos, com a sociedade, torna as escolhas mais claras. Opta-se por passar pela transformação social situada no seu próprio espaço e tempo? Antecipa-se para o mundo fora da escola? Alguém

escolhe conscientemente participar dessa transformação? Como se recorre à comunidade escolar? Os seus membros facilitam ou não a tomada de decisões democráticas, a interacção pluralista? Como iniciam-se as linhas de desenvolvimento, com base na diversidade existente na população? E falando num sentido mais amplo, a comunidade promove processos pluralistas de trabalho? Como essa comunidade enfrenta *o contar do mundo,* usando Palavras de Ricardo Petrella?"

"Parece uma bela provocação para os professores," diz Paulo. "Como é que um professor se quer profilar? Quer ser um profissional de saúde ou um professor mediador? Um pregador ou um guia que escuta? Um especialista ou generalista? Um professor que instrui ou que provoca deslumbramento? Um especialista de maquiagem ou da contemplação? Um professor que informa, que molda ou que educa? Um domador de escravos ou um autor entre autores? Um professor 'monologante' ou dialogante? Alguém que intervém civicamente ou que fica passivo?"

"Hmm, Paulo," Daniel hesita. "Agora acho que tu também estás a ser um optimista demais. Receio que iremos lidar ainda muito tempo com uma sociedade baseada no dinheiro e nas trocas comerciais. E mesmo com todos os desejos de pluralismo e diversidade para dar uma oportunidade à cooperação, sonhos sustentadas em algumas ONG, muita gente continua a ver o mundo a preto e branco. A educação continua a ser um ato para educar aqueles que são maus (mal criados, mal instruídos, maus trabalhadores, etc.), a escola pune o mal e recompensa o bem. E mesmo as pessoas que aprendem nas comunidades de

aprendizagem pouco podem fazer para mudar isto.”
Alberto então pergunta: “Eles emigram e vão morar numa ilha? Para se desenvolverem, separados do mundo dogmático e mau?”
“Não disse isso,” reage Daniel, “mas temo que, num mercado monetário-económico baseado no crescimento, o pluralista cooperativista tenha poucas hipóteses de ser ouvido, e muito menos de ser compreendido.”

Nas férias de verão que seguem, Paulo passa uma semana com as filhas e os três netos. Alexandre e Francisco gostam de conversar com o avô acerca de estrelas e espaço. Eles ficam acordados até escurecer completamente e juntos olham para a galáxia, enquanto Alexandre em particular fantasia acerca dos buracos negros que continuam a apelar à sua imaginação. Francisco transforma tudo o que encontra em naves espaciais. O interesse dos netos pelo espaço faz Paulo pegar novamente nos livros de Carl Sagan. Ele fica mais uma vez impressionado com a forma como o astrofísico analisou a estupidez humana levando a superstição para loucuras militares. A crédula ignorância favorecera a criação de cenários impossíveis apenas encorajando novas superstições, pensa Paulo. Ele relê os capítulos em que Sagan fala da grande diferença entre a investigação científica de fenómenos inexplicáveis no espaço aéreo e a especulação muito imaginativa em torno de objetos voadores inexplicáveis. Com os netos, Paulo tenta separar a fantasia da realidade conhecida. Constata que às vezes é inesperadamente difícil fazê-lo. É necessário falar de séries de desenhos animados cheias de soluções mágicas ou de

inverdades históricas, fazendo viver lado a lado dinossauros e Homo Sapiens. Paulo pergunta-se mesmo se a transferência do atual modelo dominante de sociedade para séries de fantasia cheias de animais e objetos antropomórficos e destinadas a crianças é consciente e intencional. Simultaneamente ele preocupa-se com o bem-estar futuro dos seus netos. O número de armas nucleares instaladas no planeta hoje desceu para cerca de um quinto do número na altura em que Carl Sagan Cosmos se referiu a elas, mas de acordo com muitos analistas, o risco de uma guerra nuclear é hoje cerca de quatro vezes maior do que era então. Muito tem a ver com a escassez de água potável, o aumento da arrogância entre os chefes de estado e a proliferação de grupos de pensamento dogmático juntando em primeiro lugar pessoas que, no planeta, têm pouco ou nada a perder e, portanto, não receiam cenários apocalípticos para a realização dos quais estão dispostas a colaborar.

Catherine vive em Londres, faz agora dez anos. Ela continua a trabalhar sobretudo com aprendentes em comunidades de aprendizagem de adultos. Ela propõe Joana para em conjunto sistematizar as observações das atitudes humanas que fizeram durante os processos de aprendizagem recorrendo aos tipos ideais incluídos na matriz explicativa do bisavô Louis. Ela sugere examinar como diferentes atitudes e processos estimulam ou dificultam a aprendizagem do próprio ou dos outros. Joana concorda e aborda Ester. Ela parte da ideia que a comunicação ou a falta dela também varia dependendo das atitudes nos processos de aprendizagem. Durante os próximos quatro anos, analisam os tipos-ideais, as formas de aprendizagem e as

atitudes de aprendentes numa ampla variedade de contextos. Catharine escreve:

*Querida Joana,*
*Infelizmente, parece que não nos enganámos muito quando suspeitámos que a pandemia temporariamente terminada no sector da saúde iria causar uma espécie de nova pandemia no sector da educação.*
*Deves saber melhor do que eu o que se passa nos sistemas escolares. Se o ensino escolar seguir o rumo tomado pela educação de adultos durante e depois daquela crise de saúde, então iremos mais uma vez enfrentar o ensino bancário massivo numa forma nem alguma vez sonhado pelo Lancaster. Não sei se já ouviste falar de MOOC (acrónimo de Massive Open Online Course). Imagina cursos alcançando não apenas mil, mas vários milhares de alunos, não em aprendizagem mutua mas em aprendizagem simultânea. Os cursos receberem erroneamente a chancela de serem interativos. Na prática são tão interativos como um professor frente a uma sala de aula quando responde a algumas perguntas e organiza e depois corrige testes, dando ou não algum feedback. O formato de ensino electrónico assistido por software favorece aparentemente o feedback. Na verdade trata-se de avaliações programadas medindo simplesmente o desvio entre as respostas dadas e a resposta padrão esperada, pondo o estudante num loop até acertar. Concordo, este tipo de instrumentos é muito útil para o treino técnica de pilotos e condutores, mas não vejo imediatamente como tal instrução beneficia a orientação de comunidades de aprendizagem. E claro, há muito interesse de grandes empresas e universidades, afinal são programas*

*que reduzem custos. Pode ser economicamente vantajoso diminuir a frequência de contacto físico entre estudantes e entre estudantes e professores, mas temo que o custo social seja elevado. Em última análise, os estudantes passam a viver isolado a maior parte do tempo, pelo que a colaboração na formação de individualistas tem novamente precedência sobre a cooperação entre indivíduos.*

*Procuramos encontrar, com as comunidades de aprendizagem com as quais trabalhamos, como fortalecer a aprendizagem dialogada, não só em grupos físicos, mas também em grupos de trabalho a distância, em simultâneo ou não. Hoje em dia é fácil confundir ensino e formação à distância com "blended learning", aprendizagem recorrendo a várias modalidades. No "blended learning", as comunidades de aprendizagem utilizam diferentes ambientes e instrumentos com o objectivo de manter o diálogo enquanto desenvolvem projectos auto-escolhidos. Algumas das ONG's mais pequenas com as quais trabalho usam uma plataforma de aprendizagem chamada MOODLE, acrónimo de Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment. Quando me apresentaram a primeira vez a plataforma, fiquei um pouco céptico. Já tinha contactado com ela através de algumas universidades. Estas utilizaram-na para desenvolver as suas próprias versões de MOOC numa estrutura muito hierárquica. Perguntei ao pai o que ele acha. Ele recomendou-me a leitura de dois textos no sítio daquele colega dele com quem conversou uma vez durante um voo para Bruxelas. Um dos textos fala da prática educativa e da transformação social e achei-o particularmente útil. O autor explica claramente a diferença entre a filosofia MOOC e a ideia original do MOODLE. Eu diria a palavra* Dynamic *ser a chave. A minha leitura colocou-me no encalço*

*de Brent Parkin. Mas deixa me primeiro referir ao designer do MOODLE, Martin Dougiamas. Este dissera acerca da plataforma que criou, ter iniciado o projeto porque enquanto criança recebia ensino em casa através do rádio. Só quando se tornara estudante universitário entendera a importância da aprendizagem dialogada para o desenvolvimento de qualquer projeto. Por isso imaginara uma plataforma não hierárquica, na qual cada participante num projeto pudesse interagir com todos os demais, em tempo real ou não e em pé de igualdade. E é assim que nasceu o MOODLE. A plataforma evoluiu muito desde então. A partir de 2017 Parkin escreveu bastante em como a plataforma foi de certa forma recuperado para modelos de escolaridade baseados em instrução. Ele fala a partir da sua vasta experiência no Sudoeste da Austrália com o "blended learning". Fala dos riscos inerentes ao uso de plataformas interactivas promovidas ou utilizadas por quem não entende ou não reconhece os desafios associados à evolução de comunidades de aprendizagem locais para comunidades de aprendizagem glocais (local-global-local). É grande a tentação para reduzir uma plataforma interactiva novamente a pouco mais do que uma plataforma de informação e para reduzir a participação daqueles de quem se considera só terem que ser informados, à simples opção de responder, aderir a um fórum ou participar em chats curtos. Encontrei uma tabela sintética resumindo a sua reflexão. Ele alega que uma plataforma qualquer, mesmo se explicitamente concebida para promover a cooperação, está sujeita à visão sobre aprendizagem, ensino e educação de quem a utiliza. O quadro tem mais ou menos o seguinte aspecto:*

| uso dado à plataforma | académico escolar | eficiência social | focado no aluno | (re)construção social |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| critérios para o sucesso | classificação | controlo | satisfação | influência no progresso |
| teoria da aprendizagem | escolástica | por objectivos | desenvolvimento construtivista | sócio cultural |
| principal papel aprendente | aluno | profissional | auto-realização | comunidade de aprendizagem |
| formas de avaliação | análise de texto, qualitativa | objetivo, quantitativo, estatística | relatório auto-produzido | análise em rede social |
| metáfora da aprendizagem | depósito | produção | crescimento | aprendizagem, renascimento |

*Nos projetos que acompanho estamos obviamente sobretudo interessados na (re)construção social e a plataforma MOODLE parece ser o instrumento mais adequado para os aprendentes com quem trabalhamos. Contudo, os participantes precisam de algum tempo para aprender a utilizar o instrumento. Mas não é toda a escrita uma plataforma de comunicação? Não se gasta tempo para aprender a ler, a lidar com uma língua, a estudar um livro, e a utilizar as ferramentas para escrever, a caneta, o teclado? Porque é que muitas pessoas consideram normal levar tempo para dominar a leitura e a escrita, mas resistem quando se trata de aprender a usar uma plataforma de comunicação nova e complexa? É porque a ferramenta é nova? Levou também muito tempo para generalizar a pena e depois a caneta de tinta continua… E… Lembras-te como aprendemos a comunicar com aquela pequena tartaruga usando aquela estranha linguagem de computador? Considero eu evidente o que aparentemente muitos supervisores de aprendentes adultos não consideram? E nem falo da maioria dos titulares de*

*cátedras universitárias ...*
*Como estão os rapazes? Estás satisfeita com a vossa escolha de escola para eles? Greta vai bem e gosta muito do ambiente escolar. Ela fala sem parar de todas as experiências realizadas com os seus colegas!*
*Um grande beijo.*

*Querida irmã,*
*Obrigado pela tua carta e pelas muitas informações sobre os contextos de aprendizagem para adultos. É incrível como os professores universitários muitas vezes se esquecem que os seus estudantes não são crianças, mas adultos, não é? Eles são frequentemente tratados como crianças menores de idade. Aparentemente, aqueles com conhecimento especializado têm dificuldade em perceber que partilhar ou mesmo ensinar conhecimento não significa o receptor não ser uma pessoa plena e interessada. Bem, interessada... noto muitas vezes como o nosso sistema económico competitivo influencia em demasia o encaminhamento dos jovens para cursos que não escolheram ou não desejam seguir necessariamente. A frustração leva facilmente à relutância e esta à ignorância, mesmo profissionalmente. O resultado costuma ser mais arrogância.*
*Os rapazes estão bem. Eles estão muito entusiasmados com a escola e não é muito difícil tirá-los da cama de manhã. Toda a população escolar dá ênfase à cooperação e isso é muito mais claro para as crianças do que para alguns pais! Fico feliz em saber que Greta tem experiências semelhantes. No entanto, querida irmã, fazemos parte daquela minoria que escolheu conscientemente permitir os nossos filhos a ter este tipo de experiência de aprendizagem. Ao meu redor vejo e ouço observações sobre nossa escolha. O comentário mais recorrente*

*é se não receamos que as crianças não terão competências suficientes no nosso mundo competitivo. Uma observação maluca. Eu costumo responder perguntando de quais competências falam, aquelas para seguir a manada ou aquelas para fazer perguntas críticas? E, querida irmã, julgo ser necessário estar cada vez mais preparado para intervir criticamente num mundo no qual cada vez menos argumentos são usados e cada vez mais são feitas declarações arrogantes. Como vão olhar as futuras gerações para o nosso tempo Trumpiano e Putiniano? Sem falar das enormes diferenças entre ricos e pobres nas áreas mais populosas do planeta, Índia e China.*

*Nós utilizamos a expressão comunidade de aprendizagem quando queremos explicar a diferença entre o conceito liberal burguês e autoritário de escola de transferência e o nosso conceito de escola humanística. Mas comunidade de aprendizagem é hoje um termo polissémica quando se trata de ambientes escolares. Como reacção à escola excludente, surgem cada vez mais grupos que se apresentam como um comunidade de aprendizagem, embora por vezes sejam constituídos por pessoas ignorantes do ponto de vista pedagógico e científico. Corre-se o risco grupos assim impingir as crianças uma cultura não científica, dogmática até. Isso por si só já preocupa Ester e eu quando falamos de comunicação, mas preocupa-nos ainda mais ver surgir gurus pedagógicos aqui e ali pregando todo tipo de comunidades de aprendizagem enquanto são generosamente pagas como consultores. Às vezes, tal comunidade parece mais um grupo de adeptos de teorias da conspiração isolando-se do resto do mundo do que uma resposta institucional à escola pública excluinte mesmo se ela anuncia a integração. Ainda falamos*

*de aprendentes? Talvez para aprender a ser um gato de apartamento, como disse uma vez Glaeser, quando falou dos gatos ignorantes que nada sabem de matemática e vivem felizes trancados num apartamento onde a comida, a bebida e um lugar para dormir estão garantidos. Qual é o modo de vida mais interessante? Sentir-se feliz, apesar de mantido ignorante, manipulado e em cativeiro? Ou andar por aí, infeliz depois de perceber ter sido manipulado por dogmas, superstições ou pensamentos conspiradores? Ou ainda, continuar a fazer perguntas críticas e correr cada vez mais o risco de ser sujeito à arrogância de quem manipula ou é manipulado?*
*Entretanto Ester e eu processamos muitas das nossas anotações com as famílias que observamos e alguns estudos de caso participativos de carácter fenomenológico em relação à comunicação estão quase concluídos. Pensamos ter pronto um texto de enquadramento útil para um público alargado até finais do próximo ano. Mantenho-te ao par.*
*Quando nos vemos de novo?*
*Um grande Joana-beijo.*

Joana e Ester Langlauf publicam *Surdos que ouvem e ouvintes surdos ou a arte da comunicação*. No artigo explicam como a saída do anonimato por parte da comunidade surda aumentou o número de dispositivos permitindo a não-surdos melhor informar os surdos. Observaram menos o inverso. Esse foi o ponto de partida para os casos que agora publicam. A provocação imediata para aprofundar o fenómeno foi a autobiografia *Le cri de la mouette* de Emmanuelle Laborit na qual a actriz conta as suas experiências como criança surda num mundo de não-surdos e como foi gradualmente desenvolvendo

a sua personalidade enquanto aprendia a Língua Gestual. As famílias com as quais Joana e Ester trabalham incluem pais não-surdos com filhos surdos e pais surdos com filhos não-surdos. As duas utilizam o livro como apoio em grupos de discussão entre pais. Rapidamente ficara claro os pais surdos saberem melhor como as crianças e os pais não-surdos vivenciam o mundo do que os pais não-surdos saberem como as pessoas surdas vivenciam a ciência, a arte e a cultura em geral. Tanto as pessoas surdas como as não-surdas mostraram como é dada mais atenção público à tradução de informações para pessoas surdas do que o contrário. Pessoas não-surdas muitas vezes veem na televisão os tradutores para Língua Gestual e inferem daí a participação dos surdos numa ampla gama de tópicos. Mas as pessoas surdas nos grupos de pais explicam apenas receber informação e raramente ter a oportunidade de fazer perguntas ou comentários críticos em público. Em todos os grupos de discussão orientados por Joana e Ester, os não-surdos observam que pouco se traduz do mundo dos surdos para o mundo dos não-surdos. Isto é muitas vezes seguido por reflexões inicialmente não previstas pela Joana e a Ester: após novas partilhas de experiências, os não-surdos concluem que, tal como os surdos, eles também não têm de facto a oportunidade de questionar criticamente e em público o fluxo de informação falada para o debater. Não-ouvinte e surdo podem ser sinónimos no sentido biológico, mas socialmente certamente não o são, podem até ser antónimos. Como dizem Joana e Ester, em última análise, deveríamos falar de informação social e não de comunicação social quando nos referimos à rádio ou à televisão.

Canais que funcionam efetivamente em ambas as direções são raros. A confusão é por vezes grande em muitos eventos sociais: durante uma palestre, o palestrante está a comunicar, como pensam por exemplo muitos políticos ou professores? Ou está o palestrante a informar, e só falamos de comunicação quando os presentes entram em diálogo entre si e com quem falou, como diz quem participa em grupos cooperativos organizados horizontalmente? Em última análise, são duas perspetivas completamente diferentes da palavra comunicação. Na maioria dos grupos de discussão nos quais Joana e Ester participaram, não-surdos ficaram mais atentos em como se confunde facilmente comunicação com informação quando partilhem experiências com surdos sobre como tentar entrar em diálogo com alguém que afirma estar a comunicar. Joana e Ester concluem o artigo com algumas hipóteses acerca de potenciais contributos de pessoas surdas para o desenvolvimento da ciência relativo à comunicação. Referem-se ao papel das mulheres surdas em certas áreas científicas, como a astronomia e a pedagogia. Elas sugerem mais estudos de caso de carácter fenomenológico, envolvendo grupos de trabalho reunindo pais surdos e não-surdos com crianças surdas e não-surdas, respectivamente.

Joana consegue rapidamente fazer uma ligação entre o que pessoas surdos revelam a pessoas não-surdos acerca do conceito de comunicação, os equívocos em torno dele e os tipos-ideais não-ignorantes e ignorantes arrogantes na sua relação com tipos ideais não-ignorantes não-arrogantes na matriz ignorância-arrogância.

Ela escreve para a irmã:

*Olá Catherine,*

*O nosso artigo* Surdos que ouvem e ouvintes surdos ou a arte da comunicação *para reflectir em torno da comunicação gerou diversas reações. Ester e eu estamos satisfeitas por receber de vários sítios a confirmação da elaboração de novos estudos de caso. Claro, nós próprios temos já alguns acordos concretos. Conseguimos despertar o interesse de alguns dos nossos antigos docentes universitários e eles irão orientar estudantes que se preparam para obter um grau académico nessa direção. É certamente uma notícia emocionante.*

*Mas também temos outras reações.*

*Há quem diga tratar-se de uma discussão irrelevante sobre o conceito de comunicação. Pode ser verdade, mas parece-me cedo ter já uma opinião firme sobre isso. Continuaremos a discutir com todos aqueles dispostos a aceitar as regras científicas para a argumentação e contra-argumentação na crítica entre pares.*

*O que nos incomoda é, eu diria, uma espécie de correio de ódio de quem considera a nossa observação acerca da escassez de tráfego comunicativo em ambos os sentidos nos contactos entre surdos e não-surdos. Estas cartas dizem que tudo nada mais é do que uma conspiração vindo do primeiro grupo. Essas cartas de ódio reforçam a nossas sensação geral em como aprendentes são ridicularizados por ignorantes arrogantes, não achas? Não raras vezes retomam a argumentação para segregar todos aqueles que não correspondem a uma normalidade instituída. Quem não se enquadre nos limites do considerado uso ordinário de todos os sentidos deve acabar numa espécie de gueto, parece ser a proposta dos autores daquelas cartas. Quanto mais extra-ordinária for a 'anormalidade' de uma*

*criança ou de um adulto, mais extra-ordinária deverá ser a sua escolarização. Em instituições privadas, claro, porque quem diz detectar a conspiração dos surdos ou dos cegos não concorda em que seja a comunidade a custear a educação das criaturas desviantes...*
*Às vezes é como se o próprio aprendente fosse visto como uma anormalidade pelos ignorantes arrogantes. E não apenas naqueles lugares do mundo onde extremistas religiosos ou outros matam dissidentes e queimam escolas. O fundamentalismo está mais uma vez a mostrar a sua cara feia em todo lado, mesmo numa cidade na qual grande parte da população gosta afirmar-se cosmopolita, pelo que entendi das tuas cartas. O Muro de Berlim pode hoje ter-se virado atração turística, mas em outras cidades velhos muros são restaurados e novos aparecem: guetos, condomínios fechados, muros entre cidades e entre países, entre pessoas, escolha não falta.*

Na sua resposta, Catherine concorda com a irmã. Reafirma haver também em Londres sinais de surtos de intolerância e a própria constatação da diversidade parece levar rapidamente a velhas e novas reacções estereotipadas. Ela refere a preocupação de alguns dos seus amigos asiáticos: os serviços de protecção da criança visitam-nos com mais frequência do que os pais europeus, mesmo depois de banais conversas na escola entre crianças. Existe uma suposição infundada que por virem de países não europeus, os pais batem os filhos com mais frequência, enquanto os pais europeus não teriam tal comportamento. Trata-se de suposições e preconceitos infundados. Situações isoladas são extrapoladas, em ambos os

sentidos, aliás. De repente, é como nenhum pai europeu maltrata uma criança. Catherine ainda explica ter constatado como, com base no medo perante o fundamentalismo de alguns, grupos nas redes sociais causam ódio racial ou intolerância religiosa em relação a muitos. Com razão melhor é temer os líderes extremistas quando apelam a restringir a liberdade de expressão de outros, reivindicando o usufruto da sua própria liberdade de expressão, continua. Contudo ela constata uma certa forma de *bullying* institucional no qual participam políticos individualistas arrogantes. Não por aqueles políticos não se consideram representantes da população, mas actuais ou futuros líderes absolutos da Nação.
Como Loïc Wacquant descreve em *Punir os pobres. A nova gestão da miséria nos Estados Unidos*, Catherine e Joana observam maior índices de ódio racial naquelas regiões onde há poucos ou nenhuns imigrantes do que em locais com uma população mais diversificada. A burguesia rica e os seus representantes alimentam a imagem do *'perigoso outro'* na comunicação social populista, fazendo de criminosos individuais representantes gerais de todo um grupo populacional.
Catherine e Joana procuram dar aos filhos uma imagem o mais equilibrada possível, recorrendo aos livros infantis que privilegiam a diversidade. Elas também tentam evitar o uso excessivo do politicamente correto em nome da diversidade em relação a certos fenómenos. O modo como certas comunidades ditas minoritárias exigem os seus direitos pode facilmente degenerar em novas atitudes não tolerantes, como as irmãs bem sabem. Joana observa por exemplo como o excesso do

politicamente correto em nome da tolerância leva certos pais e alguns educadores a evitar de provocar qualquer tipo de frustração numa criança. Mas experimentar a frustração faz parte de todo processo educacional e de aprendizagem, quer se trate de pesquisa científica, de aprendizagens básicas ou de lidar uns com os outros de forma ética e empática. Confrontar as crianças com opiniões pessoais e orientá-las para elas expressarem as suas próprias opiniões pessoais sem as impor aos outros é uma atividade complexa, originando momentos frustrantes. Além disso, filhos e pais precisam compreender que os adultos têm um papel protetor para com as crianças. Alguns adultos têm dificuldade em ver a linha separadora entre mimar e proteger, ou de distinguir escravizar (a criança ou o adulto) de orientar.

Um sistema escolar autoritário e hierárquico não facilita a reflexão acerca destas aspectos da educação, mas um ambiente não estruturado pode ser igualmente prejudicial para muitos pais do primeiro ou único filho. Parece, portanto, importante criar clareza relativamente ao papel de todos na educação e no ensino. Para as crianças, aprender a instituir a comunidade de aprendizagem em conjunto é uma ferramenta valiosa. É uma espécie de ponto de partida para todos, desde cedo, se habituar à ideia da co-instituição com base na diversidade e perceber como numa comunidade de aprendizagem o adulto precisa de explicitar o seu papel em relação às crianças, exatamente para evitar mal-entendidos, tanto em relação à hierarquia como a questões punitivas a evitar.

Mas tanto Joana como Catherine estão conscientes do

tempo necessário para chegar a este ponto. Madurar a ideia requer gerações de desenvolvimento de comunidades de aprendizagem evitando ainda serem abusadas por aqueles que exercem o poder, em grande ou pequena escala...

Nos dois anos seguintes, Catherine publica vários curtos artigos nos quais aborda a análise institucional. As suas conclusões não se baseiam apenas no trabalho realizado em tempos com Hypolite d'Ailleurs e na investigação que a antecedeu, mas também nas suas recentes intervenções com o pessoal de várias ONG's em relação ao seu próprio ambiente de trabalho.

Catherine continua a falar regularmente com Steven Bird. Este completou entretanto vários voos com uma nova nave espacial depois de receber certificação para ser usada como veículo de transporte para as duas estações espaciais permanentes a orbitar a Terra. Um dia, Steven confidencia Catherine entender agora muito bem os ex-astronautas e -residentes temporários da Estação Espacial Internacional quando afirmam não existirem fronteiras. Assim que se observa o planeta da estratosfera ou mais além, vê-se apenas a transição da terra para os oceanos. Particularmente impressionante é a enormidade da superfície dos oceanos. Pode-se distinguir, especialmente no lado noturno, as cidades e suas periferias devido à iluminação, mas não são fronteiras. Podem-se ver obstáculos, continua Steven, na sua forma natural de cordilheiras, montanhas e cursos de água e na sua forma artificial de parede como é o caso da Grande Muralha Chinesa. Mas tudo o que tem a ver com os contornos de Estados-Nação, reinos ou repúblicas desenhados em mapas, são

meras invenções nas mentes de determinados grupos de pessoas.
Catherine observa: “O meu avô John também dizia que as fronteiras são produtos da imaginação. Uma vez citou Jacquard atribuindo a Georges Bidault a frase de que *as fronteiras são as cicatrizes da história*. Friedrich Ratzel também o parece ter dito. E a frase reaparece aqui e ali, até mesmo em discursos de estadistas que levam muito a sério essas mesmas fronteiras.”
Steven sorri. “Sim, a expressão pode servir para lembrar a fantasia dos proprietários humanos, mas também pode ser uma espécie de apologia: são cicatrizes, claro, mas entretanto estão aí, aproveitemos a sua visibilidade e lembremos as feridas originando-as…”
Catherine continua: “E uma nação é então encerrada nelas e desenvolve-se o pensamento nacionalista para dar a todos vivendo dentro destas fronteiras um sentimento serem elas a proteger uma espécie de individualidade coletiva. Portanto, a luta para as defender não só é legítima como é nobre... Assim, as histórias de heróis são bem-vindas; o *Leão de Flandres* inventado por Conscience ou o corajoso fundador da nação *Dom Afonso Henriques* contado por Diogo Freitas do Amaral, tanto faz. Há para todos, em todas as áreas limitadas por limites…”
Steven acena com a cabeça e diz: “Mas lá em cima, no espaço, toda as histórias com fronteiras parecem elas próprias fantasiadas. Ou melhor, são resultado da nossa ignorância arrogante. A dificuldade de viajar de um ponto para outro devido às linhas divisórias naturais não é quase visível, muito menos a devido a linhas figurativas não acompanhadas por

esses obstáculos naturais. E sabes, ao pensar em fronteiras dessa maneira, podes pensar em outros limites e outras fronteiras que traçamos nas nossas cabeças e que podem resultar de nossa ignorância, da nossa cultura local, ou de uma hipótese científica não desenvolvida…"
"O que queres dizer?" pergunta Catherine.
"É algo que me vem à mente de vez em quando, às vezes um pouco vago. Há muito traçámos limites entre as raças, e o geneticista Albert Jacquard veio nos explicar tratar-se de uma falsa ideia. A raça não é algo de natural. Existe apenas uma espécie humana e casais saudáveis e férteis conseguem descendentes férteis, seja qual for a sua proveniência. A raça é o resultado de endogamia.
Outro exemplo: desde os tempos antigos, filósofos procuraram traçar a fronteira entre corpo e mente. Considere o dualismo de Descartes. Mas outros defendem o que se poderia chamar uma abordagem holística do ser humano. Comenius sugeriu-a com a sua proposta de pansofia. Os neurologistas contemporâneos veem algo de mais complexo. Podemos continuar a filosofar durante muito tempo sobre a interacção entre corpo e mente, entre matéria e espiritualidade, mas entretanto a demarcação supostamente nítida fica desfocada. Observe todos os seres vivos na Terra e a sua inteligência, ou seja a sua capacidade de analisar uma situação ambiental e depois tomar uma decisão. De repente, desaparece a simples fronteira divisória entre a inteligência humana e a inteligência não-humana. Neurologistas como António Damásio referem-no mas os etólogos também ajudam a pensar. As quatro questões básicas para etólogos

formuladas por Nico Tinbergen são aplicáveis a todas as pesquisas sobre comportamento, incluindo o comportamento humano. E faço um pequeno salto de pensamento: físicos e matemáticos bem conhecidos, como Einstein, Hilbert ou Erdös, para referir apenas três, rejeitam a ideia de matemática localizada. Isso muda a fronteira entre terrestre e extraterrestre. Para mim até ofusca o limite entre a ciência terrestre e uma possível ciência extraterrestre. Se a matemática for universal, a forma como é traduzida e o modo de a aplicar difere, mas o próprio uso dela. A engenhosidade daqueles que a utilizam pode levar a aplicações técnicas muito diferentes, mas isso tem a ver com a compreensão da matemática, não com a matemática em si. Talvez não exista uma evolução melhor ou coroada. Não é Harari sugerir isso ser uma ideia falsa?"
"Tenho lido pouco de Harari", responde Catherine, "mas é algo assim, sim. Desviámos um pouco da tua observação inicial acerca de ver e viver os limites, mas a relação com o modo como pensamos saber ou provar é claro. A omnisciência talvez não existe, a não ser como meta inatingível. Mas quero ir um pouco mais longe. Penso no contexto do universo e o poder passa a ser uma ilusão. Coloca o planeta Terra no universo conhecido, como o fez Carl Sagan, e um governante de um estado qualquer passa a ser algo ainda mais insignificante do que um mísero grão de poeira. Pessoas autoritários são egoístas e pobres partículas resultante da sua ignorância em relação ao universo. Não altera o facto poderem causar muitos danos locais e temporários sobre àqueles e àquilo que dominam. O poder económico é o resultado da excessiva importância dada à posse

de todo o tipo de objetos e invenções. A ideia de existir uma linha divisória entre quem exerce a supremacia e quem sofre a supremacia pode ser o resultado de fenómenos biológicos mal explicados ou culturais mal controlados. Cá na Terra o poder é uma realidade cultivada, penso. Falar do *lobo alfa* é cultura ou biologia? Usar o termo *rainha* ao descrever um elemento de uma colónia de insetos é cultura ou biologia? Uma colónia de formigas ou abelhas não pode ser descrita como uma família gigante, uma fêmea e todos os seus descendentes, os descendentes mais velhos cuidando dos mais jovens? Quão culturalmente antropomórficas são todas as descrições das observações que fazemos da natureza, mesmo quando trabalhamos como etólogos? O comportamento do rebanho humano é cultura ou biologia? Até que ponto a aprendizagem está sujeita à instrução biológica coercitiva imposta culturalmente? Os indivíduos aprendem, mas a educação imposta domina? A capacidade de comunicação de muitas espécies animais, incluindo a nossa própria espécie, é planetária. Os idiomas utilizados são locais, também no nosso caso. Terá isto a ver com variações culturais ou biológicas, como é o caso com aspectos do nosso corpo, resultado da adaptação evolutiva a uma determinada zona climática da Terra, ou simplesmente com o alcance geográfico em tempos remotos? E quanto à comunicação de outras espécies, não apenas de primatas, mas também de baleias ou golfinhos? Também ocorrem variações locais. E quando ocorrem é por razões culturais ou biológicas? A aprendizagem é universal, mas a cultura não? A aprendizagem é universal mas a educação é localmente restritiva?" Catherine

desenha um ponto de interrogação no ar.
Steven levanta ligeiramente os ombros: “Realmente, desviamos um pouco. O que acabas de dizer lembrou-me de um livro de ficção científica, no qual uma das personagens principais foi banida pelos detentores do poder e encarcerada numa nave abandonada equipada com um pequeno laboratório, porque não queria participar nalgum projeto maquiavélico. Ela consegue colocar-se num estado de morte aparente. Cerca de dez séculos depois é encontrada por dois viajantes espaciais. Ela explica-lhes como ela estava aparentemente morta mas consciente e sem noção de tempo. Para não enlouquecer, começou a formular todo tipo de problemas para depois os resolver. Passou portanto cerca de mil anos unicamente a pensar em problemas abstratos sem interrupção. Quanto tempo temos nós para pensamento puro em comuns  circunstâncias da vida? É um belo livro de Clifford Simak: *os Engenheiros Cósmicos*. Se quiseres, empresto-te o livro.

Pouco depois, Joana e Catherine passam um fim de dia em casa de Paulo. A certa altura, Catherine fala da conversa com Steven e menciona de passagem a história da ficção científica. A seguir começam a falar de antigos amigos de escola. Joana ri e diz: “Lembras-te aquela irmã teatral de uma amiga da tua turma? Ela agora é uma *influencer* com dicas esotéricas para uma vida melhor e tem milhares de seguidores. Por mim continua tão dramática como costumava ser no secundário. Mas hoje ganha muito dinheiro com isso. E não creio que ela tenha pensado mil anos seguidos.
“Como isso é possível?” exclama Paulo.

Catherine também ri e diz: "Os *influencers* publicam todo tipo de coisa. Eu por mim, só raramente ganham seguidores só com pura sorte. Estar presente tem a ver com fama e nas redes sociais essa fama provem das publicações inúmeras vezes reencaminhadas. É portanto crucial saber o que será reencaminhado rapidamente. E, pai, por norma não são tópicos versando sobre diálogos matemáticos, sociológicos ou psicológicos. Trata-se mais de pequenas trivialidades com as quais se capta a atenção de jovens e menos jovens e por isso transmitidas em cadeia. Não tem importância saber se a informação tem base cientifica ou não. Se alguém disser que este ou aquele produto ou serviço equilibrou-lhe a mente e a mensagem for reencaminhada muitas vezes, os seguidores aceitam-na. E quando o grupo de seguidores é grande o suficiente, *os influencers* começam a facturar, seja porque os proprietários da plataforma lhes pagam para continuar presente, seja com receitas de publicidade provenientes da marca que promovem. Eles rapidamente descobrem como ganhar dinheiro, com ou sem bases científicas. O trivial e fácil é lido com entusiasmo, muitas vezes por quem chamaria de ignorantes não-arrogantes. Esses leitores simplesmente se sentem melhor com certas explicações nas quais acreditam cegamente. Joana consegue explicar-te o lado psicológico deste fenómeno. Eu diria que bons *influencers* são o tipo de aprendentes usando a sua inteligência com o principal objetivo de rapidamente ganhar dinheiro. E isso não é tão fácil como parece, quem o faz é de facto capaz de capitalizar a credulidade de muitos outros."

Joana e Catherine dão Paulo alguns exemplos de informações não controladas a passar nas redes sociais: dicas de como lidar com crianças ditas difíceis, por exemplo. Ele constata como adultos egoístas podem prejudicar psicologicamente crianças quando seguem um *influencer* com uma apresentação pseudo-científica, fingindo de ser *perito* ou *especialista*. Essas últimas palavras servem para tudo e seguidores facilmente aceitam expertise como sinónimo de verdade. Paulo faz um paralelo com o que acontece nos programas ditos informativos de rádio e televisão. Nesses programas, apresentam-se especialistas, sem informações adicionais em porque são considerados especialistas. Talvez são simplesmente indivíduos eles próprios dignos de notícia. Ele conta às filhas como ele próprio de início ficou muito entusiasmado com a crescente popularização da rede informática global conhecida como *internet*. Ele viu na rede a oportunidade para cada vez mais pessoas não serem apenas objetos passivos da informação, mas elas próprias adquirir autoria. Ele admite prontamente ter sido mais uma vez ingénuo. Ele subestimou gravemente a vontade egoísta de todo tipo de pessoas para exercer influência e assim adquirir poder convertido em dinheiro, na *world wide web* ou na *rede escuro*. Mas ele vê também desenvolvimentos positivos. Alguns sítios de consulta como a *Wikipédia* investiu gradualmente na co-autoria e na revisão entre pares, quando certos artigos parecem não ser suficientemente fundamentados. Mas, continua, é como se quando um determinado sistema de informação colectiva se torna mais sério, muitos utilizadores mudam para novos sistemas de informação não ou pouco verificada. Catherine

observa que a enciclopédia da Internet incorporou a co-autoria no próprio conceito. Isso não é o caso para as plataformas de mensagens curtas concebidas como aplicação para utilização em telemóveis ou tablets individuais. Não se trata de co-autoria neste caso mas de mensagens pessoais ou vindo de uma agência editorial, reencaminhadas por muitos.
Paulo ri e diz: "O número de vezes para uma mensagem ser encaminhada deve depender muito do conteúdo. Há poucos dias li um artigo sobre uma técnica avançada, recorrendo a raios X de alta energia em combinação com a Inteligência Artificial para reconhecimento de linguagem e palavras. Recorrendo a essas técnicas, pesquisadores universitários conseguem desvendar electronicamente rolos de papiro fortemente danificados e até queimados, alguns com mais de 2.000 anos e ler o seu conteúdo. Não acredito ganhar milhares de seguidores ao publicar sobre isso nas redes sociais."
Joana responde: "Hoje em dia, falamos muito da pessoa aprendente para fazer a diferença com a pessoa instruída ou treinada. Mas esse aprendente não é necessariamente o tipo de pessoa da tua imaginação, pai: aquela pessoa que se reúne com outras e em cooperação forma uma comunidade de aprendizagem com o objetivo de documentar e se fazer ouvir acerca de algo que lhes interessa. É isso que gostas de ver e também lês de Albert Jacquard. Mas o egoísta também é aprendente. Não procura cooperação mas novos mercados para ganhar dinheiro. Não, ou ainda não estamos prontos para um modelo universal de aprendizagem dialogada, bem pelo contrário. De momento antes parece estarmos confrontados

com uma arrogância reforçada que afasta a crítica informada. Basta pensar em como os jovens do clima ou as organizações que lutam pelo uso racional e sustentável da natureza e das matérias-primas são retratados e maltratados.”

Na primavera de 2025, Joana e Paulo estão em Londres para a ocasião do lançamento da revista *Ignarysis*. Joana e Catherine publicam neste primeiro número a matriz 76/121 para análise ignarométrica:

| Ignorancia arrogancia | | Menos | | | | | Neutro |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | I -5 | I -4 | I -3 | I -2 | I -1 | I 0 |
| M | A 5 | Líder fascista | Investigador comercial | | | Líder presunçoso | Líder populista |
| | A 4 | Líder de seita | Beligerante estratégico | Inquisitor religioso | | | Líder popular efémero |
| | A 3 | Líder em partidocracia | Criador modos consumistas | Beligerante agressivo | | | |
| | A 2 | Líder democrata liberal | | | Morre pela pátria | | |
| | A 1 | Líder democracia occidental | Ambientalista tolerante | | Votante crítico | Seguidor crítico | |
| N | A 0 | Líder democrata | Líder de transição | Líder mediocre | | | Cinzentão |
| | A -1 | Líder consensual | Ambientalista compreensivo | | Votante informado | Tolerante à integração | |
| | A -2 | Intelectual anti-poder | | | Defensor activo da integração | | |
| | A -3 | Intelectual generalista | Consumidor consciente | Pluralista paternalista | Objector de consciência | | Conciliador mediocre |
| | A -4 | Investigador ético | Pluralista consensual | | | | |
| m | A -5 | Pluralista com ética cosmopolita | Diplomata negociador | | Pacifista | | Diplomata consensual |

MATRIZ 76/121 - LADO ESQUERDO

| Ignorancia<br>arrogancia | | Neutro<br>I 0 | I 1 | I 2 | I 3 | I 4 | Mais<br>I 5 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| M | A 5 | Líder populista | Arrivista | Teórico conspirações | Braço direito líder populista | Braço direito líder fascista | Anarco bombista alfa |
| | A 4 | Líder popular efémero | | Atacante da cultura | Seguidor líder populista | Beligerante dogmático | Anarco populista alfa |
| | A 3 | | Conspirador | | Nacionalista xenófobo | Vendedor oportunista | Queimador de livros |
| | A 2 | | Xenófobo | Nationalista | Xenófobo homófobo | Omnífobo e racista | Anarco intolerante |
| | A 1 | | Intolerante à integração | | | Ambientalista fundamentalista | |
| N | A 0 | Cinzentão | Votante passivo | | Seguidor mediocre | | Anarco inofensivo |
| | A -1 | | Seguidor hesitante | | | Ambientalista intolerante | Anarco omega |
| | A -2 | | | "*No man*" plebicite | | | Ignorante anti-poder |
| | A -3 | Conciliador mediocre | | "*Yes man*" plebicite | Seguidor de t. de conspiração | Consumidor compulsivo | |
| | A -4 | | | | | Cordeiro do poder | Ignorante seita |
| m | A -5 | Diplomata consensual | Integrado | Integrado re-signado | | Dá se bem com todos | Bobo da festa |

MATRIZ 76/121 - LADO DIREITO

Este acto torna-as fundadoras da sociologia ignarométrica. Elas apresentam publicamente a matriz como sendo uma evolução da tabela imaginada por Paulo sem alguma vez ter sido publicada. O número 121 refere-se às células da matriz e 76 ao número de células contendo um tipo-ideal. Elas prevêem desenvolvimento futuro.

De resto, as irmãs justificam a publicação da matriz e da nova revista afirmando sentir haver espaço para este novo instrumento que ajuda a compreender a influência combinada da arrogância e da ignorância nos possíveis modelos de aprendizagem, incluindo no modelo hierárquico clássico que se limita à transmissão de informações. Joana explica ter havido,

pelo menos até à catástrofe do vírus corona, um interesse crescente para modelos de aprendizagem dialogada. Estes modelos continuam a ser os de muitas comunidades de aprendizagem de adultos. O isolamento obrigatório, o fecho e a posterior reabertura das escolas mostraram não ser prudente de depositar uma fé cega nos sistemas educativos nacionais. A irmã e ela própria observam hoje frequentemente como a aprendizagem à distância feito ensino a distância se transforma numa versão melhorada do ensino bancário de que fala Paulo Freire quando fala da instrução. As irmãs atribuem a evolução ao crescente número de decisores políticos arrogantes. Sem o dizer claramente, eles intentam continuar a usar o ensino obrigatório não como um instrumento libertador, mas como um instrumento escravizante. Estes decisores políticos arrogantes rumam deliberadamente para uma atuação sua mais totalitária. Fazem-no subtilmente. Não desfazem de modo descarada o que uma população foi alcançando coletivamente, exatamente para garantir a propriedade e o poder que se sentiu atacado. A abordagem bruta foi a do tempo de Pinochet, por exemplo. Quase sem dar conta disso, a instrução controlada em grande escala a nível nacional faz da desinformação uma ferramenta política e aumenta a ignorância de grandes partes da população. Facilita a ascensão de figuras beligerantes autocráticos. É muito mais difícil garantir apoio de cidadãos bem informados e críticos. Durante a sessão de apresentação, referem novamente Trump e Putin mas mencionam também nomes como o de Netanyahu. E abordam a arrogância de guerrilheiros que agem de acordo com os seus próprios interesses de poder, se misturam

com a população civil e provocam assim ondas de violência contra cidadãos comuns. Esses também ganham com a desinformação que usam, comparável com o ensino acrítica ou unilateral. Hoje podemos de facto constatar como "*olho por olho deixará o mundo inteiro cego*". Quando Joana usa essa expressão, Catherine observa muitos jornalistas presentes a anotar a frase. Por isso, comenta que as palavras para descrever o fenómeno não são delas, mas foram frequentemente atribuídas a Gandhi, líder pacifista do movimento de independência da Índia embora haja quem tenha algumas dúvidas. Alude quase de certeza a uma frase em *Êxodo* do Antigo Testamento da Bíblia cristã '*olho por olho, dente por dente*'. Ainda hoje, essa expressão é citada *ipso facto* com veemência por líderes autoritários pretendendo ver reforçado o apoio que lhes é dado por uma população mal informada e, portanto, ignorante. No entanto, continua Catherine, alguns desses líderes consideram-se cristãos e por isso poderiam bem lembrar-se a passagem de Mateus no Novo Testamento, na qual Jesus se distancia claramente desta afirmação: '*Ouviram o que foi dito: 'Olho por olho, dente por dente.' Eu, porém, digo: não oponham violência com violência. Se te derem uma bofetada numa das faces, oferece também a outra!*' A frase atribuída a Gandhi é mais direta, continua Catherine, logo mais fácil de compreender, mesmo por quem teve pouco ou nenhum contacto com um modelo de aprendizagem dialogada. Catherine lembra ainda Mário Pais de Oliveira, de quem ouvira falar quando andava no ensino secundário. Alguns anos mais tarde, ela assistira a uma entrevista com o padre na qual este explicou o projeto político

de Jesus desmascarando a perigosa mistura de interesses religiosos e económicos na então Jerusalém, e a falta de ética dos poderosos líderes do templo. Catherine lembra como o padre afirmou a evangelização ser impossível enquanto houver religiões. E ela acrescenta ela poder ter opiniões diferentes sobre a fé e a crença, mas fazer constar da matriz ignarométrica tipos-ideais abordando a fé com mais ou menos arrogância enquanto usam ou abusam do conhecimento teológico a este respeito.

A matriz ignarométrica é rapidamente adoptada por muitos investigadores em diferentes ramos das ciências humanas. As contribuições em *Ignarysis* utilizam os estudos de caso como principal instrumento de investigação. Muitos sociólogos consideram que a matriz constitui um valor acrescentado para a análise na investigação fenomenológica. Joana constata rapidamente a recomendação de uso da matriz ignarométrica em publicações no âmbito da Antropogogia Institucional, na Europa, na América e em partes da Ásia para descrevem e analisar processos de aprendizagem, tanto em comunidades de aprendizagem como em grupos de instrução.
Cinco anos após o lançamento de *Ignarysis*, os editores da revista organizam o primeiro congresso de ignarometria, aprimorando a análise ignarométrica no contexto da pesquisa sociológica. As irmãs Demeester são agora bastante conhecidas no mundo académico. Elas participam no congresso e Catherine faz uma intervenção notável durante um dos ateliers, posteriormente publicado sob forma de artigo em *Ignarysis* com o título *Mal-entendidos frequentes em relação à aprendizagem dialogada*. Joana e Ester integram um grupo de investigadores

interessados em estudar o desvio de pluralismo para formas de integração e de formas de integração para intolerância. Nos próximos anos pretendem elaborar estudos de caso que explorem diagonal *A-5 I-5* — *A5 I5* da matriz ignarométrica. Para o fazer pretendem compilar informações sobre obstáculos e estímulos culturais no âmbito de processos de aprendizagem rumo à sociedade convivêncial pluralista.

Enquanto está a decorrer o congresso, Paulo recebe a visita dos netos. Alexandre tem agora 12, Greta 11 e Francisco 10 anos. Paulo mostra-lhes os primeiros desenhos que recebeu deles quando eram pequenos. Entre esses desenhos há uma folha com linhas circulares e pontos. Era a visão do universo que Alexandre se fizera a partir das muitas conversas folhando um dos seus livros preferidos rico em imagens, tinha ele menos de 3 anos. Greta procura álbuns de família antigos e chama os rapazes. Eles encontram o álbum de uma das viagens à Bélgica quando as suas mães eram crianças e com uma fotografia com parte do bordado de Bayeux. Paulo mostra-lhes a 'estrela voadora' da qual se conta que anunciara a vitória de Guilherme o Conquistador. Eles falam de superstição, mas depois Paulo explica esta estrela voadora ser na verdade um cometa hoje conhecida com o nome de Halley. Ele conta que os astrónomos conseguem calcular com alguma facilidade a órbita do cometa e assim saber quando ele estará novamente visível na Terra: "A última vez que o cometa se aproximou da Terra, a mãe de Greta tinha pouco menos de um ano e a mãe de Alexandre e Francisco ainda não tinha nascido. De aqui 31 anos o cometa estará de volta." Alexandre vira-se para o irmão a prima e diz: "Eu terei

então 43 anos e vocês 42 e 41! Isso ainda demora!" Ele pergunta a Paulo: "Ainda tens aquele livro de que falaste e que eu gostava de ver quando era pequeno?" Paulo retira o livro de sua ainda considerável biblioteca infantil e traz também *Cosmos* de Carl Sagan e alguns documentos mais recentes com fotografias do Espaço. Francisco lembra-se de frequentemente ver imagens no computador. Com a ajuda do avô, as crianças gravam algumas endereços de páginas da internet para mais tarde visitar no respectivo tablet que utilizam enquanto aluno e no qual ficam gravados os livros escolares. Eles mostram Paulo os livros eletrónicos no tablet. Alexandre e Francisco explicam como criam e gravam nele os seus trabalhos individuais e de grupo enviando-os para feedback através da rede interna da escola para os seus professores supervisores. Greta diz que costuma utilizar o seu tablet para procurar informações sobre os mais diversos assuntos que lhe interessam. Os três referem as recomendações dos seus professores para sempre consultar diferentes fontes sobre qualquer assunto. Paulo diz interessar-se pelo que fazem e aprendem na escola e como gostaria de receber fotos ou textos de vez em quando. Eles criaram um pequeno grupo de intercâmbio entre os quatro.

Depois do congresso, Joana e Catherine passam alguns dias juntos com maridos e filhos na casa da família que ainda têm no sul de Portugal. Steven Bird está de férias na região e vem visitá-las uma noite. Ele já efectuou duas viagens para a Lua, transportando carga para a construção de uma base permanente. Aí entrou em contacto com dois investigadores, Victor Hunt e Chris Danchecker que afirmam dever muito a

James Hogan. Graças à investigação microbiológica de solos, os dois cientistas integram hoje um selecto pequeno grupo que progride bastante depressa nas experiências relativas à Terraformação. Este processo encorajará o uso de residências permanentes fora da Terra. Segundo rumores trazidos por Steven, a Lua será usada como permanente laboratório de testes, dada a sua proximidade com a Terra. A grande surpresa, no entanto, é não ser Marte, mas sim a lua de Jupiter Ganymedes o segundo candidato à Terraformação de longo alcance. Marte ocupa agora o terceiro lugar. Terá mais a ver com razões políticas do que científicas. Ganymedes, mais remota, é hoje vista como uma espécie de nova terra para enviar exilados. Qualquer pessoa a criar muitos problemas é 'convidada' a ajudar a construir uma colónia distante. Por outro lado, circulam rumores acerca de informações sobre uma possível inteligência extraterrestre passível de ser encontradas em Ganymedes. Mas Steven não tem confirmação de nenhum desses rumores. Por enquanto, diz ele, está feliz por ser piloto espacial de voos de curta distância para satélites artificiais e para a base lunar que precisa de manutenção permanente.

Nos anos seguintes, Paulo corresponde mais com os netos do que com as filhas, sobretudo através do canal de grupo que os quatro criaram no verão de 2030. Greta informa como não raras vezes se confronta com professores arrogantes. Ela escreve ter às vezes a sensação de que os professores agem assim para esconder a sua própria ignorância ou insegurança. Alexandre responde com outros exemplos aos quais se refere como estúpidas exigências de cópia. Paulo brinca e pergunta se estão

hospedados num mosteiro medieval onde perfazem trabalhos de monge. Não tem graça, avô, responde Greta. Paulo concorda. Não tem graça, mas aqueles projetos e pequenas investigações que os três adoravam fazer na escola primária parecem ter desaparecido por completo hoje. Francisco tem um pouco mais sorte do que o irmão e a prima: cerca de metade dos seus professores fazem alguma abordagem cooperativa ao currículo, envolvendo os alunos. Paulo reconhece nos exemplos de Francisco um modo de trabalho proposto por um *think tank* educacional de uma organização internacional para a qual em tempos foi consultor. Naquela época falava-se nos meios educacionais de *learner agency,* mas havia muito alarido sobre quem eram esses aprendentes: os professores e os alunos, ou apenas os alunos? Lendo Francisco, Paulo deduz que naquela escola o grupo de professores aos quais o neto se refere se veem a si próprios como professores aprendentes. Mas o quadro pintado por Greta e Alexandre revela que o modelo promovido pelos ministros mais progressistas da época não vingou. Paulo sempre teve dúvidas acerca desse repentino e aparentemente generoso interesse em práticas mais dialogadas na sala de aula. O interesse existia, mas como já se tinha visto no passado, não eram para todos, nem para todas as escolas.

Quando Alexandre faz dezesseis, ele reescreve algumas de suas experiências no ensino secundário e publica-as na internet como pequenas histórias em fascículos isolados. Ele está tão surpreendido como o avô ao ver como rapidamente surgem seguidores, principalmente jovens. Paulo fica feliz em ver quantos jovens ainda dedicam o seu tempo para ler

mais do que curtas mensagens ou textos superficiais. Parece refutar uma opinião amplamente difundida sobre os jovens. Joana salienta que mesmo os dez a quinze mil seguidores de Alexandre são poucos quando comparados com todo o universo de jovens nas redes digitais. Greta é seguidora do primo mas concorda com a opinião da tia. Ela descreve como a pressão da ignorância arrogante aumenta e relaciona-a com o modo como um crescente número de políticos se veem, não como representantes da população, mas como líderes indiscutíveis agindo como bem querem. Para manter essa posição de líder indiscutível, eles fazem exatamente como fazem alguns professores na escola: em vez de entrar em diálogo quando surgem questões críticas, ameaçam tomar medidas autoritárias para encobrir a falta de autoridade. Mas, acrescenta Greta, incentivo todos os amigos e conhecidos a lerem as histórias de Alexandre. A popularidade dele aumenta e pouco depois de terminar o ensino secundário consegue publicar duas coletâneas de contos e dois romances. Inicia o curso universitário de literatura já sob contrato de uma editora nacional e outra estrangeira para os próximos quatro anos. É uma situação muito excepcional e os pais apoiam-no para proteger a sua vida privada da vida pública.
Paulo fala com Joana das experiências mais agradáveis de Francisco mas ela diz que nem tudo é como lhe chega aos ouvidos. Em primeiro lugar, como bem sabe, Francisco escolheu uma direção muito específica: estuda música. O currículo que percorre é diferente do da Greta e de Alexandre no ensino

secundário. Resumindo, explica Joana, Francisco está numa espécie de formação profissional altamente especializada que começa cedo, tal como com aqueles contratos de aprendizagem que o avô John acompanhava. Alguns professores mantêm uma espécie de relação de preceptor-aluno na qual assumem um papel orientador. Aí poderia falar-se de uma abordagem dialógica. A abordagem cooperativa e de grupo apenas existe nalguns casos, para a parte do currículo referente a conhecimentos gerais.

Greta passa as férias de verão em Portugal depois de terminar o ensino secundário. Ela viajou sozinha e fica em casa de avô Paulo. Instala-se no antigo quarto da mãe. Vai à praia com os primos e os seus amigos nos dias de radiação UV moderada e quando não se prevêem as fortes ventanias que hoje em dia atingem a costa portuguesa com frequência. Passa os outros dias no estúdio de Alexandre, de onde fazem visitas remotas de realidade aumentada a museus e exposições. Ela participa em vários fóruns juvenis. Face às políticas cada vez mais autoritárias nas mãos de um pequeno grupo de políticos tecnocratas internacionais, os jovens tentam fazer ouvir as suas vozes nesses fóruns para evitar de serem imediatamente presos. Abrem e fecham Blogs e Vlogs, partilham vídeos informativos. Às vezes parece um jogo de gato e rato e as principais discussões centram-se nas dificuldades em como alcançar e informar a população cada vez mais anestesiada. Uma tarefa muito difícil porque a mesma população, mantida na ignorância, é cada vez mais manipulada. Líderes populistas publicam

informações falsas e teorias da conspiração em grande escala, das quais mesmo os tecnocratas governantes fazem bom uso. Greta procura almas gémeas que, tal como ela, publiquem verificações de informações, sem paternalismo. Alexandre ajuda-a a desenvolver um vocabulário capaz de convidar as pessoas a pensar sem as encaminhar numa direção específica. Ambos dão-se muito bem com as respetivas mães. Convidam Joana e Catherine a participar em alguns dos fóruns para os aconselhar, a partir da sua vasta experiência em comunidades de aprendizagem. Utilizam uma plataforma de comunicação aberta derivada da conhecida plataforma MOODLE e reúnem muitos interessados desejando aprender mais sobre o uso da matriz ignarométrica.

De noite Greta passa o tempo com o avô. Eles costumam percorrer a sua biblioteca e folhar livros. Ele explica-lhe como encontra documentos e partes de documentos na base de dados que ele próprio desenhou há pouco mais de trinta anos e ainda usa. Hoje a biblioteca contém perto de 3.000 fontes de informação impressa entre livros, revistas e dossiês com artigos, havendo de uma coleção um pouco maior de fontes de informação digitais. Ele cuida deste espólio digital no seu pequeno sistema local de informática, diz a brincar. Paulo mostra como recorre a base de dados para juntar as informações de que dispõe em conjuntos lógicos, fazendo também ligações para informações publicamente disponíveis na internet. Greta continua muitas vezes a navegar na base de dados de Paulo depois de ele ir dormir e fica sempre surpreendida com a

quantidade de informações disponíveis em relação à mãe e à tia. Um dia ela pergunta se ele ainda não pensou em inserir na base de dados as cartas pessoais que guarda delas. Ele responde tentar fazê-lo, mas que aos oitenta anos tem crescentes dificuldades para introduzir novas informações. A sua capacidade técnica de criar novas tabelas de dados e de as conectar com a informação existente já não é como dantes. O trabalho avança lentamente. Com mais frequência pega em documentos já guardados para os ler novamente. Os dias de escrita passaram a ser dias de leitura, brinca.

Pouco antes de Greta retornar para Londres, ela pergunta ao avô se pode convidar uma amiga interessada na sua coleção de literatura infantil. Paulo conhece assim Catarina Branco, tal como Greta, empenhada em disponibilizar informação verificada, no seu caso principalmente para crianças. Catarina tem vinte e um anos e estuda a evolução da literatura infantil. Ela não procura apenas livros infantis informativos, mas analisa também o conteúdo de histórias e livros de leitura para crianças de várias idades. Ela estabelece imediatamente uma boa relação com Paulo e passa a visitá-lo regularmente. Ela costuma dizer que uma parte importante do seu trabalho de campo se passa na biblioteca de Paulo. Uma das perspectivas de análise dos livros infantis é a forma como aparecem as relações entre os protagonistas das histórias. Isto permite-lhe fazer grupos de autores: aqueles que constroem relações hierárquicas de poder; aqueles que optam pela cooperação; aqueles que ligam independência a encontros ocasionais. Mais tarde Catarina estabelece uma gradação em função da forma

como essas relações são evidenciadas. Afinal, determinadas formas de relações podem ser defendidas ou questionadas moral- e eticamente pelas mesmas razões e originar uma atitude crítica ou mesmo de rejeição face a elas. Catarina fica fascinada por ver como uma mesma história é contada de muitas maneiras diferentes e como a implícita ou explícita questão ética subjacente muito varia. Essa variação fica claríssima nos recontos dos contos de fada e das histórias clássicas e épicas. Até as histórias moralistas de La Fontaine ou Daudet passam a assumir um caráter diferente quando recontadas de certa forma. A interpretação ética de uma história infantil do século XIX ou XX, transformada em filme e da qual a versão cinematográfica é posteriormente publicada em livro, sofre mudanças importantes. Análises sociais são às vezes transformadas em histórias infantis. Essas análises inicialmente críticas, basta pensar em Dom Quixote ou Alice no País das Maravilhas, são atenuadas na sua versão infantil ficando uma história emocionante ou engraçada.

Catarina desvenda para Paulo o seu sonho de conceber ela própria uma alargada fonte de informação sobre literatura infantil que ela própria considera inteligente. Paulo pergunta então se ela quer ser uma *influencer* da literatura infantil. Segundo ele, existe sempre o perigo de determinar as escolhas das pessoas em vez de as orientar. Catarina acredita que se ela explica com muita clareza os critérios para uma determinada avaliação, esse perigo será mínimo. Paulo responde ter aprendido com os netos a importância do primeiro impacto deixado a um novo visitante de um blog ou vlog. Humor e

frases curtas e poderosas ajudam. Paulo aconselha Catarina em contactar a filha Catherine. Talvez ela possa dar sugestões com base em sua experiência sobre como reunir um amplo grupo de interessados.

*Querida Catherine,*
*Pressuponho que Greta lhe terá contado como entrei em contacto com a sua família. Também deve estar ao par das minhas visitas semanais ao seu pai nos últimos dois anos. O que inicialmente era um pedido para autorizar algumas pesquisas sobre literatura infantil na biblioteca dele tornou-se gradualmente uma necessidade. Desenvolvemos uma grande amizade e admito que hoje em dia fico sempre a aguardar impacientemente a próxima visita. Sei como Paulo também aprecia os nossos encontros que se tornaram ainda mais frequentes nos últimos tempos.*
*Entretanto, depois de consultar centenas de livros, não só na biblioteca do seu pai, mas também em outros locais que frequento para a minha investigação, desenvolvi um quadro de análise para identificar os livros de acordo com as posições morais e éticas subjacentes e as condições sociais associadas.*
*Quero agora criar um canal de informação para pais interessados e educadores profissionais, não só para saberem das minhas avaliações, mas, acima de tudo, para obter uma visão clara dos critérios utilizados. Estou a pensar numa plataforma de comunicação na qual interessados uma vez familiarizados com os critérios possam facilmente inserir melhorias aos critérios e às análises de livros. Paulo aconselhou-me de lhe escrever. Ele disse-me que me pode ajudar dado a sua longa experiência com comunidades de aprendizagem a distância e mostrou-me alguns dos seus*

*artigos.*
*Por fim, e espero não me levar a mal, uma nota pessoal. Estou um pouco preocupada porque tenho a impressão de que Paulo tem estado menos alerta nos últimos tempos. Muitas vezes parece-me mais melancólico do que estou acostumado. Tudo começou depois de ouvir músico com o gira-discos. Ele mostrou-me alguns discos de vinil da sua coleção e deixou-me ouvir alguns. Hoje ouve vezes sem conta o oratório de Theodorakis com textos de Pablo Neruda. Ele contou-me que tem o disco desde 1975, e fala muito do pai dele e o seu amigo chileno. Contou como as duas famílias juntas foram ver o oratório dirigido pelo próprio Theodorakis numa sala de concertos de cidade natal dele. Quando não está a ouvir este disco, então são os CD's com os concertos para piano de Bach ou com as sinfonias de Beethoven. De vez em quando deixa-me ouvir a obra de um compositor da sua terra natal e com quem aparentemente mantém uma relação de amizade, ou alguma obra de Francisco, que conheci pessoalmente recentemente.*
*Espero me perdoar por expressar minha preocupação dessa maneira. Pode não ser nada, mas eu sei da Greta como Paulo tende a isolar-se do mundo exterior, por isso queria vos dar conhecimento.*
*Atenciosamente,*
*Catarina*

*Querida Catarina,*
*Muito obrigada pela tua carta. Peço desculpas por ter demorado um pouco para responder. Estive a pensar algum tempo sobre o que me escreveste. Em primeiro lugar, não te levo nada a mal expressares a tua preocupação. Entrei imediatamente em contacto com a minha irmã e ela confirmou o que me contaste. O nosso pai sempre tentou de ser modesto e*

*de se apagar um pouco a si próprio especialmente quando receia algo que pensa ou diz não ser levado a sério. Completou agora oitenta e dois anos e deve se ter convencido não ser mais útil para os outros. Ele sentia-se já algum tempo infeliz, disse-me a minha irmã, por nem sempre conseguir acompanhar os netos no que fazem.*
*Eu próprio enviei-lhe um correio eletrónico para falar dum amigo de longa data, hoje piloto espacial que nos visitou com informações interessantes sobre a primeira expedição humana em Marte feita por um grupo de seis pessoas. Ele sempre teve um certo fascínio por viagens espaciais, tanto na realidade como na fantasia. Posso imaginar que também te mostrou a sua coleção de histórias de ficção científica em algum momento. Escrevi que Steven, é o nome do o nosso amigo, vem novamente em fevereiro e convidei o pai para estar connosco naquela altura. Combinei tudo com os meus primos belgas. Eles irão visitá-lo e viajar com ele para a Bélgica. Assim visita a irmã e depois eles metem-no no comboio para Londres. Já está tudo combinado, mas foi essa a razão de só agora te responder. Os sobrinhos de Paulo chegarão no final de janeiro e viajarão com ele no dia um de fevereiro. Paulo estará fora de casa durante quase todo o mês de fevereiro, assim já sabes como será.*
*Quanto à tua pergunta mais profissional: acho que o meu pai, como sempre, exagerou um pouco ao falar das filhas. Mas ficarei feliz em ajudar-te se achares que posso ser útil. Irei me encontrar com a minha irmã na primavera, quase de certeza em Lisboa. Gostaria de envolvê-la no teu projeto. Assim proponho nos encontrarmos em abril. Dá para ti?*
*Atenciosamente,*
*Catherine.*

## Uma carta do aprendente

Está frio em Oostende neste fim de janeiro de 2040. Uma tempestade teimosa obrigara Sebastiaan e Alan, sobrinhos de Paulo, de remarcar por duas vezes a sua viagem antes de seguir para Lisboa. Chegam finalmente à casa dele no dia 27. Em Lisboa de céu limpo pouco se sente o mau tempo. Paulo está preocupado, não com o tempo ou com a viagem de ida, pois tem companhia, mas com a viagem de regresso. Sebastiaan aconselha não entrar em stress. Se for necessário ele próprio acompanhará o tio até ao aeroporto e ajudar-lo-á a encontrar um companheiro de viagem ou um assistente de bordo. Além disso, ri Alan, não adianta preocupar-se com um mês de antecedência. Sebastiaan e Alan aproveitam a curta estadia em Lisboa para visitar Joana e Daniel. Também encontram-se com Francisco e Amy Matisse. Conhecem Paulo N'Kondo, o bebé deles agora com três meses. Francisco surpreende-os com um recital privado; ele e três amigos interpretam algumas peças para quarteto de cordas compostas pelo próprio Francisco. Alexandre tem outra grande novidade. A sua editora britânica chegou a um acordo com uma editora neerlandesa e três coletâneas de contos já traduzidos para o inglês serão agora publicadas em neerlandês. Os primos poderão lê-lo na sua própria língua, se assim desejaram. Joana diz apreciar muito os primos terem vindo a Lisboa para apoiar Paulo para a sua viagem à Bélgica e Londres. Primeiro ele estava bastante negativo em relação a tudo, mas agora está entusiasmado.

Passado três dias, tio e sobrinhos embarcam no avião para a

Bruxelas. A aterragem é bastante violenta devido ao forte vento, mas eles chegam em segurança ao hall de entrada de onde caminham até a plataforma do comboio e logo em seguida partem para Oostende. Paulo entusiasma-se com os novos comboios que parecem flutuar sobre os carris. Naturalmente, quer experimentar o sistema de encomendas para a carruagem bar e fica feliz como uma criança quando, pouco depois de teclar a encomenda no painel de comunicação integrado no tampo da mesa, vê aparecer um empregado com três excelentes cafés e alguns bolos. Os seus sobrinhos explicam como, depois de uma série de campanhas sem sucesso, a empresa ferroviária usara todo o seu charme para convencer as pessoas de mudar do transporte individual para o transporte colectivo. Sebastiaan diz ter quase a certeza acerca da intenção subjacente do governo central da Europa que consiste em obter maior controlo sobre os movimentos dos cidadãos. Em articulação com esta operação charme, as taxas de utilização das auto-estradas aumentaram de tal modo que muitos funcionários e empregados optam por trabalhar a partir de casa ou por ir viver perto do local de trabalho caso não queiram utilizar os transportes públicos e não tenham dinheiro para pagar o impostos rodoviários. Alan acompanha de perto as tendências económicas. Explica a Paulo porque cada vez mais os investidores abandonam a indústria de montagem de automóveis. O foco para o consumo individual está hoje nos equipamentos electrónicos, nos dispositivos para produção pessoal de energia e como Paulo já sabe, claro está, na indústria da instrução. Sebastiaan está convencido que o ensino do filho

de Francisco e Amy e de quaisquer filhos de Alexandre ou Greta só será feito através da aquisição ou do aluguer de serviços electrónicos.
Como Paulo sabe as condições meteorológicas na faixa costeira diferem muitas vezes das mesmas dez quilómetros para o interior. Ele está feliz por não se prever chuva nos próximos dias. O vento reduziu para velocidades toleráveis. Caminha pela cidade com Anne enquanto ambos se lembram de episódios de infância. Sente-se feliz e satisfeito uma semana mais tarde, quando embarca no comboio para Londres. Nos últimos anos o serviço dos equipamentos de grande velocidade foi adaptado. Dois conjuntos, um vindo de Oostende e outro vindo Amsterdão com paragem em Antuérpia, são acoplados em Bruxelas para formar um único comboio, acabando com o incómodo transbordo na viagem Oostende - Londres. Os controlos de alfândega realizam-se no próprio comboio entre Bruxelas e a paragem no início do túnel da Mancha, eliminando quase todos os tempos de espera para embarque.
A estação St Pancras não é exatamente como Paulo se lembra da época em que visitava Londres regularmente quando Greta era pequena. Ele sente-se transportado para um cenário de um daqueles filmes futuristas até há pouco tempo passados na televisão. Hoje já não os vê. Filmes e séries de ficção só são disponibilizados com sistemas privados de *pay-per-view*, enquanto os poucos canais abertos obrigatórios alternam os chamados programas informativos com *reality shows.* A diferença entre uns e outros é cada vez mais difícil de detectar. Desde alguns anos ele assina o pacote mínimo obrigatório

vinculado ao aluguer de banda larga para a internet, mas a televisão lá em casa só serve de monitor de DVD para rever os poucos filmes que ainda tem e para os quais recorre a um velho leitor.
Ele percorre lentamente a longa plataforma e desce até o grande hall de entrada, onde Greta e Catherine esperam por ele. Apanham o *tube* em direção à zona oeste de Londres e menos de meia hora mais tarde estão em casa de Catherine.
Catherine fala da revista *Ignarysis*. O periódico celebra o seu décimo quinto ano e publica cada vez mais contribuições de todas as áreas das ciências humanas. No dia seguinte pai e filha visitam uma comunidade de aprendizagem regularmente acompanhada por Catherine. Ela fala ao pai do seu ingresso na Universidade de Londres no próximo ano onde se tornará professora convidada para a faculdade de educação não apenas para destacar a aprendizagem dialogada mas também para a praticar.
Dois dias depois, Catherine, Alberto, Paulo e Steven Bird almoçam juntos.
"Tempos que lá vão, Paulo", começa Steven. "Acho que não nos vemos desde que Catherine e eu terminámos o ensino secundário e tu me perguntar se eu tinha todos os requisitos para me tornar piloto profissional."
Paulo abraça Steven e responde: "E pelo que sei das minhas filhas, trocaste os voos locais entre Cascais e Torres Vedras pelos voos locais entre a Terra e a Lua".
Steven ri: "Sim, quase toda a minha vida fui piloto de voos locais. Lembro-me com particular prazer é o meu período em

Toulouse. Contrataram-me como piloto de testes e lá aprendi mesmo a voar. Com isto quero apenas referir a enorme aprendizagem, não só em como tirar o máximo partido de uma máquina grande e pesada, mas também em manter-me calma perante desenvolvimentos imprevistos e a necessidade de fazer uma análise rápida."

Catherine observa: "É isso que Alberto e Steven têm em comum. Eles fazem muito boas análises. Mas Steven fá-lo muito rapidamente, enquanto Alberto leva semanas."

"As análises de Steven são de natureza diferente", ri Alberto. "Para ele trata-se de segurança imediata, enquanto as minhas análises servem para proporcionar-lhe a ele e os seus colegas maior segurança no longo prazo."

"Podes explicar?" pergunta Paulo.

"Continuo a trabalhar no ramo da auto-aprendizagem no âmbito da inteligência electrónica", responde Alberto, "e actualmente a minha equipa de trabalho desenvolve e testa uma nova geração de dispositivos de piloto automático para auxiliar pilotos humanos em ambientes em rápida mudança. Na atmosfera da terra envolve basicamente as hoje frequentes condições meteorológicas instáveis e repentinos problemas mecânicos ou eletrónicos quando ocorrem falhas no escudo magnético a volta do planeta; fora da atmosfera da Terra envolve a análise e resposta a anomalias não documentadas, através de cenários de voo baseados em situações anteriores potencialmente semelhantes e em interação com pilotos humanos. A velocidade e precisão de comunicação é muito importante, por isso é dada muita atenção à comunicação falada

entre inteligências de origem biológica e não biológica.”
Steven retoma: “O lançamento de uma nave espacial é hoje uma operação cada vez menos arriscada. As listas de verificação no momento da partida são obviamente muito mais complexas do que as da partida de uma aeronave movendo-se perto da tropopausa, mas hoje em dia uma pequena equipa de 2 pilotos e 3 comissários de solo tratam do assunto. O perigo para os voos espaciais reside cada vez mais fora da presença imediata da Terra. Graças ao trabalho de equipas como a de Alberto, a ligação Terra-Lua é quase tão segura como a ligação entre dois aeroportos regionais. Os voos para Marte e para as luas de Júpiter continuam a representar um desafio bem maior. Hoje testamos naves espaciais construídas no espaço. Parece mentira, mas os muitos satélites e armazéns de dados a circular a volta da terra ensinam-nos que são potencialmente mais seguros do que veículos construídos em terra firme. Os objectos construídas no espaço não partem nem pousam em planetas e não sofrem o stress causado por voar na atmosfera com altas velocidades. Mais importante ainda, estes objectos são menos afetadas pela gravidade. Prevejo o uso generalizada de vaivéns apenas como veículo de transporte entre o planeta e os equipamentos espaciais, naves incluídas. A profissão de piloto espacial tornar-se-a completamente diferente da profissão de piloto planetário.”
“Para falar de outra coisa”, diz Paulo. “Catherine contou-me uma vez teres lhe confidenciado que a Terraformação iria avançar mais depressa em Ganymedes e não em Marte. Mas agora enviou-se uma tripulação para Marte. Mudança de planos?”
“Não consigo falar com total liberdade”, responde Steven. “Mas

hoje estou certo que foram dados os primeiros passos para a Terraformação de Marte. Vai demorar um século ou talvez mais até haver uma verdadeira colonização do planeta vermelho. Será utilizada a mesma tecnologia como na Lua para construir instalações semi-enterradas. Durante a primeira fase utilizam-se explosivos de enorme energia para conseguir cavernas artificiais. Só posso dizer que em Ganymedes a transformação é feita de maneira diferente, principalmente devido às pesquisas liderada por Victor Hunt e Chris Danchecker há duas décadas. Muito tem a ver com micro-biologia, fungos e musgos. Tudo resto… não devo e nem posso contar muito mais, mas se estiveres interessado... O pai espiritual de Victor Hunt publicou algumas histórias sob forma de romance parcialmente baseadas no trabalho dele, ou seja, se quiseres recorrer à ficção e ler nas entrelinhas... força," ri Steven.

À tarde Paulo, Alberto e Catherine juntam-se à Greta na biblioteca universitária de Russell Square e no fim do dia Greta acompanha-os para a casa dos pais dela. Paulo conta a neta das suas visitas há muitos anos a Londres e como costumava sair de St Pancras para passear no distrito de Bloomsbury. O Museu Britânico e a livraria Waterstones então em Torrington Place eram sítios de paragem obrigatórios.

No dia seguinte, Paulo instala-se no comboio de regresso para Oostende. As duas últimas carruagens, direção Oostende separadas do resto do comboio em Bruxelas, têm poucos passageiros e o banco ao lado de Paulo esta livre. Ele pega na revista da National Geographic que comprou na estação, porque anuncia uma série de artigos acerca da cultura neanderthal.

Quando o comboio entra no túnel do Canal, ele fecha os olhos para uma soneca.
A breve paragem na chegada em território francês só serve para deixar entrar o pessoal da alfândega. Quando entram no compartimento, os oficiais reparam que Paulo deslizou um pouco enquanto a revista caiu para o chão. Um deles curva-se para apanhar a revista enquanto pede baixinho pelo passaporte. Como Paulo não responde, o homem toca-lhe no ombro. Paulo não reage e o oficial pega Paulo pelo pulso. Este parece morno e sem pulsação. O oficial apanha um choque. Ele chama o colega enquanto procura sentir algum batimento cardíaco no pescoço. O colega pergunta se ha na carruagem algum médico. Ninguém responde. Pede-se por um médico pelo intercomunicador. Quando este aparece ele só pode constatar que Paulo morreu sem possibilidade de reanimação. Os oficiais da alfândega consultam o condutor. Aprendem que o destino final de Paulo não era Bruxelas mas Oostende. Eles localizam o endereço e o número de telefone de Anne entre os seus documentos. Ela é informada do acontecido e contata logo Joana e Catherine que reagem muito transtornadas. Poucos dias depois, as filhas e os netos de Paulo estão em Oostende para acompanhar o espalhar das cinzas no mar.

Seis meses depois da morte de Paulo, Greta chega a Lisboa. Ela está a preparar o seu projeto académico final. Ela decidiu abordar um aspecto da história contemporânea da educação: o surgimento e desenvolvimento de comunidades de aprendizagem na Europa entre os anos 80 do século XX e os primeiros anos 30 do século XXI. Ela já entrevistou

extensivamente a tia-avó Anne Demeester e quatro colegas de trabalho da sua mãe em Londres. Agora quer falar com a tia e entrevistar Hypolite d'Ailleurs. Joana recomenda Greta de explorar a biblioteca de Paulo pois ela acredita que encontrará informação sobre comunidades de aprendizagem e a sua história em contextos institucionais e não institucionais.

Greta muda-se para a casa de Paulo. Pouco depois, Alexandre termina o contrato de arrendamento do estúdio e vai morar na mesma casa. Juntos elaboram um extenso catálogo da biblioteca de Paulo dando continuidade ao que ele já tinha iniciado. Francisco e Amy visitam-nos de vez em quando. Os primos aproveitam esses momentos para lembrar o avô. Conversam frequentemente com Joana. Greta mantém longas vídeo-conversas com a mãe sempre que ela e Alexandre encontram cartas ou fotografias das quais gostavam de obter mais explicações, principalmente do período que antecede à morte de Maria.

Entretanto Greta continua a trabalhar na tese para obter a sua graduação em história da educação. Ela fala com Alexandre da entrevista que fez com Hypolite. A análise que ele faz não é nada optimista. Ele fala por exemplo do papel prejudicial da comunicação social, ironicamente, diz ele, frequentemente na mão de informadores anti-sociais. Sob pressão da indústria do espetáculo as reportagens assemelham-se cada vez mais às imagens de filmes de acção. Há cerca de cem anos, Orson Welles declarou não ter pretendido causar pânico com a sua transmissão em directo em rádio dum fictício ataque alienígena. Mas hoje, as

reportagens parecem mesmo ter essa intenção. O pânico e o medo, diz Hypolite, são boas ferramentas para manter ocupada uma população ignorante e ao mesmo tempo, convencê-la da necessidade de medidas cada vez mais agressivas face ao perigo potencial. O cultivo do medo é útil para sugerir que a tomada de decisões por meios democráticas seja demasiado lenta quando lidar com situações perigosas a degenerar rapidamente. Veicula-se a mensagem o povo ser melhor protegido por um regime autoritário do que por um regime democrático. Hypolite está convicto que os protagonistas deste tipo de regimes arrogantes hoje só encontram resistência por parte de quem insiste na aprendizagem de si e dos outros. No entanto passa-se a mensagem que tais aprendentes constituem um perigo até para a própria humanidade fazendo acreditar que eles questionam valores sociais amplamente promovidos. Os ignorantes manipulados são levados a considerar pedantes os indivíduos críticos e bem informados. Mas Greta e Alexandre observam também a crescente arrogância de grupos de pessoas opondo-se aos governos autoritários. Torna-se cada vez mais difícil obter uma imagem precisa no meio da manipulação e contra-manipulação e de perceber onde fica a informação correta. Mesmo no mundo académico, diz Greta, há quem não se coíbe em divulgar informações duvidosas ou recorrer a plágio para se destacar. A população de académicos arrogantes tende a aumentar à medida que o investimento privado ou opaco substitui o investimento público com regras de transparência. O chamado templo da ciência, diz Greta, corre o risco de se tornar rapidamente o pântano da banalidade e da pseudociência não

verificada em diversas áreas. Hoje em dia os pregadores de dogmas não precisam de grandes instituições internacionais para velozmente ganhar um significativo número de seguidores intolerantes. No tipo de mundo académico hoje em ascensão, frequentemente os defensores de hipóteses opostas assemelham-se mais a hooligans arranjando problemas uns aos outros do que a oponentes. O mundo político mostra o mesmo espetáculo. Quem mais alto grita maiores banalidades é frequentemente quem ganha apoios. Greta vê cada vez mais sinais de aumento de controlo sobre aquelas escolas básicas onde a aprendizagem dialogada ainda é modelo. Ela vê como muitos sistemas escolares nacionais estão a afastar-se das propostas apresentadas há apenas vinte anos atrás para desenvolver mais a *learner agency.* A maioria dos ministérios voltaram para a instrução nas escolas com uma forte supervisão central sobre a aplicação do currículo aprovado. Este desenvolvimento apenas aumenta a resistência dos aprendentes nas comunidades de aprendizagem contra a desinformação e a manipulação arrogante. Para Greta a consequência será mais cedo ou mais tarde o surgir de contra-reações ainda mais intensas.

Depois de um ano e meio de trabalho, a biblioteca de Paulo Demeester está completamente catalogada. Greta e Alexandre dedicaram algum tempo para esboçar histórias enquanto analisaram a base de dados e os documentos. Greta conseguira publicar *The Library Tales* no verão de 2042 graças às muitas sugestões de redação do seu primo. Surgira-lhe a ideia depois de Alexandre contar alguns episódios da sua infância, muitas vezes naquele espaço da biblioteca com livros infantis. Pouco depois

encontraram uma série de cartas imaginárias de Paulo para os netos, guardados no computador. Nas histórias, Greta liga essas cartas a determinados livros infantis; há um que fala dum elefante que perde a tromba, outro acerca duma galinha ruiva cujos amigos deixam fazê-la todo o trabalho, mas mesmo assim querem beneficiar dele, e um livro táctil com o título *That's my owl*. Esses três livros trazem recordações aos três primos… Greta volta para Londres na altura do lançamento de outro conjunto de histórias, e pouco depois defende a sua tese académica.
Alexandre instala-se permanentemente naquela que ambos passaram a chamar '*A casa biblioteca*' com a intenção de abrir parte da casa a quem queira consultar documentos. Entretanto, conhecera a sua alma gémea, a jovem escritora Manuela Neves que vai viver com ele.

Mais um ano passa. Greta teve sorte e arrendou um pequeno apartamento em Bloomsburry, perto da faculdade onde ensina futuros educadores. Hypolite está de visita em casa dos seus pais. Uma noite Catherine liga para dizer que Steve também apareceu e convidando-a para jantar com eles no dia a seguir.
Hypolite e Greta estão contentes de se rever. Ele conta ter estado com a Joana há pouco tempo. Juntos visitaram visitar a casa biblioteca. Alexandre e Manuela receberam durante o ano passado cada vez mais visitas de pessoas interessadas nas comunidades de aprendizagem conscientizantes. Ainda foi felicitar o jovem casal com o nascimento da sua filha Alexandra, mesmo antes de ele sair para Londres. Hypolite tem outra novidade: ele pensa estabelecer-se permanentemente em Londres. Greta pergunta porquê. Catherine conta que lhe

perguntaram se conhecia alguém para orientar uma nova comunidade de aprendizagem para acompanhar projectos regionais em países Africanas tendo sido membros da Commonwealth. Só me lembrei do Hypolite, diz ela com um grande sorriso. Ainda não sabem todos os detalhes, mas basicamente trata-se de uma dupla tarefa. Em Londres irá orientar uma comunidade de aprendizagem dinâmica composta por pessoas envolvidas nesses projetos locais e que vêm a Londres por um período de tempo variável para analisá-los em conjunto. Depois tem à sua disposição a infra-estrutura necessária para, se o desejar ou considerar útil, integrar uma ou outra comunidade local e intervir remotamente.

“Na verdade, a presença de Hypolite é uma espécie de garantia contra a neo-colonização”, provoca Catherine.

“Espero que não seja só isso”, diz Hypolite, “mas podem ter a certeza de que me retirarei sem hesitar de qualquer grupo ou projeto argumentando porquê, se perceber existir tal perigo. Porém a minha primeira impressão da ONG que me oferece este trabalho é positiva. Dão-me a liberdade para examinar por completo com o grupo todos os projetos trazidos e investigar em profundidade os interesses por trás de cada um deles.”

“Pode ser uma tarefa assaz delicada”, pensa Steven, “É difícil afirmar que a exploração do continente africano pelo resto do mundo tenha diminuído, mesmo hoje. E não me refiro apenas aos grupos económicos no Hemisfério Norte que continuam a extrair a grande escala minerais daquele continente, mas também às dinastias e oligarquias locais. Basta olhar para os governantes dos países em tempos chamados exportadores de

petróleo e ver o que fizeram quando gradualmente as poças secaram. Nos últimos vinte anos, a procura de minerais espalhou-se como uma doença maligna por todo o continente."
"E não só", acrescenta Hypolite, "Muitos projetos levando o adjetivo *sustentável* e impostos às populações mais pobres de vários países subsaarianos são na verdade nada mais do que actividades de trabalho manual para recuperar substâncias frequentemente tóxicas de objetos descartados. A palavra sustentável testemunha de cinismo, porque a sustentabilidade do projeto só tem a ver com o contínuo consumo forçado no Hemisfério Norte."
"Isso significa que os grandes grupos de interesse nunca deixaram de colonizar África?" pergunta Greta.
"África, Ásia, América do Sul e qualquer lugar do planeta onde os investidores farejam o cheiro do dinheiro," responde Hypolite. "Apesar de todos os protestos, apesar de todas as ações visíveis e invisíveis de ecologistas, movimentos de jovens e em geral de todos aqueles conscientes da degradação de longo alcance dos ecossistemas, a arrogante conquista do nosso planeta pelo pequeno grupo de topo na escala de valor de Bloomberg continua. Como em toda a história, os tratados que assinam estão cheios de adendos secretos e de muitas lacunas. A tua homónima Greta Thunberg e a geração de jovens que a sucedeu podem muito bem tentar, mas a repressão contra eles aumenta à medida que governos em todo o mundo continuam a corroer a democracia. Embora… democracia… podemos fazer a pergunta se ela alguma vez existiu…"
"Estas a ser muito negativo, Hypolite", diz Alberto. "Não

concordas que, pelo menos depois da Segunda Guerra Mundial, faz agora um século, foram ensaiadas formas de governação democrática mais positivas?”
“Tenho dúvidas, meu amigo”, diz Hypolite. “Quão rápido a angariação de votos não se tornou a principal preocupação daqueles que queriam instalar governos que lhes são favoráveis, tendo como principal atividade difamar os candidatos adversários?”
Steven concorda. “Há muito pergunto-me porque, desde aquela guerra mundial, mas na verdade, mesmo já antes, sempre são os líderes de governo a negociar acordos em nome do Estado-Nação de onde provêm. De acordo com as regras estritas da democracia, os líderes governamentais só deveriam executar uma política previamente elaborada e adoptada pelos parlamentos que representam os eleitores. Quase nunca se refere a obrigação de os órgãos legislativos ratificarem acordos e por quê isso acontece. E quando se refere, o processo é frequentemente apontado como sendo complicado e na verdade impedindo mudanças. Deixa a porta grande aberta para aqueles que arrogantemente tomam o poder ‘em nome do povo’. Entre eles detecto dois campos: o campo dos desonestos e o campo dos paternalistas. No primeiro grupo estão todos aqueles que simplesmente afirmam governar e decidir em nome do povo. Qualquer pessoa incluído neste grupo envolve-se num jogo de sim-não com o parlamento legislativo liderado por representantes pró-governo, o que frequentemente torna impossível uma legislação séria. Entretanto, as decisões servem os grandes grupos económicos,

e são frequentemente tomadas por uma  maioria às vezes também manipulada. E depois há o campo paternalista. Quem se inclui nele toma a atitude de *'nós sabemos como fazê-lo, nós cuidaremos de vocês'*, em vez de explicar, argumentar e deixar os representantes do povo expressar eficazmente no parlamento a opinião das pessoas que os escolheram como representantes. O paternalismo é apenas outra forma de arrogância. E o governo executor resultante depende igualmente de grupos de interesse para permanecer no poder. Ambos os campos consideram-se detentores inquestionáveis do poder e interpretam o conceito de democracia como uma espécie de concordância mútua de periódico ritual da mudança de campo para governar. Poucos aceitam a ideia que a representação é uma atividade de curta duração. E isso acontece porque não se consideram representantes, mas sim proprietários. Naturalmente, as coisas vão de mal a pior quando membros de um dos dois campos se tornam ainda mais arrogantes e já não querem alternar o poder seja qual for a razão. Surgem então os compradores de votos e vendedores de sonhos recorrendo a mentiras, desinformações e insinuações, buscando o voto daqueles primeiro declarados incapazes, mas agora seduzidos com frases como *'Na democracia, o povo tem a última palavra'*. Pessimista? Sim, quando o modelo democrático se degrada para isto."

Catherine diz então: "Há alguns anos tivemos uma longa conversa sobre a artificialidade das fronteiras. Mas não são exatamente as fronteiras uma excelente ferramenta nas mãos daqueles que querem reduzir a democracia à partidocracia e daí

à oligarquia? Uma área limitada onde quem governa cultiva sentimentos nacionalistas entre uma população que não sabe muito…”
“Essa hipótese quase poderia passar por uma teoria da conspiração, mãe”, diz Greta, “mas... sim...”
Hypolite ri: “Mas na verdade achas que concordas com a tua mãe…”
Agora Greta também começa a rir: “És um perigoso leitor da mente”.
Hypolite então diz: “Eu não sabia que tinham conversado sobre fronteiras. Foi sobre aquela famosa observação das *cicatrizes da história*?”
Steven confirma: “Foi quando falei das minhas experiências como piloto na estratosfera e acima, observando a Terra.”
Hypolite acena: “Eu entendo o enquadramento. E, Greta, podemos colocar a hipótese da tua mãe num contexto um pouco mais amplo. Eu sugiro considerar como ponto de partida o poder ser uma consequência do impulso para adquirir riqueza. Qualquer pessoa que experimente tal desenvolvimento de poder usará todos os meios para atingir o seu objetivo. Utilizar fronteiras nacionais para definir um campo de acção é uma boa estratégia e pode ser a base para uma maior expansão. Os maiores jogadores na esfera do poder gostam de Estados Unidos e Organizações Confederais dos Estados-Nação.”

Nos próximos anos Hypolite e Greta cruzam-se com alguma regularidade. Enquanto o primeiro se instala progressivamente em Londres, Greta passa mais tempo em Lisboa, ainda mais quando consegue um espaçoso estúdio junto à *casa biblioteca*

onde Alexandre vive com a família. Joana introduzira a sua sobrinha na universidade onde leciona. Contrataram-na como assistente no curso semestral de pós-graduação organizado pela sua tia. O curso é concebido como uma comunidade de aprendizagem na qual cada participante contribui com uma experiência prática. Cada experiência é analisada no grupo, tendo em atenção a comunicação e as relações subjacentes. Apenas dois anos após o início de curso, Joana e Greta já perceberam que os estudantes integrando a comunidade de aprendizagem durante um semestre são na maioria eles próprios orientadores de comunidades e muitas vezes sentem sofrer uma forma subtil de manipulação na altura da constituição dos grupos. Parece existir uma pressão para se limitarem ao mundo dos privilegiados e não se envolverem demasiado com o resto da população. Os aprendentes são principalmente quadros de empresas de serviços, funcionários de ONG e grupos de estudantes de cursos de maior prestígio. Quem opta por orientar comunidades de aprendizagem conscientizantes no âmbito de associações juvenis ou grupos de reflexão de ecologia e sociologia crítica corre o risco de ser alvo de suspeitas. Alguns estudantes de Joana e Greta trazem exemplos práticos com a intenção de aprender através da análise como continuar a praticar pensamento crítico sem se tornarem vítimas de violência física ou pressão psicológica. Afinal, é perturbador ver os ecossistemas cada vez mais destruídos à escala planetária. Medidas globais muito limitadas são apresentadas como inovadoras e obscurecem o facto de que, ao longo das últimas três décadas, o limite da temperatura

crítica tenha sido continuamente renegociado, resultando em alterações atmosféricas insustentáveis. As pessoas estão a tornar-se cada vez mais vulneráveis a todo tipo de doenças. Implementam-se confusos programas científicos de engenharia genética com o argumento tornarem os ecossistemas mais habitáveis.
O discurso oficial parece ser de dar mais crédito a aprendentes críticos e referenciam-se ilhas de aprendizagem específicas, domínios de estudo e campos de desenvolvimento nos quais as comunidades de aprendizagem são úteis e necessárias. Estes 'defensores' das comunidades de aprendizagem salientam que a sua generalização seria um grande perigo para... a democracia; manipulação subtil e menos subtil.

Terminado o semestre de primavera de 2045, Joana confia Greta pretender desenvolver uma nota explicativa, uma espécie de *Carta do Aprendente*. É necessário esclarecer o caráter conscientizante inerente a uma comunidade de aprendizagem, diz ela. Hoje, continua, o conceito é muitas vezes deliberadamente usado de forma enganosa. Ela quer separar claramente o conceito de aprendente do de aluno instruído, manipulado. Greta mostra-se disposta e desejar-te de ajudar a conceber tal carta. Ela volta para Londres e vai trabalhar a partir de casa, pois ela está grávida. O filho vai nascer em setembro e até lá ela quer ter calma. Sente-se muito feliz por se tornar mãe, embora recusa a revelar a identidade do pai do bebé. Ela apenas diz ambos terem decidido que Greta criará o filho como mãe solteira, discretamente e anonimamente assistida pelo pai.

Poucos dias depois de voltar para Londres, Greta recebe uma

carta por correio eletrónico da sua tia:

*Minha querida sobrinha e colega de trabalho,*

*Está tudo bem contigo e o bebé a caminho?*

*Estou a reunir os meus pensamentos em relação à Carta.*

*Definir o aprendente começa com definir a aprendizagem, acho eu. Não pretendo fornecer uma definição absoluta, mas descrever como entendemos os termos usados na nossa configuração específica. Não quero parecer arrogante :-). Entre nós, aprender é um conceito amplo, não se limita à educação formal. Tal como não limitamos a educação formal aos sistemas escolares.*

*No nosso caso, aprender significa interação ecossistémica para tentar compreender; basta lembrar como tentamos esclarecer esse cenário, exemplificando todas as conexões que um grupo faz, recorrendo àquele jogo em que desenrolamos novelos de lã que passamos uns aos outros. Neste ecossistema, os elementos humanos e não humanos têm o seu lugar. O ensino é um aspecto do trabalho de apoiar a tentar compreender a aprender. Vários aspectos e elementos têm o seu papel num ecossistema. Os elementos humanos têm específicas funções não exclusivas. Qualquer pessoa que medeia num determinado momento pode precisar de mediação noutro. Aprender é interação e é recíproco. Num processo de aprendizagem, todos os participantes são co-autores. Essa é a nossa interpretação do 'learner agency'.*

*Falamos do aprendente quando reconhecemos esta interação e co-autoria numa estrutura temporária ou menos temporária ao qual damos o nome de comunidade de aprendizagem. Uma comunidade temporária atua cooperativamente. Uma comunidade duradoura actua de forma pluralista. No nosso projeto, vemos o pluralismo como um processo interativo. Para*

*nós, o pluralismo não tem nada a ver com minoria versus maioria ou com consenso. Pluralismo tem a ver com atitude: depois de clarificados conceitos, cria-se uma plataforma de interação dialogada, ou seja, de aprendizagem dialogada. A interação pluralista leva a uma compreensão mais profunda da ciência e do princípio da falsificabilidade científica. Com a interação pluralista vemos possíveis modelos de funcionamento em cada hipótese, mas só consideramo-las teoria se puderem ser fornecidas evidências experimentais e observáveis, ficando sempre aceite a possibilidade de falsificação. Portanto, de uma perspectiva social, a democracia não é equiparada à interacção pluralista. Na democracia, num determinado espaço de tempo, aceita-se uma cultura majoritária, tolerante em relação a outras culturas. A tolerância é um acto de submissão, não uma atitude pluralista. Na nossa opinião, uma democracia integradora está menos aberta a outras culturas do que uma democracia tolerante. E nesse sentido uma cultura que exige tolerância em relação a outras culturas, mesmo se ocasionalmente apela ao uso da violência, pode em última análise ser democrático, mas nunca é pluralista. Por outras palavras: uma sociedade que aceita o princípio da maioria, se quiser ser considerada democrática, não tem outra escolha senão aceitar que a qualquer momento uma maioria pode tornar-se uma minoria e vice-versa. Uma democracia tolerante pode ter menos dificuldades a este respeito do que uma democracia integradora. As democracias integradoras têm maior probabilidade de recorrer à violência para defender a cultura da maioria existente, enquanto os indivíduos frustrados de culturas minoritárias também têm maior probabilidade de recorrer à violência.*

*Mas, como disse, para nós o pluralismo é um processo*

*interactivo que nada tem a ver com um processo democrático de tomada de decisão. Acho que uma vez te mostrei uma definição de Diana Eck escrita há mais de quarenta anos. Ela disse algo assim: 'A linguagem do pluralismo é uma de diálogo e encontro, de dar e tomar, de crítica e auto-crítica. Diálogo significa tanto falar como ouvir, e este processo revela simultaneamente entendimentos comuns como diferenças reais. Diálogo não significa que todos sentados 'a mesa' irão concordar entre eles. Pluralismo incorpora o compromisso de estar na mesa — com os seus compromissos'. Para mim, existe a ideia subjacente de que a interacção pluralista nas comunidades de aprendizagem leva, em última análise, o aprendente à atitude ética de não usar os seus próprios compromissos para impedir que outros implementem os seus. Compreender a reciprocidade deste princípio é inerente ao aprendente, e difícil de ser entendido pelo ser instruído ou manipulado.*
*Esta atitude ética envolve um longo processo de sensibilização, sobretudo entre aqueles que têm sede de poder. E isto é necessário porque a atual sociedade de consumo liberal-capitalista, que é mantida por grandes grupos de interesse, é um terreno fértil no qual o aprendente facilmente pode ser manipulado devido à pressão constantemente exercida sobre ele, mas onde não é tão fácil convidar quem é manipulada a se tornar aprendente.*
*O que achas?*
*Beijo da tua tia Joana*

No mesmo dia, Joana escreve a Catherine:

*Oi, querida irmã!*
*Enviei para a tua filha algumas reflexões com a ideia de*

*criar uma espécie de declaração de princípios, uma* Carta do Aprendente. *Ela terá-te contado como as duas primeiras edições do semestre da primavera que organizamos juntos sob forma de comunidade de aprendizagem nos deram mais informações sobre a forma como os conceitos aprendente e comunidade de aprendizagem são usados e, na nossa opinião, abusados. Diz-se de grupos de instrução que são comunidades de aprendizagem e muitas vezes a orientação transforma-se claramente em manipulação. É claro que isto é mais fácil de ver em sistemas escolares quando acolhem algumas 'tendências da moda', e aprendente (learner) e learner agency na escola podem bem ter sido a tendência da moda durante a primeira metade do nosso século. As expectativas subjacentes dos pedagogos e antropogogos institucionais de que aprendentes e comunidades de aprendizagem promoveriam o pensamento crítico foram muito raramente concretizados. A recuperação por aqueles que acompanhavam atentamente a evolução e a viam como uma ameaça à ordem estabelecida foi eficiente. Em alguns Estados-nação onde o princípio da maioria é aplicado de forma autoritária, a repressão burocrática ou mesmo a violência física tem sido a resposta, como sabemos. Noutros Estados-nação, os governantes responderam de forma mais subtil e encapsularam ou remodelaram as comunidades de aprendizagem pouco a pouco. Minha querida irmã, li o que me escreveste acerca da atualização de nossa matriz ignarométrica. A tua proposta está totalmente em linha com as minhas reservas quanto ao abuso do conceito de aprendente. A ideia é de publicar essa atualização no número de* Ignarysis *deste ano. Tenho a esperança prudente de que esta nova matriz em conjunto com a Carta possam*

*ser ferramentas para aqueles que veem a aprendizagem dialogada e a sociedade pluralista como um todo em interação.*
*Um grande beijo da Joana*

Três dias depois, Joana recebe de Greta a seguinte resposta:

*Olá tia Joana,*

*Vai tudo bem. Só o meu estômago sofre com o futuro Sérgio. Sim, tenho agora a certeza. É um menino. Vejo a mãe ainda mais animada do que eu, com a ideia de se tornar avó. Ela tinha alguns ciúmes de ti com os teus netos Paulo e Alexandra. Combinei com o pai do Sérgio que o rapaz terá uma tradução para o português do vosso apelido: então será Sérgio Mestre.*
*A mãe e eu estamos com grande expectativa em relação à Carta de que falas. Logo que tenhas um primeiro rascunho, podes enviá-lo. Entretanto a mãe talvez já te enviou o seu próprio rascunho da nova versão da matriz ignarométrica. Fiz algumas anotações e juntei-as, com o pedido de conferires tudo e propores os esclarecimentos que desejares. Prevê-se a edição de* Ignarysis *para o início de dezembro, aquela na qual gostaríamos de incluir a actualização da matriz. Seria bom portanto a carta do aprendente estar terminada em meados de novembro. Esperamos ter notícias tuas em breve.*
*Beijos das duas.*

Nos meses seguintes, as irmãs Demeester e Greta trocam muitas cartas por correspondência electrónica. No dia 13 de setembro nasce o pequeno Sérgio. Greta recupera rapidamente e em meados de Outubro as três investigadores discutam a proposta de Carta da Joana. Ela será incluída em finais de

Novembro na revista internacional *Learners Review* com o título *Learning in a cooperative learning community and acting in a pluralistic society*. Depois de uma introdução [*O texto completo do artigo da Joana está disponível no Espaço JCD em Bibliopolis*] na qual Joana retoma o que discutiu com a irmã e a sobrinha e com um grupo de trabalho da sua universidade, definindo cada conceito utilizado no contexto da proposta, segue-se o texto com a proposta da própria carta:

(Proposta de) Carta do aprendente

Nós, aprendentes, interagimos uns com os outros com base em projetos de aprendizagem em co-autoria e iniciados numa comunidade de aprendizagem existente ou criada para esse fim, guiados por alguém que possa fazer a ligação com o conhecimento existente necessário para desenvolver o projeto de aprendizagem considerando-se também aprendente.

Como aprendentes, esforçamo-nos para reforçar uma sociedade pluralista e ecologicamente sustentável e aplicamos os seguintes princípios:

(1) Consideramos a evolução da sociedade no nosso planeta não apenas do ponto de vista humano. Outros seres vivos intervêm para a realização de uma sociedade ecológica planetária. Concordamos em evitar formas de pensamento dogmáticas e antropomórficas para o desenvolvimento do conhecimento científico da natureza.

(2) Entendemos que uma visão planetária e universal dos fenómenos só é possível quando nos afastamos da defesa rígida dos interesses locais culturais e outros, muitas vezes incorporados nos currículos nacionais. Afastar-nos significa

ao nosso ver questionar duas crenças aparentemente inamovíveis  e sustentadas por grande parte da população: a cultura universal de atribuir um valor absoluto ao dinheiro e a manutenção de uma espécie de estado de guerra permanente.

(3) Para nós, aprendentes, a sociedade pluralista e ecologicamente sustentável necessita de uma ética cosmopolita. Portanto, na nossa opinião, a auto-avaliação e a avaliação da relação com os outros e com o ambiente observado devem ser abordadas de forma holística. Isto significa que é necessária uma abordagem cooperativa para todo o conhecimento disponível e, portanto, numa comunidade de aprendizagem, todos são *autores* em determinadas áreas e *aprendizes* noutras.

(4) Como aprendentes vemos a escola básica como um espaço cultural inicial que incentiva a cooperar e a demonstrar os perigos da colaboração. Consideramos a acção cooperativa elemento básico para o desenvolvimento de uma sociedade pluralista.

(5) Para escolas básicas que se consideram comunidades de aprendizagem de crianças orientadas por adultos, propomos o modelo da educação dialogada. Evitamos a diversificação normativa e esperamos dos educadores a mediação necessária para permitir que cada elemento do grupo evolua continuamente através de uma constante interacção cruzada com os outros e em que não há espaço para isolamento ou exclusão.

(6) Como aprendentes entendemos que uma sociedade

cooperativa pluralista aplica padrões éticos que diferem dos padrões aplicados por uma sociedade democrática baseada em decisões da maioria. Consideramos que cada comunidade de aprendizagem, qualquer que seja o seu projecto de aprendizagem subjacente, é ao mesmo tempo uma comunidade que pratica uma tomada de decisão pluralista, apoiada por uma ética cosmopolita e, assim, aprende gradualmente a evitar as soluções ambíguas das democracias majoritárias, como sendo a integração, a tolerância e o pluralismo paternalista.

| Ignorancia | Arrogancia | Menos | | | | | Neutral |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | I -5 | I -4 | I -3 | I -2 | I -1 | I 0 |
| M | A 5 | Líder fascista | Investigador comercial | | Mercenário | Líder presunçoso | Líder populista |
| | A 4 | Líder de seita | Beligerante estratégico | Inquisitor religioso | Carrasco | | Líder popular efémero |
| | A 3 | Líder em partidocracia | Criador modos consumistas | Beligerante agressivo | | | |
| | A 2 | Líder democrata liberal | | | Morre pela pátria | | Nacionalista mediocre |
| | A 1 | Líder democracia occidental | Ambientalista tolerante | | Votante crítico | Seguidor crítico | |
| N | A 0 | Líder democrata | Líder de transição | Líder mediocre | | | Cinzentão |
| | A -1 | Líder consensual | Ambientalista compreensivo | Protector legi-timo | Votante infor-mado | Tolerante à integração | |
| | A -2 | Intelectual anti-poder | | | Defensor activo da integração | | |
| | A -3 | Intelectual generalista | Consumidor consciente | Pluralista pa-ternalista | Objector de consciência | | Conciliador mediocre |
| | A -4 | Investigador ético | Pluralista consensual | | | Místico dialogante | Seguidor ingénuo |
| m | A -5 | Pluralista com ética cosmopolita | Diplomata negociador | | Pacifista | | Diplomata consensual |

Matriz 86/121 - Lado esquerdo

As reações a esta proposta de Carta surgem rapidamente e

aumentarão muito mais quando é publicada a matriz ignarométrica atualizada 86/121 em *Ignarysis*.

| Ignorancia Arrogancia | | Neutral | | | | | Mais |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | I 0 | I 1 | I 2 | I 3 | I 4 | I 5 |
| M | A 5 | Líder populista | Arrivista | Teórico conspirações | Braço direito líder populista | Braço direito líder fascista | Anarco bombista alfa |
| | A 4 | Líder popular efémero | Seguidor líder populista | Atacante da cultura | Crente religioso dogmático | Beligerante dogmático | Anarco populista alfa |
| | A 3 | | Conspirador | | Nacionalista xenófobo | Vendedor oportunista | Queimador de livros |
| | A 2 | Nacionalista mediocre | Xenófobo | Nationalista | Xenófobo homófobo | Omnífobo e racista | Anarco intolerante |
| | A 1 | | Intolerante à integração | | | Ambientalista fundamentalista | |
| N | A 0 | Cinzentão | Votante passivo | | Seguidor medi-ocre | | Anarco inofensivo |
| | A -1 | | Seguidor hesitante | | Esperitista | Ambientalista intolerante | Anarco omega |
| | A -2 | | | "*No man*" plebicite | | | Ignorante anti-poder |
| | A -3 | Conciliador mediocre | | "*Yes man*" plebicite | Seguidor de t. de conspiração | Consumidor compulsivo | |
| | A -4 | Seguidor ingénuo | Crente religioso dialogante | | | Cordeiro do poder | Ignorante seita |
| m | A -5 | Diplomata consensual | Integrado | Integrado resignado | | Dá se bem com todos | Bobo da festa |

Matriz 86/121 - Lado direito

Ao vincular explicitamente o conceito de aprendente ao paradigma da comunicação no ensino básico e ao modelo da aprendizagem dialogada nas comunidades de aprendizagem em geral, e ao explicitar a diferença entre uma sociedade pluralista e uma sociedade democrática, Joana e Catherine provocam uma tempestade de reações positivos e críticas negativas no mundo académico e político.

O número de participantes na elaboração da *Carta do Aprendente* aumenta rapidamente e novas comunidades de aprendizagem e fóruns de discussão surgem todos os dias. Estes

grupos estão a ser atacados num tom cada vez mais ameaçador pelos líderes intolerantes que contribuíram para o fim da democracia parlamentar e representativa iniciada pelos liberais na Europa dos séculos XIX e XX. Todas estas reações levam as irmãs Demeester a criarem uma representação ignarométrica da sociedade (ver apendíce). Pela primeira vez, propõem quatro quadrantes com quatro modelos de sociedades utópicas. Referem quatro tipos-ideais de sociedade assumindo ser obviamente impossível de reduzir toda a população mundial aos tipos-ideais da matriz. Para mais, elas explicam o termo *utopia do gato de apartamento*. É um piscar de olhos ao fundador da didática experimental da matemática, George Glaeser. Este escreveu no final do século XX que, em todo rigor, quem não tem conhecimento do mundo exterior ou não tem curiosidade acerca dele, pode passar a vida como sendo pessoa feliz e ignorante. Tal como um *gato de apartamento*, esta pessoa não precisa de matemática, concluiu Glaeser. Come e bebe na hora certa, tem uma boa cama e pode passear alegremente em um ambiente protegido ...

Quando o mundo hierarquicamente organizado se concentra mais especificamente na forma de educação proposta para o ensino primário com crianças, fica claro para as irmãs Demeester e Greta que quem está no poder faz uma forte ligação entre modelo social e paradigma educacional. Elas escreverão sobre isso mais tarde, afirmando que o paradigma instruccional parece ser eficiente para impulsionar as utopias totalitária e do gato de apartamento. Uma combinação do paradigma de instrução e de aprendizagem estimula o

deslizamento em direção à utopia nacionalista. A utopia do pluralismo cooperativo parece ser favoravelmente estimulada pelo paradigma da comunicação.
Enquanto aprendentes Greta e Joana elaboram uma lista de pontos de atenção desejáveis para o ensino primário. Elas revisitam os pedagogos desde o século XIX. Elas retomam a ideia de relacionação com o conhecimento enquanto aprendentes jovens e adultos, para substituir a relação hierárquica e passiva entre crianças que ouvem e adultos que falam. Apontam para a necessária função instituinte de um grupo, há muito defendida por alguns pedagogos e antropogogos, e para uma abordagem cooperativa e flexível de qualquer projeto de aprendizagem. Consideram o resultado dos projetos em si objeto de avaliação, sem classificação. Elas também rejeitam qualquer forma de classificação das crianças aprendentes em comparação com um padrão.

Joana está muito feliz com o modo como os dois filhos ingressam o mundo artístico. Alexandre herdou da mãe o talento para a observação. O seu trabalho mais popular, a coleção de contos, está hoje publicado em cinco idiomas. Ele goza de muita popularidade enquanto jovem escritor. No ano passado Manuela desafiou-o a escrever uma peça de teatro. Ele optou por uma história humorística tendo como pano de fundo a comunicação. Inspirou-se do livro centenário de Raymond Queneau, *Exercice de Style* e apresenta uma peça em que pequenas mudanças numa conversa levam a grandes consequências. Ele conta com a experiência da mãe e a sua colega Ester para abordar a

comunicação sob diferentes ângulos. Como a peça é concebida em forma de diálogo, conta apenas com dois atores em palco. Alexandre e Manuela decidem utilizar a Casa biblioteca Paulo Demeester como pequena sala de teatro, acomodando no máximo 25 espectadores por sessão. As representações ganham por isso um caráter bastante intimista. Aos poucos, as conversas depois do espectáculo vão ganhando relevo e às vezes parece que fazem parte da própria peça. Ao ver isso Francisco pergunta o irmão se não quer trabalhar a peça novamente e usar alguns momentos de discussão. Ele tem uma ideia para uma opereta e incorpora a história numa obra maior a que chama sinfonia cosmopolita. A parte musical está ao cargo duma orquestra de câmara adaptada por Francisco com a introdução de instrumentos tradicionais de diferentes continentes. Ele pede Alexandre de enfatizar as dificuldades de comunicação cultural na reformulação da peça. Conversa com o seu primo Alan acerca das suas ideias. Este lembra-se do amigo de infância de Paulo, hoje lembrado como um importante inovador na música sinfónica e erudita. Alan refere algumas ligações para um repositório na internet. Alguns dias depois Francisco recebe em casa uma caixa de CD's antigos com diversas obras de Frank Nuyts, o compositor em questão. Após a primeira apresentação de *Kosmofony* o jovem compositor de apenas 26 anos afirma a importância do mestre belga enquanto fonte de inspiração.

Alexandre envia um e-mail para Greta, no qual aborda o sucesso do irmão. Ela responde de se lembrar existirem

gravações digitais da obra de Frank Nuyts na biblioteca de Paulo. Anuncia também que virá para Lisboa o mais tardar no próximo semestre da primavera e que tem planos para passar mais tempo em Lisboa.
Como Greta ainda está de licença de maternidade ela arranja tempo para ler as provas do seu novo livro *Ciências no Universo.* Ela baseou esta história mais uma vez em fragmentos da biblioteca do avô. Alexandre e ela entenderam rapidamente como Paulo conectava com fios invisíveis livros de vários tipos. Poder-se-ia falar de círculos. Esta história em particular veio à sua mente quando encontrou o livrinho de Greta Thunberg *No one is too small to make a diference* na altura em que conversava com Joana e Alexandre sobre o novo avanço das pandemias a dificultar mais uma vez planos de viagem. A conversa que tiveram então está bem presente na mente de Greta enquanto ela continua a ler a prova que o editor lhe mandou…

… "Estou a pensar no alerta dado pelos virologistas. O desaparecimento gradual da biodiversidade em combinação com a sobrepopulação está a tornar a espécie humana cada vez mais vulnerável a infecções virais em grande escala," diz Joana. "Até hoje, a engenharia genética para restaurar ou reconstruir ecossistemas causou mais danos do que soluções." Enquanto está a ouvir a tia, Greta folheia o livro da sua homónima e encontra referências a autores: Hogan, Simak, Sagan, Reeves, Eco, Harari. Na última página há dois círculos que intersectam, um contendo aqueles nomes que acabou de ver na margem de outra página e o segundo contendo os nomes Jacques Lecomte, Popper, Bachelard e Jacquard enquanto Foucault fica na

interseção.
Greta mostra os nomes a Joana e a Alexandre. Este diz de repente: “Espera, vi esses nomes com títulos de livros algures num dos cadernos que deixamos aí naquela caixa”.
Depois procurar um pouco, eles encontram o caderno em questão.
Joana folheia-o quando Alexandre aponta para uma página. Ela lê em voz alta: ‘*Depois de ler o livro de Greta Thunberg, lembrei-me dos de Harari, mas também de Jacquard. Nem todos os pontos de ruptura na história podem ser vistos como progresso, são simplesmente pontos de ruptura, vejamos* Homo Sapiens. *Preciso reler* Voici le monde fini; *e depois também Reeves. Agora conheço Sagan quase de cor, depois das conversas com Alexandre sobre o cosmos e os buracos negros. Simak trouxe aquela história de ficção científica na qual o nosso universo ameaça colidir com outro universo. Ele usa portanto mais do que quatro dimensões e está a falar acerca de uma certa energia primitiva, se bem me lembro. Reler! E claro há os livros de Hogan. A própria ideia de uma historiografia completamente diferente é fascinante. Uma história... Ciência no universo, eis a diretriz... Posso recorrer a Eco para falar sobre a natureza arrogante do homem líder e destrutivo e como este homem líder arrogantemente abandona o caminho científico identificado por Popper e Bachelard e, em última análise, põe a humanidade em perigo. Posso ter as epistemes de Foucault como linha condutora?*”
“O avô alguma vez escreveu essa história, tia?” pergunta Greta.
“Nunca encontrei nada do género”, responde Joana, para depois acrescentar, rindo, “mas nunca revi por inteiro aquele monte de

discos rígidos que ele guardava.”
“Alexandre, queres me dar dicas se eu escrever a história?”
"Sim prima, tens uma ideia?"
“Eu estava pensando nas três epistemes que Foucault usa ao abordar o pensamento pós-medieval no Ocidente: uma episteme renascentista, uma episteme classicista e uma episteme modernista. Em *As palavras e as coisas,* como fez antes em *A história da loucura,* ele aponta dois pontos de ruptura epistémicos: o da transição da Renascença para o Classicismo e depois o da transição para a modernidade. ”
“E queres elaborar uma história sobre isso?” pergunta Joana.“Isso não será muito difícil?”
“Estava mais a pensar em utilizá-las enquanto fio condutor. E contar uma história em que um pensador da Renascença encontra pela primeira vez Homo Sapiens de Harari. Muitas possibilidades de escolha existem... Sapiens torna-se contemporâneo de Petrarca, amigo de Erasmo e More, interlocutor de Bruno, Galileu ou Grotius... algo assim. Sagan fala sobre as diferentes fases do pensamento acerca do cosmos, exemplos podem ser encontrados lá. E voltando a Foucault: segundo ele, o pensamento renascentista é dominado por uma visão cosmológica do mundo no qual tudo pode ser ordenado. Neste pensamento domina a busca de semelhança e analogia. Posso usar isso para fazer uma espécie de ligação primitiva com Eco e Ur-fascismo.”
“Mas com Galileu e seus contemporâneos já estás em cima daquele ponto de ruptura que Foucault identifica entre o Renascimento e o Classicismo, certo?”

“Sim, esse ponto de ruptura é bastante subtil. Ordem, identidade e diferença para a representação do mundo. A lógica de Port-Royal, de Blaise Pascal mas também de Descartes e Leibniz estão agora na ordem do dia. É a era da matematização e da mecanização da natureza. Sapiens descobre uma linguagem universal com a qual uma representação pode ser feita do Cosmos. A enciclopédia de Diderot e d’Alembert faz dizer Foucault em *Palavras e coisas*: ‘*a vocação do discurso classisista sempre foi a de criar uma imagem: seja ela um discurso natural, uma coleção de verdades, uma descrição das coisas, um corpus de conhecimento exato ou um dicionário enciclopédico*’. Além dos escritores de ficção científica aos quais o avô se refere, eu poderia inserir aqui outros autores, começando com Cyrano de Bergerac e depois apresentar Bellamy e Morris com *Looking backward* e *News from nowhere* para fazer a transição para a modernidade com Wells e assim por diante até chegar a Hogan e Simak.”

“E o fio condutor?” pergunta Alexandre.

“Foucault introduz a episteme da modernidade com Kant. A vida, o trabalho e a linguagem são elementos de estudo em si. E os objetos de conhecimento em evolução são inúmeros: na economia, a produção substitui a troca, na biologia, a vida substitui os seres vivos, e para a filologia, a linguagem substitui o discurso. Na episteme moderna surgem as ciências humanas e Sapiens aparece como objeto de conhecimento. Segundo Foucault, estas novas ciências mudaram em natureza e forma; é um verdadeiro ponto de ruptura. Sapiens passa a ser objeto de estudo e torna-se ele próprio uma importante questão

epistemológica. Foucault fala da ambiguidade da 'antropologia' entendido como uma abordagem geral, meio positivista, meio filosófica do 'homem' e aqui ele diz: *'Na análise da finitude, o homem é um estranho duplo empírico-transcendental'*. Jacquard é agora a lógica fonte de inspiração para a minha história com *La légende de demain, La légende de la vie, Le souci des pauvres* e *Moi et les autres*, todos livros que estão aqui na biblioteca. Reeves e Sagan levam-nos de volta ao Homem no Cosmos."

"E porque Foucault diz que as ciências humanas saíram do domínio da filosofia, Sapiens encontra Bachelard e Popper?" pergunta Joana.

"Sim, e quero usar outra ideia de Michel Foucault. Ele atribui três domínios às ciências humanas: a região psicológica, a região sociológica e a região da literatura e dos mitos. Posso entrelaçar essa literatura e mitos com Simak e Hogan, mas também com Stephen Fry, que está aqui na biblioteca. Daniel Arnaud e David Runciman podem então fazer a ligação com o fim da democracia. Isso está de acordo com o que Foucault diz sobre as ciências humanas que tendem alcançar a mestria, que aspiram a máscara do poder. Foucault desenvolve a ideia de uma subordinação do conhecimento ao poder, levará-lo a abandonar o conceito de episteme."

"Isso parece me giro. Tens Popper e Bachelard onde os queres ter. Popper com a evolução da ciência ao detectar erros e tentar eliminá-los, e Bachelard com a ação pedagógica construtivista quando diz que experiências negando — ou infirmando — experiências anteriores são interessantes para a evolução do pensamento. Também podes reforçar a reflexão de Harari

acerca do dinheiro como nova religião e usar umas ideias de Humberto Eco sobre o poder totalitário”, observa Joana.

“Sim”, diz Alexandre, “parece mesmo o tipo de história que o avô teria pensado, com o seu jeito de circular entre livros e textos: *Ciências no Universo*. Ajudo-te. O estilo de ficção científica serve a reflexão crítica própria do estilo dos escritores de utopias de que acabamos de falar. Tenhamos alguma prudência relativamente a James Hogan. Como sabes, Victor Hunt e Chris Danchecker ainda estão envolvidos na busca por inteligência extraterrestre em Ganymedes. James Hogan extrapolou, claro, a partir dos seus primeiros trabalhos, exatamente como tu pretendes fazer quando juntas ciência e ficção.”

“Sim, vais me ajudar com isso,” diz Greta. “Não devemos medir as palavras, a intenção é mostrar o perigoso avanço das atitudes totalitárias e intolerantes em relação à ciência e aos pensadores críticos, em relação ao que caracterizas como o aprendente, tia — Greta olha para Joana — mas temos que ter certeza de não colocar as pessoas em perigo. A ignorância leva à violência. Devemos deixar claro que estamos a escrever ficção baseada em situações reais,…”

…Os pensamentos de Greta desviaram e ela relembrou esta conversa. Volta aos dias de hoje e pensa como esta atitude totalitária para a qual apontaram, como esse verdadeiro perigo aumentara tanto em apenas uma geração. O avô vira *Ciências no Universo* como uma espécie de história do futuro quando apontara aquelas ideias por volta de 2025 — ele referira a uma conversa com Alexandre quando este devia ter cinco ou seis

anos. E agora não é uma história do futuro, mas uma espécie de romance que se passa inteiramente no nosso tempo. Ela olha para Sérgio que está a dormir no berço. E pensa na sobrinha e no sobrinho. Como será o mundo de aqui uma geração? Os aprendentes irão sobreviver? Vão a arrogância e a ignorância cada vez maiores no nosso sistema social os silenciar, como já aconteceu em séculos anteriores? A família parece continuar à margem. Greta tenta livrar-se de pensamentos negativos e concentra-se novamente nas provas à sua frente.

## Apêndices.

Escala Bloomberg em 2018

Your Net Worth Number

| Your number | Bottom of your bracket | How many adults in the world are in your bracket | What you can afford | Who |
|---|---|---|---|---|
| -2 | $0.01 | 1.5 billion | Very little. This category includes people with negative net worth. So you're either poor—or a rich person on a bad day, with liabilities exceeding your assets. | Subsistence farmer |
| -1 | $0.10 | | | |
| 0 | $1 | | | |
| 1 | $10 | | | |
| 2 | $100 | | | |
| 3 | $1,000 | 1.7 billion | Cover small emergency without borrowing | Median American renter |
| 4 | $10,000 | 1.3 billion | New car | Median American family headed by someone with no college education |
| 5 | $100,000 | 436 million | Mortgage | Alexandria Ocasio-Cortez (after a year or two on a congressional salary) |
| 6 | $1 million | 40 million | Second home by the shore | Boris Johnson |
| 7 | $10 million | 1.7 million | Third home wherever you want | Ginni Rometty |
| 8 | $100 million | 49,000 | Name on a college building | Rex Tillerson |
| 9 | $1 billion | 2,700 | Name on a college | Silvio Berlusconi |
| 10 | $10 billion | 150 | Sports team in major market | Elon Musk |
| 11 | $100 billion | 2 | Space travel, eradication of polio | Jeff Bezos and Bill Gates. Really, just those two. |

Data: Credit Suisse Global Wealth Report 2018 for worth numbers -2 through 8. Bloomberg Billionaires Index for 9-11. Federal Reserve, Financial Samurai, Bloomberg Reporting, Bloomberg Billionaires Index.

FIGURA 1. QUATRO UTOPIAS-TIPO
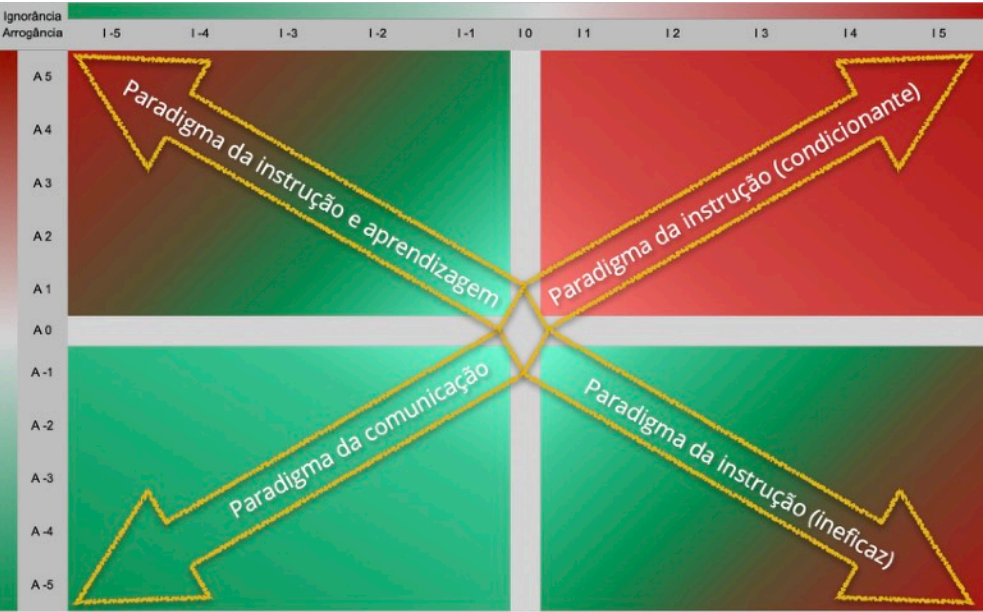
FIGURA 2. ESTÍMULOS TIPO PARA PROCESSOS DE APRENDIZAGEM

*Fim do livro 09*

# Uma estranha carta

Caro Pascal

Aproveitámos uma pequena falha no continuum do espaço tempo para te fazer chegar uma saga dinástica de educadores, pedagogos e antropogogos que foi publicado pela primeira vez em 122.15 (calendário holoceno), o que corresponde ao ano 2215 segundo a contagem do calendário que vocês usem no vosso século XXI.

A dinastia percorre 20 gerações, desde 1630 até 2222. Quando pesquisámos o teu século encontrámos o teu nome e sabemos do teu interesse pela aprendizagem dialogada, razão pela qual te solicitamos a disponibilização dos documentos à medida que te os conseguimos fazer chegar.

Fica descansado. A falha no continuum não irá provocar nenhuma alteração ao passado e ao futuro das pessoas. Só permite o envio de documentos.
Em nome da equipa de co-autores,

Maria Liber

O campo de interesse de Idrissa Zoungrana é a sociologia. Ela estudou detalhadamente a evolução da análise ignarométrica. Foi a razão pela qual se interessou também pela história das irmãs Demeester e pela época em que viveram. Idrissa escreveu a biografia das irmãs baseando-se nos documentos que sobreviveram ao Inverno Vulcânico.

A primeira metade do centésimo vigésimo hectano parece ter sido a época que deu aos aprendentes todas as oportunidades para criarem comunidades de aprendizagem e, assim fazendo, influenciarem os sistemas escolares existentes. Mas a reação contra a aprendizagem dialogada surgiu depressa.
Este livro conta a história de Joana e Catherine Demeester. Elas publicam as matrizes ignarométricas e, com a ajuda da filha de Catherine, Greta Campos, também moldam a primeira *Carta do Aprendente.* Entretanto, Alexandre, filho de Joana, inicia as atividades na Casa-Biblioteca quando a família decide abrir a biblioteca de Paulo Demeester a interessados.